



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**Representações de Gravidez através da narrativa
de três adolescentes.**

Filipa Real Correia Piecho - n.º 19253

Orientador de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Coordenador do Seminário de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

À Professora Maria Emília Marques pela orientação, pela paciência. Por nos mostrar que se pode ver para além do que se vê.

À família. Ao Pai, à Mãe e principalmente à avó Izolete, que foi a primeira a acreditar e apoiar. Obrigada avó.

Ao André, pelo incondicional apoio e à Rosinha.

Aos amigos (muitos)!

Resumo

No presente estudo acedeu-se às representações de Gravidez de três adolescentes através da sua narrativa, captando as nuances do processo adolescente pela leitura das transformações que ocorrem ao nível do corpo e da relação com o outro.

Recorreu-se ao Método da Entrevista Narrativa em Associação Livre. A sua aplicação resultou na obtenção de três narrativas, que foram analisadas em separado e em conjunto, numa análise que procurou o significado emocional que dos conteúdos do discurso das participantes se destacava.

Destacam-se como temas centrais das narrativas, os temas do Corpo, das Dimensões do Feminino-Materno e Masculino-Paterno.

Os resultados evidenciam que a adolescência pode ser considerada em dois momentos: a puberdade e adolescência propriamente dita, com características e problemáticas específicas, que se reflectem na relação consigo (corpo) e na relação com o outro.

Palavras Chave: Adolescência; Corpo; Representações de Gravidez; Narrativa em Associação Livre.

Abstract

The present study aims to assess the representations of Pregnancy, through the narrative of three adolescents, capturing the nuances of their process of adolescence, through the understanding of the transformations occurring in the body and in the relation with the other.

The instrument used was the Free Association Narrative Interview. Its application resulted in the obtaining of three narratives, which were analyzed separately and in conjunction, in an analysis that searched for the emotional significance that stouts out from the contents of the participant's discourse.

The central themes that emerged from the narratives are: the Body, the Dimensions of the Maternal-feminine, and the Paternal-masculine.

The results showed evidence that adolescence may be considered in two key moments: puberty and actual adolescence, with specific characteristics and challenges that reflect on the relation with oneself (body) and in the relation with the other.

Key Words: Adolescence; Body; Representations of Pregnancy; Narrative in Free Association

Índice

Agradecimentos.....	II
Resumo.....	III
Abstract.....	IV
Introdução.....	1
Adolescência.....	3
Objectivo do estudo.....	9
Método.....	10
Tipo de estudo.....	10
Método e Instrumento.....	11
Participantes.....	12
<u>Resultados.....</u>	15
Análise da entrevista narrativa em associação livre - Maria.....	15
Análise da entrevista narrativa em associação livre - Joana.....	20
Análise da entrevista narrativa em associação livre - Ana.....	27
Análise dos grandes temas - Maria.....	33
Análise dos grandes temas - Joana.....	36
Análise dos grandes temas - Ana.....	40
Discussão.....	45
Conclusão.....	52
Referências.....	54
Anexo A – Entrevista Maria.....	56
Anexo B – Entrevista Joana.....	67
Anexo C – Entrevista Ana.....	91

Introdução

Escolher um tema para este trabalho, como aliás qualquer outra escolha, acarreta sempre optar e decidir sobre uma quantidade de coisas, que nos interessam, pela curiosidade científica mas também pelo afecto que transportam. Escolher é, com efeito, um acto que nos permitimos quase constantemente, sem sequer tomar consciência plena desse mesmo acto. Assim, habituamo-nos a fazer uso desta função, de um modo tão automático, que quase não paramos para pensar e pesar as motivações (inconscientes) dessa mesma escolha.

Das infinitas opções existentes, sobressaía o interesse em encontrar um tema que não se ativesse à identificação e estudo do patológico, privilegiando os referenciais psicopatológicos e o seu uso dominante para o diagnóstico, mas que procurasse conhecer e abordar o sujeito psicológico sob uma outra perspectiva, de conhecimento e encontro com a sua subjectividade.

Escolhemos trabalhar sobre o Feminino e a Gravidez, mas num grupo restrito: a Adolescência. Considera-se a adolescência um período particularmente rico nas alterações e reestruturações que nos reenviam para os processos de integração e reintegração, necessários à constituição da autonomia feminina. A gravidez por remeter para o que de mais feminino se pode afirmar, incorporando a resposta à reformulação das identificações com o *materno* e com o *feminino*, acaba por se assumir como tema central no situar das adolescentes face à sua feminilidade.

Deste modo, interessava-nos a adolescência, na sua expressão feminina e a gravidez, pela perspectiva de um corpo em mudança/transformação.

Pretende-se captar as nuances do processo adolescente, expressas precisamente pelas transformações que ocorrem na adolescência, essencialmente ao nível do corpo e na relação com o Outro, também materno-feminino e paterno-masculino.

Assim, na primeira parte do trabalho será feita uma exposição teórica em torno da Adolescência, sob uma perspectiva dinâmica (referencial teórico que optamos por privilegiar).

Em seguida, apresentamos o Método – F.A.N.I., Entrevista Narrativa em Associação Livre (Hollway & Jefferson, 2000), através do qual se procedeu à recolha e análise dos dados. Tanto o método como os seus pressupostos serão explicitados em articulação com a natureza do estudo.

Os dados recolhidos foram analisados com o intuito de caracterizar as expressões de cada uma das participantes (adolescentes) bem como os elementos comuns e distintos que se destacaram. No fim desta análise, constituiu-se o objectivo de, compreender as dinâmicas dos

processos e expressões que caracterizam o processo adolescente na sua dupla expressão – puberdade e adolescência, em articulação com a percepção da gravidez.

Segue-se a apresentação dos resultados, em que se realizou num primeiro momento uma leitura compreensiva de cada narrativa, e depois uma leitura no sentido de uma análise conjunta, onde se agrupa as expressões e referências das três adolescentes em temas que se revelam centrais na sua experiência/vivência.

Por fim, procede-se à realização da discussão, com a interligação dos grandes temas destacados nas entrevistas e a literatura revisitada/consultada. E conclusão final do trabalho, do seu impacto, contribuição como possível ponto de partida para novos estudos.

Adolescência

A adolescência, como objecto de estudo, tem sido amplamente estudado, caracterizado e retratado através de vários modelos e metodologias.

Se pensarmos no paradigma psicanalítico, as concepções oscilam, por vezes, entre, traços com sentidos quase opostos, isto é, ou a adolescência e o risco, estudada na relação com a psicopatologia ou, a adolescência sob o olhar da criatividade e consolidação (Marques, 2001).

Considerando-se os trabalhos mais recentes, onde estas concepções estarão menos extremadas, podemos pensar em três modelos que, não podendo ser tomados/considerados separadamente nem sequencialmente, constituem-se como formas de olhar e reflectir sobre a adolescência. Assim, segundo Marques (2001), um primeiro modelo, modelo estrutural, onde é valorizada a submersão ou fragilização do Ego pelo aumento da tensão e onde é destacada a constituição das instâncias ideais; um segundo modelo, centrado na análise das discontinuidades e nas formas de integração impostas por estas, no qual são destacadas as principais tarefas a realizar neste período (é retomada a separação e movimento no sentido da autonomia face ao parental), estas tarefas seriam concebidas como sendo uma nova reactivação do conflito edipiano ou como estando ligadas ao processo de luto; por fim um terceiro modelo no qual se pretende sublinhar as transformações que ocorrem na adolescência, assim como a necessidade de criar algo de novo, novas estruturas e novas relações de objecto.

Com efeito, a adolescência surge assim caracterizada como período em que ocorrem *processos* importantes e fulcrais, para o desenvolvimento, com características diferentes dos que ocorrem no adulto e na criança. Um período de *transição* da infância para a idade adulta e do antigo para o novo. Marques (2001) refere, que estes processos podem ser descritos numa lógica de colisão, ruptura ou descontinuidade dentro do próprio sujeito e do sujeito com o Outro, este outro que é o igual ou semelhante e o diferente ou ainda o familiar e o extrafamiliar (ou estranho).

Existem muitas adolescências, consoante cada infância, cada fase de maturação, cada família, cada cultura. A adolescência como processo que comporta crescimento e maturação, no qual se impõe um *novo corpo* e *novas relações de objecto*, em que há mudança de objecto de amor (do objecto infantil para procura do objecto libidinal da idade adulta) e de objectivo (de objectivos narcísicos, de amor captativo, para objectivos genitais, de amor criativo (Matos, 1982-83)).

A ambivalência sentida neste período, relaciona-se assim, com as transformações globais que envolvem o sujeito mas também o sujeito e o *outro* e ainda mais amplamente envolvendo também o *corpus* social e os valores dominantes.

A este propósito, Matos refere, “*O adolescente provoca, muitas vezes, medo às ‘pessoas grandes’... E faz medo, porquê? Pelo ímpeto do seu impulso, pela certeza da sua convicção. Numa palavra: por aquilo que, saudosamente, falha no adulto; por tudo o que o desgaste do tempo e a adaptação forçada lhe fizeram perder. Descadeia medo na ‘pessoa grande’ porque esta espelha o seu desejo e o seu fantasma (não inteiramente assumidos e consciencializados para que uma elaboração autêntica os comMariabilize com o real existente e na perspectiva dinâmica da necessária mudança a imprimir-lhe).*” (Matos, 2002, p.93).

Coexistem todavia, nesta fase, desejos ambivalentes de crescer e regredir, avanços e hesitações, de autonomia e de dependência, de ligação ao passado e de vontade de se projectar no futuro.

Blos (1985) sublinha uma diferença significativa entre os conceitos de adolescência e puberdade. A puberdade estaria mais associada a manifestações físicas de maturação sexual, enquanto a adolescência estaria mais ligada a processos psicológicos de adaptação à própria puberdade.

A adolescência é para Blos (1985) a quarta fase do desenvolvimento psicosexual, denominada por fase genital. O autor divide, assim, a adolescência em fases de desenvolvimento distintas umas das outras, tendo cada fase as suas exigências e as suas especificidades.

Deste modo, surge um período de latência, que fortalece o Ego preparando-o para lidar com as pulsões na puberdade.

A seguir a este período, surge a pré-adolescência em que há um aumento quantitativo da pulsão, que leva ao aparecimento da pré-genitalidade, chegando ao fim o período de latência.

Surge de seguida a fase denominada por escolha objectal adolescente. Nesta fase há uma passagem da pulsão quantitativa para a qualidade da pulsão, fazendo com que a genitalidade assuma um papel fulcral, passando as relações objectais a figurar em primeiro plano.

Segue-se a adolescência inicial, em que predominam as escolhas objectais narcísicas, ou seja, procura de pares do mesmo sexo.

A adolescência propriamente dita é a fase onde há o encontro do objecto heterossexual, possibilitado pelo abandono das posições narcísicas e bissexual. Nesta fase, o complexo de Édipo reaparece e há uma desvinculação dos objectos de amor iniciais, levando o sujeito a procurar novos objectos.

A adolescência como período de transformação, é inaugurado pelas modificações corporais da puberdade, assumindo estas um papel fulcral no reposicionamento do sujeito face a ele e face ao outro.

O corpo transporta a síntese entre o biológico e o psicológico, constituindo-se como *palco* da unidade psicossomática que constitui o próprio sujeito, onde se desenrola uma história povoada de fantasmas, sensações, inquietudes, desejos e realizações.

A Adolescência onde se inscreve este sujeito *psico-corporal*, dá lugar a um processo de transformação que se inicia na puberdade, pela evidência do corpo em alteração (Birraux, 1990).

O corpo pubertário, anunciando a nova capacidade física e psíquica da procriação, assume o comando da organização (interna e externa) do processo adolescente (Birraux, 1990). Este corpo em transformação, edificação e sexuação (Birraux, 1990), é recebido, entre o desejo e a *confusão*, reenviando o sujeito para o passado recente do seu corpo infantil, conhecido na forma e na função, e confrontando-o com este novo corpo que, sendo o mesmo, é sentido como desconhecido e misterioso, sexualmente em maturação (Marques, 2001).

Cahn (1991 cit por Marques, 2001) fala em *inquietante estranheza*, o familiar e o estranho num mesmo objecto, para sublinhar a vivência de catástrofe, nos limites entre a ruptura e a religação.

A adolescência é, desta forma, um tempo de construção de uma *representação de si diferenciada e de experienciar de outro modo*, num percurso que vai da bissexualidade à escolha masculino/feminino (Marques, 2001). O processo adolescente acontece assim, por diferenciação e integração progressivas, donde a partir da alteração e maturação corporal se organiza, emergindo um Outro com qualidades diferentes, impondo-se novas representações e investimentos.

A necessidade que o adolescente tem de se autonomizar, irá influenciar todas estas transformações relacionais, dele para com ele e dele para com o outro. A autonomia constitui-se assim como tarefa central do período adolescente.

Blos (1985) na sequência dos trabalhos de Mahler, enfatiza os processos de separação-individuação, característicos do acesso à autonomia adolescente. Para o autor, estes processos permitem a aquisição da independência, da individualidade e, em última análise, a formação de um Eu bem delimitado bem como, a criação do Ideal do Eu.

O processo de autonomização adolescente sustenta, pois uma estreita interdependência com os processos de individuação, iniciados na infância precoce, tomando o sentido de *princípio organizador fundamental do crescimento humano* (Fleming, 1993).

Segundo Fleming (1993) o desejo e a necessidade que o sujeito sente em ser autónomo, exerce, no processo adolescente, um movimento de progressão e de desenvolvimento, implicando mudanças nas relações e nas representações de si próprio e do outro. Esta aquisição de autonomia surgirá através de conquistas ao nível da apropriação do corpo e da aquisição de um espaço mental para o sujeito poder pensar e para se relacionar no meio extrafamiliar, passando o grupo de pares a assumir um papel relevante na sua vida, por vezes suprimindo mesmo o grupo familiar. Contudo não se trata de um ataque ao vínculo parental, mas sim à autoridade parental.

Neste sentido, a autonomia assumirá o valor de um processo gradual de auto-regulação, cada vez menos na dependência parental, possibilitando o acesso a padrões de comportamento, regulados essencialmente pelo Ideal do Eu. Esta instância assumirá, então a qualidade de instância propulsora, onde se instalam as partes do self mais identificadas com as partes boas dos objectos internos parentais, permitindo ao adolescente, projectar-se e projectar o seu próprio futuro com confiança.

Para Flemig (1993) a percepção interna de uma relação entre pais e filhos onde domina o amor, garante uma protecção contra os sofrimentos provocados pela *mudança catastrófica* que ocorre na adolescência, onde há uma reactivação de intensos sentimentos de amor e ódio que presidiram as primeiras relações infantis.

Ticho (in Blum, 1982), chama a atenção para a necessidade da manutenção dos laços emocionais com os pais, e principalmente com a mãe, como forma de tornar possível o alargamento desta *esfera relacional* e o acesso à autonomia feminina. Todavia, tal como na infância, também na adolescência (onde se reactivam estes processos), é importante que a mãe se mostre disponível, durante a sub-fase de aproximação, satisfazendo as exigências regressivas transitórias e permitindo a reintegração dos atributos femininos, num novo registo que denuncia a entrada na genitalidade.

Esta nova posição genital implica a substituição progressiva da possessividade e da dependência ao objecto, pelo amor heterossexual adulto, implicando a passagem relacional, da mãe para o *masculino*. A esta passagem relacional e a esta transição genital está inerente, segundo Begoin-Guignard (1984), a *reapropriação erótica do útero*, na sua relação interna com o conteúdo que o representa. A *reapropriação erótica do útero* envolve, por sua vez, a reelaboração do *conhecimento da vagina*, na sua dupla função *materna* e *feminina* (Brun, 1990).

Annick le Guen (1984), salienta a formação da representação de um *bebé imaginário* no espaço mental da rapariga, desde a relação pré-genital com a mãe, pela devolução feita através deste *duplo narcísico*, de imagens do *Feminino* e do *Materno*. Este *bebé imaginário* – situado num espaço mental

que envolve a relação entre duas mulheres (*Homossexualidade primitiva*), progressivamente enriquecido pelo alargamento deste espaço (*função paterna*) – existe, não com função que fará da rapariga mãe, mas sim, com um sentido de afirmação da Identidade Feminina, numa espécie de reconhecimento interno do útero e da vagina.

Para Samuel Ritvo (in Blum, 1982) o desejo de engravidar, na adolescência, encontra-se fortemente tingido das suas origens edipianas e pré-edipianas, sendo que *a maternidade como ideal tem raízes precoces na identificação da menina com a sua mãe e com os desejos infantis de ter um filho (...)*. Assim, *a gravidez, a maternidade, o nascimento de um filho são, sem dúvida estados importantes, no sentido da realização destes velhos sonhos, inscritos no biológico e enraizados nas experiências e nos ritmos do corpo*. A resposta à ligação destes desejos, quer eles se concretizem, ou não, encontra-se, então, *na história individual das relações objectais, das identificações estabelecidas e no tipo de fixações ocorridas, comparadas com o potencial de desenvolvimento progressivo dos impulsos instituais* (op. Cit., pg. 100).

A afirmação feminina comporta, então, o desejo de exprimir o corpo feminino, numa dinâmica que envolve a história infantil e o desejo de afirmação face à autoridade e onipotência, principalmente da mãe, com quem se identifica em espelho, numa espécie de tentativa de *dispensar* nas suas funções maternas e femininas, conduzindo a adolescente à reintrojecção destas funções.

Segundo Gédance (1983 cit por Marques, 2001), “a construção da feminilidade na rapariga impõe uma aceitação da mãe dessa feminilidade na filha e nela mesma – a imagem que a mãe dá, a forma como se vive como mulher, que relações ela tem com o homem e com o pai – através de um jogo de espelhos e de identificações, numa retomada elaborativa do narcisismo secundário na adolescente, que inclui a tarefa fundamental de *aceitar e amar o novo corpo*” (Marques, 2001, p.276).

Outro aspecto importante, do processo adolescente prende-se com o conceito de identificação. A identificação como um movimento de construção da identidade do sujeito, havendo uma transformação do próprio por apropriação de especificidades do outro.

Erikson (1968) fala de identidade como resultado da subordinação das identificações infantis a um novo tipo de identificações, a identificação entre iguais, de tal modo que da síntese e da integração entre estas identificações, num sistema que privilegia as necessidades e os interesses do *eu*, possa surgir o sentimento de coesão e harmonia interior específica e individual para cada *eu*. Trata-se da estruturação, integração e diferenciação daquilo a que se convencionou chamar *identidade*, conduzindo o adolescente ao espaço da separação que lhe permitirá relacionar-se com o diferente.

Ainda de acordo com Erikson (cit por Fleming, 1993), a formação da identidade será facilitada pelo aumento da autonomia, a qual, por sua vez, será tanto maior quanto mais o processo de individuação for avançando. A formação da identidade do adolescente é constituída pela interação das experiências passadas e presentes que se organizam de um modo coerente.

A identidade é assim conseguida de acordo com sentimentos de confiança, permanência e continuidade, traduzidos na pessoa adulta pelo sentimento de continuidade em relação à sua existência na vida (Erikson, 1968).

Finalmente, cabe-nos sublinhar a adolescência como um processo que se desenrola num tempo e num espaço (psíquico e social) determinados, que implica um trabalho de transformação, construção e consolidação de novas e velhas estruturas, objectos e objectivos, num movimento de recriação. Todavia este processo, de reconstrução e recriação, provoca descontinuidade e desequilíbrio (interno/externo), sendo vivenciado como *doloroso*, uma vez que acarreta vivências de incompletude e falta de coesão/consistência de si (Marques, 2001)

Ainda Marques (2001) refere, a adolescência obriga a um trabalho de consolidação da identidade subjectiva, posta em causa pelas transformações corporais e pelas novas possibilidades que a maturação agora *oferece*, consolidando-se pela conclusão dos processos identificatórios.

Objectivo do estudo

O principal objectivo deste estudo, de carácter qualitativo, consiste em caracterizar e diferenciar as transformações – do corpo e da relação – que ocorrem no processo adolescente, através das representações de gravidez na narrativa de três adolescentes.

A gravidez como símbolo que nos transporta para um corpo potencial, tal com o corpo adolescente, um corpo também ele em transformação, que contém a possibilidade de acesso ao materno, e feminino na sua relação também com o masculino.

A adolescência considerada como período de transformação por excelência, contendo a transição da infância para a idade adulta, do antigo para o novo, impondo novas soluções e uma profunda reorganização do sujeito face a si próprio e face ao outro.

Pretendia-se assim conhecer a natureza e importância das relações que o sujeito estabelece consigo e com os objectos externos, decifrar as relações que se constroem entre si, durante este processo (adolescência) que se vai complexificando pela crescente maturação e desenvolvimento.

O corpo, como eixo central, a partir do qual as transformações tomam forma e se expressam, num movimento disruptivo, que põe em causa as antigas referências, conhecidas e controladas pelo sujeito. Será a partir deste *novo* (corpo, impulso, relação consigo e com o outro), que o sujeito parte rumo a uma nova forma de *ser* e conhecer (conhecer-se).

O objectivo deste trabalho consistiu assim na identificação e caracterização das referidas transformações no processo adolescente, através do convite à livre expressão individual, possibilitada pelo método da Entrevista Narrativa em Associação Livre.

Este método, solicitando e encorajando a livre expressão, dá-nos acesso a material menos contaminado pelas referências e expectativas do entrevistador. Para além de que a livre associação, na qual este método se baseia, permite encontrar um significado emocional, por vezes inconsciente, contido nas ligações entre uma ideia e outra assim como na forma como elas são produzidas na relação específica com o ouvinte (Hollway & Jefferson, 2000).

Assim, solicitando a expressão individual de cada sujeito na sua especificidade e autenticidade, este método possibilita ainda a produção de dados fora do contexto clínico.

Muitos dos trabalhos dedicados à adolescência, centram-se amplamente sobre o não normativo, o risco, esforçando-se por encontrar afinidades entre a adolescência e a psicopatologia. Contudo com este trabalho pretende-se uma aproximação com uma outra concepção, que procura conhecer o sujeito psicológico, e que sem deixar de pensar na adolescência como processo marcado profundamente pela turbulência, não deixa de considerar que os processos mentais patológicos, não diferem dos processos mentais normais tanto pela qualidade mas sim pela quantidade.

Método

Tipo de estudo

Este trabalho inscreve-se nos procedimentos das metodologias qualitativas. A designação – metodologia qualitativa – nas ciências sociais e em psicologia é abrangente, pelo que, importa clarificar em que aspectos/princípios desta metodologia nos inscrevemos.

No seu uso mais convencional, os métodos qualitativos, procurando uma análise mais compreensiva e sensível dos fenómenos, apresentam falhas no que são os seus pressupostos teóricos e metodológicos, comprometendo assim essa mesma análise. São assumidas, pelos investigadores, uma série de assumpções sobre a natureza da pessoa, a sua capacidade de saber sobre si, lembrar e contar à cerca delas próprias. Ainda, o entrevistador selecciona as perguntas a colocar de acordo com os aspectos que considera serem as questões centrais na investigação. Assumindo que, entrevistador e entrevistado partilham significados, ao ponto da questão que é feita pelo entrevistador coincidir com a questão entendida pelo entrevistado e ainda com a questão a que este responde (Hollway & Jefferson, 2010). Já na metodologia quantitativa, correlacional e psicométrica, não é contemplada a condição subjectiva, em tudo o que o termo implica, inerente ao ser humano, oferecendo uma compreensão pouco rica dos fenómenos e experiências da pessoa e da cultura.

Neste trabalho, pretende-se elaborar um estudo de caso, realizado com três adolescentes, com o objectivo de captar e analisar as nuances do processo adolescente, das transformações que nele ocorrem, pelo significado por elas atribuído nas suas narrativas sobre a gravidez.

Segundo Yin (2001) o estudo de caso permite uma investigação em que se preserva as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. Assim, o investigador controla pouco os eventos e o foco encontra-se nos fenómenos que se inserem num contexto da vida real, sentida e experienciada pelos participantes do estudo.

Não é feita, neste caso, uma formulação de hipóteses fixas, os dados a serem analisados dependem do que for encontrado, do que surgir no material recolhido.

Desta forma, o que se pretende é produzir conhecimento partindo do estudo da subjectividade, partindo de uma visão da metodologia qualitativa assente na produção de sentido desenvolvida num processo constante na relação mantida entre investigador e sujeito. Considerando importante não só o que o sujeito diz como o sentido do que diz, o seu envolvimento, permitindo uma produção complexa, condição essencial para construir a complexidade dos problemas abordados a partir desta perspectiva (Rey, 2002).

Ainda segundo esta concepção, o sujeito é visto como um ser psicossocial, que produz significados numa complexa teia relacional.

Método e Instrumento

O método que se escolhe adoptar numa investigação é determinante. O método define o que se pode vir a conhecer ou a pensar, o que poderemos vir a conhecer sobre um assunto ou uma pessoa.

Neste trabalho, o objectivo era ir ao encontro da subjectividade e significados singulares, através da história do indivíduo. Pelo que, se optou por adoptar o Método das Narrativas de Associação Livre (FANI – Free Association Narrative Interview) desenvolvido por Hollway e Jefferson (2000).

Este método é orientado pelo princípio psicanalítico da associação livre, técnica fundamental da psicanálise, em que se encoraja o sujeito a falar livremente, dizendo o que lhe vem ao espírito, sem preocupação ou grande esforço para estruturar o discurso ou as ideias. O que se pretende através da associação livre é apreender o significado emocional, que se encontra nas ligações entre uma ideia e outra, bem como na forma como são produzidas na relação que se cria entre entrevistador e entrevistado. É na intersubjectividade que se cria, na relação que se estabelece no contexto da entrevista, que nasce a narrativa, e através da qual se procura aceder à subjectividade do sujeito e significado emocional.

Outro pressuposto deste método, prende-se com o facto de considerar entrevistador e entrevistado como sujeitos defendidos, produtores de significados. Assim, pela teoria desacreditada da transparência da linguagem (Hollway & Jefferson, 2008), teremos de ter em conta que o discurso produzido pelo entrevistado pode tratar-se apenas de uma mediação da realidade em si mesma, e que em limite não é garantido que pessoas diferentes possam partilhar das mesmas significações.

Pelo que, a Entrevista Narrativa em Associação Livre se deve iniciar com um questão, que neste caso foi: “Gostava que me falasses sobre o que pensas sobre a gravidez?”. A ideia subjacente a esta instrução, é o apelo à construção de narrativas de forma livre, isto é, a pessoa terá assim espaço para estruturar a sua narrativa de forma livre, dando se espaço para a sua subjectividade. Assim segundo Hollway e Jefferson (2010), os critérios básicos para a condução da Entrevista em Associação Livre devem ser, realização de perguntas abertas, devem ser extraídas histórias, a pergunta “Porquê” deve ser evitada (embora intuitiva) e as perguntas e expressões subsequentes devem ser a respeito do que foi dito, não devendo ser introduzidos conteúdos que não tenham sido trazidos pelo entrevistado. Neste sentido, todas as outras intervenções são no sentido de clarificar ou aprofundar o que foi dito pelo entrevistado. O entrevistador deve adoptar uma postura neutra, isto é, não trazendo nada de si à entrevista, mesmo expectativas, para que não exista o risco de as tentar confirmar ou infirmar.

Assim, firmando-se sobre os referenciais teóricos da psicanálise, este método permite o acesso a dimensões latentes do discurso dos sujeitos, disponibilizando elementos interpretativos que podem figurar-se como importantes. Todavia, não são só as dimensões teóricas que auxiliam na tradução do latente no discurso do sujeito, importa também ter em conta as noções de transferência e contratransferência. Freud em 1912, define a transferência como o deslocamento sobre o analista de desejos inconscientes primeiramente dirigidos a uma figura significativa. Sendo que, no seio da relação analítica, esses desejos são experienciados como se da pessoa real do analista se tratasse (Hollway, 2003).

Embora, a situação da Entrevista, seja diluída numa configuração não-clínica, investigadores sensíveis à sua própria transferência e contratransferência, bem como à dos sujeitos que participam na entrevista, podem utilizar estes dados como elementos da investigação, o que permite complementar a sua reflexividade e compreensão dos conteúdos transmitidos (Hollway, 2003).

Participantes

Para realizar este trabalho recorreremos a três adolescentes. Alguns requisitos tinham que ser cumpridos para que pudessem participar, tais como: pertencer a uma população não-clínica, ser do género feminino, ter idades diferentes (para que se pudesse ter uma melhor representação do processo adolescente), e não estarem grávidas. As três participantes foram seleccionadas por conveniência.

A Maria tem treze anos, vive com os pais e com um irmão de dezanove anos. Era a mais tímida das três, com uma aparência de menina, manteve-se envergonhada até ao fim, embora fosse sempre sorrindo. A Joana tem quinze anos, vive com os pais e com uma irmã de sete anos. A mais *despachada* das três, com muito à vontade em contexto social e num contexto estranho, como ea aquele em que se encontrava. Tinha uma postura mais afirmativa e uma aparência mais de *senhora*. E a Ana tem dezassete anos, vive com os pais e com uma irmã de dezasseis anos. Embora também demonstrando sempre à vontade com a situação, tinha uma postura rígida, menos brincalhona.

A Maria e Joana praticam ginástica no mesmo centro desportivo.

As participantes aceitaram prontamente colaborar neste trabalho. Foram informadas sobre o tema da investigação e foi-lhes também comunicado o propósito académico do trabalho. Às duas participantes mais novas foi pedido que os pais assinassem um consentimento informado. Foi assegurado o anonimato da informação por elas fornecida.

Procedimento de recolha das entrevistas

Para a recolha das entrevistas, realizaram-se alguns contactos, inicialmente através de uma pessoa conhecida, com uma Associação Desportiva, onde duas das participantes praticavam ginástica. A terceira participante, surgiu através de um segundo contacto, uma vez que naquela Associação Desportiva não havia nenhuma adolescente mais velha disponível para a entrevista.

As entrevistas decorreram em momentos diferentes. Num primeiro momento, foram realizadas duas entrevistas com as participantes mais novas e, num segundo momento, decorreu a terceira entrevista com a participante mais velha. As duas primeiras entrevistas decorreram num espaço neutro, numa sala cedida num espaço em Cascais, próximo da área de residência das participantes. A terceira entrevista foi realizada no escritório da residência da entrevistadora.

Após o encontro com as participantes, lembrou-se o propósito da entrevista, pediu-se autorização para fazer a gravação da entrevista, garantindo que esta serviria apenas o propósito da transcrição, e que seria apenas ouvida pela entrevistadora, sendo depois transcrita e por fim eliminada. A confidencialidade foi também garantida.

Depois de obtida a autorização por parte das participantes, iniciaram-se as entrevistas, que tiveram durações diferentes, a primeira teve a duração de cerca de 35 minutos, a segunda e a terceira cerca de 50 minutos.

Relativamente à forma como decorreram as entrevistas, salienta-se a forma tranquila como decorreram, notando-se sempre interesse por parte das participantes em colaborar. No entanto, e não obstante o interesse demonstrado em participar, pode referir-se a maior dificuldade sentida durante a primeira entrevista, sentindo-se mais resistência por parte desta participante que, talvez por ser a mais nova das três e o tema poder ter suscitado também algum retraimento/angústia. Contudo, no fim da entrevista, foi sentido também pela entrevistadora o seu retraimento e alguma ansiedade, que se relacionou com o possível mal estar/angústia sentida pela participante ao longo da entrevista.

A segunda entrevista, decorreu de forma mais fluida, refere-se também que a participante nunca demonstrou qualquer timidez, nem perante a situação nem perante a entrevistadora.

A terceira entrevista, decorreu igualmente de forma fluida, a participante era a mais velha das três e demonstrou à vontade face à situação de entrevista.

Procedimento de análise das entrevistas

As entrevistas foram transcritas na íntegra (Anexos A, B e C) e analisadas segundo o método de associação livre (Hollway & Jefferson, 2000).

Depois de transcritas, as entrevistas foram analisadas em três sessões, num grupo constituído pela orientadora de dissertação, o entrevistador e quatro alunos, nas primeiras e três na terceira sessão, constituindo-se assim este como o primeiro momento de análise. Nesta análise, o entrevistador leu a transcrição da entrevista em voz alta e cada um dos membros, incluindo a entrevistadora, ia interferindo livremente de acordo com o que as narrativas iam evocando em cada um. Este processo permite uma análise mais rica e criativa, possibilitando a captação das dinâmicas psíquicas dos participantes reveladas no decorrer do seu discurso. Todos os elementos do grupo tinham presente que deveriam ter em conta, durante a escuta, aspectos específicos do discurso, como o vocabulário utilizado, as repetições, os evitamentos e as incongruências.

De acordo com esta concepção, os participantes são tidos como seres psicossociais, que constroem significados através de uma teia relacional complexa e única. Apesar da subjectividade e especificidade que cada indivíduo tem, a linguagem surge como referencial usado comumente para se expressarem. Todavia, não quer isto dizer que, o que é dito pelo sujeito seja exactamente o que é percebido/ouvido pelo outro, ou mesmo que seja aquilo que o sujeito quer efectivamente transmitir. Pelo que, será neste sentido que a análise em grupo representa uma mais valia, para que os conteúdos destacados traduzam elementos ouvidos por todos, aproximando-se do que o participante está a transmitir (Hollway & Jefferson, 2000).

O segundo momento de análise foi feito individualmente pela entrevistadora, onde se procurou organizar e reanalisar o material analisado em grupo, com os seus significados e constituição dos grandes temas, de cada uma e comum às três narrativas.

Resultados

Análise da entrevista narrativa em associação livre - Maria

Começa por explicitar uma dúvida, sobre a possibilidade de se engravidar: *"(...) podemos esperar ou não esperar, às vezes fazemos um plano, não conseguimos, outras vezes podemos conseguir, outras não conseguir engravidar(...)"*. Parece falar-nos mais da não possibilidade do que da possibilidade, ou seja, parece existir uma sombra da não possibilidade no seu discurso. Neste sentido podemos pensar que, esta não possibilidade de que nos fala, pode traduzir um conflito entre, a possibilidade que não existia e que agora já existe, com um corpo sexuado, abrem-se outras possibilidades. O desenvolvimento pubertário torna possível a realização sexual, e a imaturidade funcional que existia enquanto criança deixa de ter um "papel protector". Completando de seguida com a ideia, que pensa ser generalizada, de que cada vez menos as pessoas pensam em engravidar, *"(...)porque pensam que cada vez dá mais trabalho ficar grávidas. Pode ser um trabalho muito moroso, pode despender muito tempo, muito dinheiro(...)"*, a gravidez é tomada como algo que desorganiza.

Mais à frente, quando questionada sobre uma gravidez não planeada diz-nos, que *"se acontecer algumas pessoas preferem não avançar com a gravidez, preferem abortar. Outras pessoas tentam lidar com a situação e depois mais tarde engravidam"*. Nesta afirmação transparece a ideia de que a gravidez é algo que não tem lugar, uma vez que em qualquer das duas situações descritas, a gravidez não acontece em pleno. Parece que quando fala de gravidez há sempre associada uma ideia de não possibilidade. A ideia de aborto aparece como pano de fundo, uma ideia, cuja origem, neste ponto da entrevista

ainda não era perceptível, contudo a forma como surgia na conversa em diferentes momentos, parecia enunciar algo não compreendido/assimilado por si.

Peço-lhe que me fale da gravidez em si, e a Maria prossegue a sua narrativa num tom muito virado para fora (exterior), para ideias que se ouvem, para o senso comum (para o que é esperado socialmente), fala dos cuidados especiais que se deve ter numa altura dessas. Observamos nestes seus movimentos uma limitação do subjectivo (dificuldade em constituir-se como núcleo subjectivo diferenciado), em que recorre a um discurso mais banal (adaptado) e transparece um certo conformismo no discurso. Ainda a forma como nos vai falando, ou esta ideia que nos passa de que fala do que ouve, do que vê nos outros, leva-nos a pensar que função desempenham estes outros. Parecem ter aqui uma função específica, talvez encobrir coisas suas, que pela intensidade que têm se tornam impossíveis de dizer ou pensar para si, e que por essa razão são colocadas nos outros - projectados nos outros *“(...)eu não sei bem como vai ser(...)do que oiço as outras pessoas dizerem(...)”*.

De seguida tento apelar a que me fale mais da sua forma de ver, da sua percepção sobre o assunto, propondo-lhe que me fale partindo de si enquanto adolescente. Aparece, depois um elemento novo na narrativa, inesperadamente fala-me de algo que parece ter uma valência positiva, contrariando o seu discurso até aqui, refere sobre a gravidez: *“acho que é...eu não sei bem como vai ser...se alguma vez eu engravidar...vai ser super...uma sensação diferente porque do que oiço as outras pessoas dizerem, dizem que é uma sensação maravilhosa estar grávida, ter um filho e estar a carregar um filho”*.

Aqui para além de atribuir, pela primeira vez, algo positivo à gravidez, torna também visível o lugar e a função que o outro desempenha, assim, dentro de uma lógica projectiva o outro pode assumir diferentes formas, servindo neste caso para encobrir as coisas, com as quais não consegue lidar e assumir como suas.

Fala ainda de uma sensação diferente: *“(...)faz sentir que se vai ter uma responsabilidade diferente, que a vida vai mudar(...)”*. É aqui pela primeira vez introduzida na narrativa a possibilidade de mudança com carga positiva, associada à gravidez. É uma frase carregada de esperança, de futuro.

Regressando depois para o lugar anterior, externo, impregnado de crenças alheias, que repete, sem todavia deixar espaço para uma outra possibilidade, diz: *“por exemplo familiares que tiveram filhos gostaram, pronto, gostaram de ter um filho, criá-lo, essa sensação, mas depois há pessoas que acabam por não gostar e abortam”*. Para além da oscilação entre os dois pólos de sentimentos em relação à gravidez,

um pólo que considera positivo, recompensador, gratificante e outro que considera negativo, de desprazer, trabalho e sacrifício, há aqui também uma confusão entre gravidez e maternidade, ora fala das pessoas que gostaram de ter um filho, de criá-lo(que remete para o exercício da maternidade), ora nos fala dos que não gostaram da experiência e abortam (remetendo para uma gravidez que se interrompe). Volta a introduzir aqui a não possibilidade – o aborto, camuflada/encoberta pelo outro, pelas *”(...)pessoas que acabam por não gostar e abortam(...)*”. O aborto volta a surgir assumindo a forma de algo não integrado/compreendido em si, que gera conflito e que projecta/coloca para fora de si.

Perante a introdução da temática do aborto novamente na narrativa, tentou perceber-se se haveria alguma proximidade com alguém que tivesse passado por essa experiência de aborto ou mesmo convivência com alguma grávida. A Maria responde de forma vaga afirmando que não conhece ninguém que lhe seja próximo: *”(...)vejo pessoas na rua mas assim pessoas mais chegadas não (...)”*. Talvez sentindo a dúvida que me pairava no espírito de que haveria alguma história em que pensava quando mencionava este tema(aborto), a Maria conta que a mãe antes de o irmão e ela nascerem, esteve grávida e abortou: *“a minha mãe quando... Antes de ter a mim e ao meu irmão, ela teve um filho também, só que teve um aborto espontâneo. E acho que isso foi muito mau, só que ela queria continuar... Continuou a querer engravidar apesar de ter ficado muito triste e depois engravidou mais duas vezes”*. O facto de o tema já ter sido introduzido tantas vezes por si na narrativa, anteriormente, faz pensar que realmente estamos perante algo que a incomoda, que não compreende e que queria contar e falar, apesar da resistência.

A experiência da mãe com a gravidez/aborto parece provocar-lhe alguma confusão e acrescentar dúvida à dúvida já naturalmente existente no contexto de um corpo em mudança e na sua feminilidade em construção.

A confusão e perplexidade com o tema continua a sentir-se quando questiono se tem ideia de como foi para a mãe estar grávida *“(...)acho que foi como a maioria das pessoas pensam que foi... Que é muito bom. Que é diferente”*. Esta afirmação parece deixar transparecer alguma incerteza quanto à experiência da mãe com a gravidez - como é afinal? Como foi? Que nem tudo o que parece é. De seguida distânciava-se da experiência da mãe/distanciamento de si, e a conversa prossegue focada no que a televisão ou familiares dizem sobre o tema. Novamente mostra um maior investimento no fora (externo) apaziguando talvez tensões internas, distanciando-se, como que tentando mostrar que do assunto nada sabe, que é um assunto que não lhe pertence *“(...) familiares ou os meus pais dizem:*

Ab quando tiveres filhos vais perceber... Assim coisas desse género. E eu às vezes não percebo porque ainda sou muito nova e não percebo o que eles dizem (...)”.

Com a devida distância do momento da entrevista, foi possível perceber que houve sempre um constante movimento meu para convocar a Maria para um sítio onde não lhe era possível estar, pela sua circunstância de pré-adolescente, talvez, (que lhe traz uma vivência de incompletude, de falta de coesão de si, frágil representação de si), que a faz distanciar-se de si.

Estes meus movimentos de convocar a Maria para que me falasse de algo mais próximo de si, da sua subjectividade, surgiam quase como reacção contra-transferencial, a momentos de confusão/aflição que ecoavam em mim, revelando-se agora como aflição/confusão do outro face ao conflito suscitado pelo tema.

Quando questionada sobre o que sentirá uma grávida (outra que não a mãe), a Maria refere que, *“(...)começa a planear o que poderá acontecer, o que poderá correr mal(...)*”. Aqui, como já noutros momentos da sua narrativa, a gravidez surge associada a algo negativo, seja, pelo perigo, pelo transtorno/sacrifício, pelo imprevisto, pelo dano, a gravidez é “sentida”/pensada como desorganizante. Poderíamos talvez pensar que a intensidade da actividade fantasmática em torno das questões do corpo feminino sexuado e em torno do corpo materno, tornam precário o investimento no pensamento e na realidade objectiva, possibilitando a desorganização e desestruturação, dado o confronto implícito com o próprio corpo.

Depois fala das alterações no corpo, *“(...)ao início sentimos enjoos, sentimos muitas dores de cabeça e essas coisas (...)a barriga vai aumentando, o nosso corpo vai sentindo diferente e mais tarde... o corpo não volta a ser como era antes, fica sempre algumas marcas da gravidez. (...)a barriga não volta a ficar lisinha como antes podia estar(...) podem aparecer estrias(...)*”. Esta descrição das alterações físicas, que ficam inscritas no corpo na gravidez, remetem-nos para as alterações que sofre também o corpo da Puberdade (o corpo em transformação). Parece ser possível identificar este paralelo entre um corpo adolescente e um corpo da mulher grávida, sendo o primeiro mais do que um corpo em transformação, um corpo em identificação, com todos os movimentos internos e externos que lhe são inerentes.

Depois de enumerar os sintomas negativos experienciados numa gravidez bem como as alterações físicas que ficam inscritas no corpo da mulher, questiona-se como se sentirá a mulher com isso, a Maria refere *“acho que mãe que é mãe não se vai importar, porque para ter um filho, acho que vale*

a pena ficar com essas marcas”. Para além de elevar a “mãe” a um lugar para lá de humano (não sensível às questões do sentir), torna a maternidade algo quase inatingível, como que afastando essa possibilidade de si.

Volta a enumerar os sacrifícios que uma mãe terá que fazer e como a vida muda completamente, não voltando nunca mais a ser o que era “(...) *não podemos pensar agora só em nós temos que pensar nos nossos filhos, arranjar mais tempo para eles (...) não podemos ter fins de semana livres como tínhamos dantes (...) não podemos fazer tantas coisas como queríamos fazer. Muda muita coisa*”. Parece ter uma representação de mãe sobre-humana, capaz de aguentar todos os males, todos os danos e sacrifícios, e ao mesmo tempo o que descreve remete para uma punição, um castigo a quem tem desejo indevido, um desejo que é reprimido com a punição.

Surge seguidamente, no discurso, uma ideia de mudança, não no sentido anterior – de mudança associada às rotinas, mas mudança no sentido do ser/pensar (associado a uma “evolução”), diz, “*em relação a este assunto, a gravidez, passamos a ter uma ideia diferente do que era antes de engravidarmos. Podemos ter uma ideia, passamos a ter outra (...) passamos a pensar de forma diferente (...)*”. A mudança de que agora fala, parece vir de dentro e não de fora, deixa-se de pensar como se pensava, deixa-se de ser quem se foi. Parece estar aqui implicado o caminho que se percorre para o amadurecimento, o percurso para a estruturação da Identidade Feminina. Um percurso feito de aquisição e integração, do mais arcaico ao mais evoluído, onde se expressa o posicionamento deste feminino face ao “Materno arcaico” (primeiro objecto de relação), face ao “Paterno” (primeiro objecto diferente), face ao “Feminino” (modelo de feminino de identificação) e face ao “Masculino” (complementar e original). A Maria parece ter de uma forma “inconsciente” a noção de que poderá ser diferente do que é agora, refere ainda, “(...) *podíamos achar que a gravidez era uma chatice, que só dava trabalho e depois quando engravidamos podemos pensar de outra maneira, que engravidar é uma coisa muito boa, que gostamos*”. Há um desejo de crescer, e é entre as dúvidas e as hesitações que revela entre uma posição e o seu contrário, num jogo de vai e vem, experienciado na relação consigo e com o outro, que podem nascer novos impulsos e um projecto de futuro.

Depois deste salto para o futuro, voltou-se ao passado e a Maria fala de uma outra idade em que era mais nova e pensava “*Ab! Vou ter imensos filhos, vou ter uma família enorme, vou gostar muito e tal (...)*”, referindo-se talvez a uma outra idade em que pela imaturidade do corpo (um corpo anterior à puberdade) lhe conferia alguma “protecção” e este desejo “bruto”, oral, ávido (ter muitos

filhos) e a fantasia podiam ter lugar. *”Agora penso de outra maneira... vai-se ouvindo muitas coisas, vai-se pensando de outras maneiras(...)à medida que vamos ficando mais velhos vamos conseguindo perceber as coisas de maneira diferente. Depois vamos raciocinando e vamos pensando nisso”*. A realidade dos outros, incluindo a da mãe, foi sendo implicada e temperando o desejo, retirando lugar às suas fantasias anteriores (de muitos filhos). Mais uma vez revelam-se aqui processos identificatórios implicados na adolescência.

Ainda neste exercício de aproximação e afastamento, entre “prós e contras” da gravidez, a Maria refere, *“(...) já houve muitas vezes que eu pensei, se calhar é melhor não ter um filho porque... por exemplo há familiares meus que decidiram não ter filhos. Pronto, porque gostavam mais de viver... dessa maneira de viver, de não ter tantas preocupações, viver mais sozinhos... pronto”*. É aqui introduzida a ideia de casal, onde parece ser possível vislumbrar a expressão da complementaridade na relação com o “diferente”, com a percepção das diferenças entre os sexos e com a evocação de um espaço complementar.

No início da entrevista o discurso da Maria parecia muito colado à experiência da mãe, à realidade da mãe, e ao longo da entrevista parece mostrar que apesar disso vai havendo um afastamento dessa realidade, implicando outras realidades, quando diz, *“(...)vou pensando o que é que será que... porque é que as pessoas pensam isso? Vou pensando se calhar é melhor ter um filho, se calhar é melhor não ter... o que é que pode ser bom ou que é que pode ser mau? O que eu quero para a minha vida no futuro?”*.

E até ao fim da entrevista fala do futuro, assumindo um tom um pouco contrastante com o do início e grande parte da conversa, em que dissecou todos os danos e sacrifícios provocados pela gravidez e maternidade, fala-nos agora da gravidez como projecto de vida, *“é quase como ter um plano. Se não tiver um filho, eu penso o que é que será que eu vou fazer? Trabalhar, casa, trabalhar, casa. Se tiver um filho se calhar vai ser diferente...”*. Nota-se aqui mais uma vez a ambivalência, a dúvida suscitada numa identidade em mudança/construção, a ideia de monotonia associada a uma vida sem filhos (talvez uma ideia de vida próxima da realidade da mãe), um desejo de mudança (crescimento), de fazer diferente, construindo e afirmando a sua identidade subjectiva.

Análise da entrevista narrativa em associação livre - Joana

Depois de lançada a pergunta inicial, a Joana começa por se demarcar de um grupo e ao mesmo tempo demarcar o grupo, afirma: *“eu acho que as adolescentes têm todas uma ideia diferente sobre a gravidez não é. Há sempre adolescentes que são mães muito novas, há outras que não querem ser mães, pronto”*, ou seja, ao mesmo tempo que se afasta de uma ideia de adolescente, generalizada (irresponsável), clama também a heterogeneidade do grupo.

Prossegue firmando a sua posição sobre a gravidez, demarcando-se agora de um outro tempo, *“Eu ultimamente mudei completamente a minha ideia acerca da gravidez. Eu era daquelas meninas que estava coiso de ser mãe, adorava ser mãe, aos 20 anos, nova(...) e agora começo a perceber que talvez não possa ser mãe tão nova como queria(...).”* Um tempo pré-puberdade em que o corpo não sexuado não suscitava conflito, e permitia a fantasia da gravidez de forma tão explícita.

A mudança de opinião parece fundar-se no perigo, a que este novo corpo a(s) sujeita. Conta a história de uma colega da escola com dezasseis anos, que comprova/atesta o perigo de que nos falava, *“(...)descobri que tenho uma colega minha da escola com 16 e já está grávida de 5 meses. E achei uma coisa do outro mundo já estar grávida(...).”* O choque com que a história é contada reflete o medo e a perplexidade face ao confronto com a possibilidade aberta, com um corpo agora sexuado, que remete para a representação simbólica de um corpo maternal e feminino.

A gravidez é vista pela Joana como algo desejável num futuro mas ao mesmo tempo desorganizador, dizendo ainda sobre a colega, *“(...) que achava que tinha estragado a vida dela, que não ia conseguir acabar os estudos ou ir para a faculdade ou acabar o curso”*. E para qual são necessários requisitos que, desta forma, tornam a gravidez algo inacessível a si, neste momento, *“(...) agora tenho que fazer a minha vida, tenho que primeiro arranjar... acabar um curso, arranjar um emprego, e depois pensar em ser mãe (...) obviamente eu adorava e acho que a gravidez não é assim uma coisa tão simples quanto estar com um namorado, arranjar um namorado, um rapaz aí à balda, depois ser mãe 9 meses depois e ficar com um filho assim no meio do nada, não é”*. Apesar de introduzir, nesta afirmação, um rapaz – o outro, este não aparenta ter características de um outro diferente, complementar. A Joana reconhece aqui o masculino e a sua função(correspondência entre sexo e função) mas as características desse outro/relação com o outro parecem indeterminadas, vagas, de carácter neutro.

Volta a centrar-se no cuidado que se deve ter, com os perigos em relação aos quais todos os cuidados são poucos, *“(...)não se pode fazer assim de cabeça fria, acho que tem que se ter cuidado. Que se tem que prevenir algumas coisas, não é. E tem que se ter cuidado com a idade, com o tipo de rapaz que se escolhe etc. Acho isso tudo muito importante”*. Parece tratar-se de algo que tem que repetir muitas vezes para não se esquecer, a proximidade com as questões da sexualidade que a confrontam mais uma vez com o seu próprio corpo (em mudança) tornam explícito este conflito, que tenta desta forma apaziguar. Os rapazes (masculino) aparecem mais uma vez descaracterizados, desvalorizados, estes não surgem como outro com o qual estabeleço uma relação de complementaridade, que pode acrescentar e construir algo comigo, mas como “ameaça”.

Tentou-se clarificar a ideia atrás mencionada, quando refere que tinha mudado de opinião relativamente à gravidez, a Joana volta ao passado, para um tempo que refere como antigamente, em que testava perante a sua mãe o desejo de ser mãe, “(...)mãe posso ser mãe assim para os 16, 17? A minha mãe dizia: claro que não. Estás maluca! (...) não mãe mas eu quero ser mãe nova! (...)”. Esta fantasia de ser mãe ou de gravidez (neste momento não era perceptível o que significava para si uma coisa e outra), era testada na realidade, fazendo lembrar que a maternidade como ideal tem raízes precoces na identificação da menina com a mãe e com um desejo infantil de ter um filho.

Explica, “(...)antigamente eu achava que era: Ah! Olha estamos grávidas, temos o filho, depois os filhos ficam com os nossos pais ou ficam em qualquer lado e depois nós vivemos a nossa vida normal, continuamos a sair, a estar com os amigos. Só que se calhar não é assim(...)”. Fala ainda do que era para si ser mãe, significava “(...) ter uma barriga grande e andar ali com o bebé, depois o bebé nascer sem dor nenhuma e pronto tá feito(...)”. Prossegue mostrando como a realidade se foi impondo na sua fantasia de ser mãe, e como a mãe lhe mostrou a verdadeira história da gravidez, que “ (...) não é nada daquilo que nós idealizamos (...) a minha mãe explicou-me: olha filha não é bem assim... estás ali 9 meses a levar com o bebé, estás ali 9 meses com a barriga a crescer, com vómitos, com dor de cabeça, com má disposição, a ter que ir ao médico (...) pode acontecer qualquer coisa, um aborto(...)”. A mãe refreia a fantasia/desejo da Joana mostrando-lhe um lado duro, de sofrimento, uma realidade talvez próxima da sua experiência de gravidez, que a Joana acolhe, mas não sem se questionar: “será que quero ser mãe? Será que no parto dói muito? Será...”. Este movimento seu de questionar e equacionar a sua realidade implicando a realidade dos outros parece concordante com a fase de desenvolvimento em que se encontra, pelos processos identificatórios que caracterizam a adolescência, onde após a aquisição e integração das duas formas de ser feminino (a primária e a secundária), se caminha para a completude e estabilização destas integrações, tomando o sentido autêntico da identidade feminina, onde se vão inscrever as capacidades de engravidar e ser mãe.

Depois de uma nova incursão a uma ideia passada do que era para si ser mãe, algo que refere como imaturo, em que tudo era fácil, feliz e sem dor, chega à mesma conclusão: “(...)tem que se crescer imenso para se ser mãe nova. Eu pelo menos tenho a certeza absoluta que agora não tenho essa capacidade para ser mãe com esta idade não é? Nem queria (...)”. Fica uma ideia de movimento circular que a Joana faz sempre em torno desta questão, entre uma ideia/ um desejo que tinha de ser mãe, quando se podia permitir à fantasia e agora o conflito gerado com o confronto com um corpo sexuado, reprodutor. O corpo sendo o mesmo é agora sentido como misterioso e desconhecido, um corpo sexualmente em maturação.

Este conflito faz com que distancie de si essa ideia, convencendo-se de que não pode (mesmo que quisesse), não quer, não lhe estando assim acessível ser mãe, seja pelos requisitos económicos, sociais, seja por questões mais práticas como o ter que deixar a ginástica que pratica desde pequena, “(...) mesmo o facto de fazer ginástica, com os estudos e não sei quê, é impensável agora eu ficar grávida e abandonar a ginástica (...) eu não quero isso. Não é o que pretendo”. Abandonar a ginástica seria também sair de uma posição mais infantil, com o que implica crescer, aceitar as mudanças em si e na relação com os outros.

Contudo a Joana passa, de seguida, para um outro registo, da responsabilidade, deixa o registo da dor, dos sofrimentos causados com a gravidez, e refere: “ (...)estar grávida realmente é responsabilidade(...)”, sem deixar de ressaltar (defendendo-se distanciando-se do assunto) que não sabe nada desses sentimentos mas que “ (...) é o que toda a gente diz(...)”, e fala de um sentimento enorme, “ (...) é sentir que temos algo em nós... cá dentro que é mesmo nosso e que nos pertence e que foi feito connosco e que vai ser nosso para o resto da vida. É uma responsabilidade... gigante(...)”. Para além da dor, há ainda uma responsabilidade gigante, “(...) acima do que nós somos capazes, com esta idade”, a maternidade é assim colocada numa posição quase divina, de mudança, mais do que nós humanos somos capazes. Existe uma representação de maternidade excessiva, de intensa e viva que é.

Tentou-se explorar melhor esta sua representação de gravidez, e a Joana continua a falar de “(...) uma sensação que deve ser uma coisa estrondosa saber que está ali qualquer coisa, que o nosso corpo vai mudar completamente(...) É um bocado curioso pensar nesse sentido da gravidez, na parte física(...) o facto de as nossas hormonas se mudarem todas, de termos o desejo de comer coisas estranhíssimas ou de fazer coisas estranhíssimas(...)”. A estranheza da mudança provocada, adjectivada desta forma (estrondosa, estranhíssimo) deixa perceber a ressonância/impacto que o tema tem em si.

Continua a falar de mudança e da estranheza que isso irá provocar, “ (...)quando eu estiver grávida ou...qualquer outra pessoa estiver grávida se calhar vai mudar tudo em termos de corpo físico e de feições, de barriga(...), (...) acho que toda a gente tem medo de mudar o corpo, com é que vai ficar a seguir, de olhar no espelho e não ser aquela pessoa que era antigamente(...)”, a estranheza de deixarmos de nos reconhecer no nosso corpo, deixarmos de ser quem somos, que nos autoriza talvez a pensar que fala aqui da estranheza sentida também perante este novo corpo em transformação, edificação e sexuação, no qual é difícil reconhecer-se e da mudança/ transformação necessária para se poder aceder a algo tão estrondoso como a maternidade.

As alterações físicas que ficam inscritas no corpo também são referidas, “(...) já não vamos ter aqueles abdominais todos definidos, vamos ter a barriga mais flácida... se calhar não vamos conseguir dormir todas

as noites é isso vai-nos fazer ficar com olheiras e isso assusta um bocado, mas acho que depois compensa. Acho que toda a gente acha que compensa, depois...”, como dano causado num corpo que se transforma para aceder a algo superior (alcançar uma identidade feminina plena bem como a maternidade). No entanto ao dizer que o dano físico compensa o ser mãe, reforça a ideia de maternidade como algo divino, superior, conferindo à mulher – mãe um poder quase sobre-humano.

Ao mesmo tempo que confere à mulher – mãe um poder especial (de alguém que suporta o dano, o sofrimento), parece mostrar culpa pelo dano causado, quando diz: “(...) e mesmo hoje em dia, olhamos para as nossas mães e pensamos se calhar tens aí uma gordura que se calhar fui eu que fiz e isso é mau e agora queixas-te disso, se calhar estás-te a queixar de uma coisa que eu fiz(...)”, resultará esta culpa de uma espécie de retaliação da mãe ou esta culpa está relacionada com uma projecção do seu medo/estranheza de alterações do seu corpo que projecta na mãe?

Para além do que fica inscrito no corpo, que é visível (exterior), a Joana fala agora do interior, a propósito de uma exposição que foi ver sobre o corpo humano, refere “(...) na parte em que chegamos ao bebé e percebemos o que acontecia dentro e ver lá bebês e ver como eles eram naquela altura, e o feto e tudo isso, acho que faz... a mim faz-me imensa confusão pensar nisso(...) quando estamos na aula de ciências e a stora diz: Ah porque o útero e não sei quê e alarga... faz-me imensa confusão pensar nisso tudo(...)”. As questões anatómicas, do interior do corpo parecem reactivar e confirmar a importância desta problemática do corpo sexuado, este corpo que, parece agora, tornar-se um objecto passível de agressão. Os elementos que refere (o feto, o útero que alarga) remetem-nos para a feminilidade, feminilidade esta que surge associada à presença inquietante do interior (pouco inteiro). E ainda acrescenta, “(...) acho excelente e uma coisa fora do vulgar nós termos capacidade para fazer isso, capacidade para ter outra pessoa dentro de nós... e todas as alterações que o nosso corpo faz por dentro, desde aparecer leite na mama ou qualquer coisa desse género. Acho que é uma coisa do outro mundo pensarmos nisso... e não me assusta essa parte(...)”. Parece contradizer-se no seu discurso, ao mesmo tempo que mostra perplexidade, confusão e até inquietação quando fala do que se passa no interior do corpo de uma mulher, a seguir diz que essas mesmas questões não a assustam, não deixando de referir antes, que são uma coisa do outro mundo.

A referência a coisas do outro mundo, como coisas de um mundo feminino, de um corpo de mulher (ao qual parece ainda não ter acedido e integrado), que ainda lhe é estranho, “(...)é um fenómeno engraçado e que não nos compete a nós, não é. Mas acho engraçado pensar nisso, nas mudanças que o corpo da mulher faz.” A mudança de assustador e confuso para engraçado, quando se refere ao tema, denota talvez a intensidade fantasmática que o tema suscita. Tentou-se esclarecer o que queria dizer

quando refere que não nos compete a nós, voltando a Joana a fazer uma incursão pelas questões do interior do corpo, “(...) não nos compete a nós as mudanças que há por dentro, a questão de se criar ali o bebé e de o útero ficar maior ou de o leite aparecer na mama. Não nos compete a nós isso vai acontecer (...) eu acho isso inacreditável. Não fazemos nada para isso mudar (...) não nos compete a nós isso mudar, muda e ponto final não podemos fazer nada. Não vamos fazer uma operação para tirar o leite da mama. Acho que isso não se faz... é estranho pensar que não somos nós que mandamos nisso”. Mais uma vez se torna perceptível o quanto estas questões não estão compreendidas e integradas, causando alguma perplexidade, sendo percepcionadas como agressivas para o corpo, porque não controláveis, algo que acontece, que nos é imposto.

Depois das alterações físicas (exterior), da anatomia (interior), surgem na narrativa o que refere como os problemas psicológicos. A Joana refere, “(...) em algumas mulheres pode causar arrependimento, pensar agora fiz isto e não há volta a dar, a não ser que faça um aborto, não há volta a dar, agora estou toda para aqui trocada... pode gerar arrependimento, pode gerar o sentimento de agora o que é que eu faço, e não saber o que se faz (...)”, dá o exemplo da colega da escola grávida que dizia “(...) estou toda trocada, já não penso o que pensava, já não quero o que queria... mudei completamente a minha opinião sobre vários assuntos. Não tenho paciência para nada (...)”. Perante este relato da colega a Joana diz: “(...) eu fiquei tipo a olhar para ela assustada, não é! Não saJoana que isso podia ser assim... não saJoana que o psicológico da mulher podia mudar assim tanto por causa da gravidez... E isso assusta-me”. A sexualidade, a gravidez parecem ser percepcionadas sempre como coisas pouco controláveis, impostas, e são sentidas pela Joana como agressivas para um corpo que sente vulnerável; ou este corpo (agora sexuado) é de tal forma vivido como estranho, que parece existir separado de si.

As alterações num corpo adolescente são agora exploradas e a Joana refere-se a elas como incómodas, “(...) se calhar começar a ficar mais altas, ou ter mais peito ou qualquer coisas desse género, nós começamos a sentir diferentes e... de alguma forma constrangidas para... Que as outras pessoas (...)”, são sentidas por si como incómodas e o olhar do outro sobre si também parece ser sentido como estranho. O outro espelha a estranheza que sente.

Seguidamente faz um paralelo entre as mudanças da puberdade com as mudanças da gravidez, “(...) acho que eu com 15 anos e com as mudanças que começam a aparecer no corpo, acho que ponho isso muito em questão, de pensar agora já me sinto mal com as mudanças, se já me sinto constrangida ou se já não sei o que hei-de fazer quanto mais um dia mais tarde quando estiver grávida não é. Faz-me ter a certeza que não tinha capacidade para ser agora mãe, de todo”. A estranheza provocada por um corpo que se transforma é identificada como semelhante.

A propósito dos constrangimentos provocados pelas vicissitudes da puberdade, parece ser possível captar no discurso da Joana, que mais uma vez nos está a falar desta nova vivência corporal e da estranheza e do medo que estas novas “potencialidades” do corpo provocam. Volta também a referir como sente agora o olhar do outro, como já não pode estar à vontade, “(...)o rapaz ali ou a rapariga ali estejam a comentar se o meu fato de banho está mal posto e hoje em dia já tenho que ter essas preocupações normais, já não me posso sentar como quero, já tenho que estar assim à menina (...)”, quando refere estar assim à menina, parece referir-se a aceitar um nível de feminilidade ao qual ainda não acedeu e integrou completamente e que implica a renúncia de outros aspectos, como até então.

Conta-nos a experiência da prima que foi mãe aos vinte e um anos, de quem é muito próxima, e de como a chocou saber que estava grávida, refere, “(...)senti aquela coisa de, será que te vou perder porque agora estás grávida? Será que isso vai mudar? Mas não mudou nada, agora a bebé tem 4 ou 5 meses e não muda nada, continuo a ter com ela, ela continuou a jogar futebol, retomou os estudos e isso fez-me pensar que se calhar pode-se ser mãe é continuar a ter aquelas prioridades. Mas é completamente diferente(...)”, a dúvida entre uma coisa é o seu oposto, este balanceamento que é feito é testado, implicando a realidade dos outros com quem se vai comparando.

Da gravidez, que já tinha sido referida atrás, como uma coisa estrondosa, a Joana fala-nos agora sobre a maternidade, “(...)é aquela questão de olhar para o bebé e sentir que é nosso, que fomos nós que fizemos, é nosso, pertence-me(...)sentir que aquilo não nos larga de certeza porque eu sou mãe, porque eu vou mandar portanto, não o vou perder. E acho que isso é bom, é uma sensação de segurança (...) que podemos educar da nossa forma, podemos defender os nossos princípios (...) acho que é a parte mais feliz da coisa”. Fala-nos de algo que nos remete para posse, da gravidez/ maternidade como forma de se apossar, apropriar de algo, contudo, esta possessividade leva-nos a pensar que esta nova posição genital implica a substituição progressiva da possessividade e da dependência ao objecto, pelo amor heterossexual adulto, implicando a passagem relacional, da mãe para o “masculino”.

A sexualidade e a gravidez parecem surgir sempre juntas, como se uma implicasse a outra, suscitando o mesmo nível de estranheza e conflito. Refere como seria estranho ter que assumir perante a mãe que estava grávida, “(...) acho que com a gravidez... quando for com a gravidez acho que é uma coisa completamente diferente. Eu vou ter que chegar à minha mãe e dizer: mãe, olha tive relações com um rapaz, se calharia a possibilidade de eu estar grávida(...) acho que isso é uma coisa que não estou pronta para falar com a minha mãe sobre isso. Nem acontecer isso quanto mais(...)”. Faz-nos pensar numa dependência ainda perante a mãe, na ambivalência sentida entre a dependência e a autonomia.

A Joana volta a afirmar que não está pronta para isso, “(...) *acho que as mulheres antes de fazerem isso têm que estar num estado psicológico já de – não, eu quero fazer isto, eu quero mesmo isto. Quero mesmo estar preparada para isto é eu por exemplo não estou*”. Não se percebendo exactamente do que fala, se de uma gravidez se da aceitação da sua sexualidade (início da vida sexual).

Na tentativa de perceber melhor esta relação de inevitabilidade entre sexualidade e gravidez, questionou-se o facto de poder ser um projecto, a Joana refere “(...) *sim... não sendo um projecto também pode correr bem, só que se for um projecto ainda melhor não é. (...)e podemos até começar a falar antes sobre isso. Olha eu gostava um dia de ser mãe. Estou a pensar nisso. Acho que é melhor do que aconteceu e agora o que é que eu faço?*”. Parecia ter sido introduzido no discurso a ideia de casal, de um outro (que é diferente), e questionou-se com quem se teria essa conversa, ao que a Joana responde, “(...) *não sei... cada pessoa tem assim um confidante que conta tudo e mais alguma coisa (...)*”, o que nos fez perceber que está ideia de outro (diferente e complementar) não existia como inicialmente parecia. A ideia de casal, de uma ideia/relação partilhada e construída em complementaridade não existe ainda. Não sendo a mãe, são outros que funcionam igualmente como espelhos (a amiga, a prima), como par.

Em suma, podemos dizer que a Joana nos fala sempre ao longo da narrativa da sua vivência corporal, muito marcada por um sentimento de estranheza, um corpo vulnerável, agora sentido como enfraquecido, um corpo com a marca do medo de ser atacado é agredido (através da sexualidade, da gravidez), mas um corpo com a marca do desejo e da necessidade de crescer, de se transformar.

Análise da entrevista narrativa em associação livre - Ana

No relato da Ana, a gravidez começa por surgir como “(...) *uma coisa para pensar no futuro(...)*”, projecta no futuro afastando, desta forma, a possibilidade no presente. Não só se afasta desta possibilidade através da projecção no futuro como, também a ridiculariza quando diz, “(...) *na adolescência eu acho completamente ridículo(...); (...)*eu pelo menos penso assim, para mim na adolescência é completamente absurdo”, considera a gravidez impensável, agora, porque ridícula e absurda.

Preocupa-se também em deixar clara, a sua posição em relação ao aborto, “(...) *sou completamente contra o aborto! Isso eu sou completamente contra (...)*”, deixando perceber que há desde o primeiro momento uma preocupação em afirmar/firmar uma certa posição face ao tema (gravidez e temas subjacentes), sem que fique espaço para dúvidas em relação ao que pensa sobre o assunto. Esta veemência continua, “(...) *temos que ter várias fases na vida e servem para alguma coisa. Nós agora temos que aproveitar a adolescência. E cada fase da vida nós temos que saber organizá-la bem(...)*”, sente-se uma

necessidade de organização e formatação que possivelmente servem o propósito de apaziguar novos impulsos e conflitos internos.

A excepção é feita se, “(...)for uma coisa planeada e pensada a dois, eu concordo(...)”, deixando as condições bem explícitas, tem que se ter noção do que se está a fazer, fala dos custos “(...)não é uma coisa que nós possamos pagar de um dia para o outro, não, um filho traz-nos despesas para o resto da vida, é como se fosse uma renda de casa infinita(...)”. Os custos monetários, as responsabilidades implicadas numa gravidez parecem dominar o discurso da Ana, “(...)tem imensos custos, tem imensas responsabilidades, temos que saber criá-lo, temos que saber dar ordens(...)”. Há no seu dizer sobre a gravidez um lado funcional (os custos), que se quer bem organizado e formatado (saber dar ordens), que não deixa espaço para a fantasia (aqui tida no seu valor afectivo e elaborante) e desejo. Permitindo-nos pensar que, o confronto e aceitação do seu corpo – agora sexuado, reprodutor e da sua sexualidade, gera angústia suscitando estes movimentos defensivos, que a fazem afastar de si esta possibilidade que, confirmaria a sua nova realidade e caminho para uma feminilidade plena.

Estabelece de seguida a idade a partir da qual julga que os adolescentes se podem considerar crescidos, “(...) eu acho que na adolescência ainda estamos a crescer até aos 23, 24, até acabarmos o curso(...)”, e fala então de se poder engravidar, introduzindo novamente uma série de requisitos prévios. E refere, tal como já anteriormente tinha referido(...se for uma coisa planeada e pensada a dois...), a ideia de casal, de outro complementar (parceiro), quando diz “(...)e sim, se nós estivermos com uma pessoa de que realmente nós gostamos, que achamos que é uma pessoa para ser o pai dos nossos filhos (...)”. Identifica-se, nestas duas afirmações, a expressão da complementaridade na relação com o “diferente”, no entanto, simultaneamente com o decorrer do discurso, parece tratar-se de uma complementaridade que se inscreve nos processos das aquisições infantis, onde não se incluem ainda as integrações genitais, conseguidas ao nível das Identificações Terceárias. Deste modo, o “masculino” surge ainda como uma extensão do “paterno”, não invalidando uma percepção nítida das diferenças entre os sexos e a evocação de um espaço complementar.

Volta aos requisitos que considera necessários para se poder pensar em engravidar, requisitos de ordem social, económica, familiar, deixando a sensação de que nos fala quase de um contracto social, “(...)a partir do momento que nós temos estabilidade tanto social como familiar, económica, tudo, acho que faz sentido engravidar, se é uma coisa que nós queremos porque não podemos obrigar ninguém a fazê-lo. Mas eu acho que é importante para... não só para o país, para o próprio país como também para nós(...)”. Ter um filho como um dever, para connosco, para com a sociedade e para com o país – a nação.

Depois desta afirmação, que se percepcionou com tão pouco desejo e tanto dever, refere sobre ter um filho, “(...)porque é uma coisa, há quem diga, assim por exemplo, os meus pais dizem que é a melhor coisa, que foi a melhor coisa que lhes aconteceu, foi nós nascermos, por isso eu acredito que seja, deve ser uma sensação incrível nós podermos ensinar e educar uma criança que veio de dentro de nós, isso eu acho incrível. Tem é que se ter a noção das coisas”, parece surgir aqui uma emoção positiva ligada à ideia de gravidez.

Tentou-se clarificar esta ideia de coisa incrível, que nos surgia como algo positivo, a Ana tenta explicar e faz um paralelo com algo que se constrói, que é construído por nós “(...)foi uma coisa que nós criámos, é como quando nós somos pequeninos, adoramos criar aqueles puzzles todos, construir tudo. Aquilo é como se fosse, não bem uma construção, é uma educação que nós temos que dar, mas é uma coisa que vem dentro de nós, que fomos nós próprios que criámos... e temos que ensiná-lo... educá-lo para ser o que nós queremos (...)”. Há nesta afirmação elementos que nos remetem, por um lado, para um movimento criativo, de fazer/construir algo novo, diferente, por outro, elementos que remetem para uma repetição (educá-lo para ser o que nós queremos). Acrescenta ainda “(...)o que nós esperamos de um filho é uma reencarnação nossa, supostamente, ou seja, queremos dar-lhe tudo do melhor, dar-lhe uma educação boa para que possa seguir os nossos passos(...)”, mais uma vez somos transportados para uma lógica de repetição, formatação, o replicar de qualquer coisa, seguir os nossos passos como quem faz o mesmo caminho e não um caminho novo, diferente.

Ainda sobre a ideia de um filho ser uma reencarnação nossa acrescenta, “(...)quando criamos um filho, queremos que ele tenha mais ou menos a nossa educação (...) se eu tivesse um filho eu queria que ele tivesse a educação que eu tive. O facto de ser bem educado, o facto de ser católico, o facto de tirar um curso, todas essas coisas e passar por todos os momentos... eu acho que queremos que os nossos filhos tenham um bocado de nós. Não só fisicamente como psicologicamente (...) no fundo nós gostamos que seja assim porque quer dizer que é nosso, que nos identificamos (...)”. Há nesta explicação elementos que nos fazem pensar numa procura de sentido de si, isto é, face a uma representação de si pouco definida (íntegra), a Ana procura definir-se ancorando-se em identificações no exterior, recorrendo ao socializado (ser católico, bem educado, ter um curso), ancorando-se também numa ideia de continuidade em relação aos pais, o querer ser igual, que nos parece anterior ao querer fazer como. Todavia, este balanceamento entre passado e presente parece existir, e dele deverá nascer um impulso para o futuro(autonomia), que se quer diferente.

A Ana faz agora uma incursão sobre como vê a relação ideal, para que se possa ter um filho, e depois de ressaltar o que pode ser uma limitação sua “(...)no ver se calhar um bocado restrito por ser católica (...)”, fala-nos de como considera importante ser com a pessoa certa “(...)com quem nós podemos

usar a palavra amar. Por isso eu acho que é um momento especial e único, supostamente na visão dos católicos tem que ser depois do casamento, ou seja, nós estamos a guardar para aquela pessoa (...) é um passo importante, que eu acho que a gravidez é um passo bastante importante (...), parece falar-nos agora de um requisito moral.

De seguida clarifica algo referido por si, sobre ter um filho, como algo que vem de nós, refere a experiência incrível que deve ser vê-lo “(...) *a crescer dentro de nós (...)*”, estar a “(...) *ser alimentado por nós, nós conseguimos senti-lo, não o conseguimos ver propriamente mas conseguimos transmitir-lhe algumas coisas interiores...e acho que logo aí ele apanha, durante aqueles nove meses, um bocado de nós próprios (...)*”, e neste momento parecia estar a ser introduzido pela Ana algo do domínio da relação, referia-se a uma troca, a uma partilha(entre bebé e mãe). No entanto, parece atrapalhar-se quando a conversa passa para o domínio das questões corporais, e tenta relacionar o que se passa dentro do corpo com o que se passa fora “(...) *é impossível uma criança ou um feto mesmo estar a nascer e não ter, não conseguir guardar algumas coisas... claro que não pensa, não estou a dizer que ele está a pensar mas guardar algumas coisas do sangue... (...)* e logo aí está a crescer, somos nós que o estamos a ensinar a crescer (...)”, conforme vai entrando pelo tema do bebé que está dentro da barriga e o bebé que nasce, a Ana começa a desorganizar mais o discurso e as ideias, “(...) *as grávidas consegue...mas eu acho que ele percebe logo quando a mãe está mal, quando está com dores... tanto que eles às vezes dão pontapés, eu acho que isso não é uma coisa em vão... devem já estar a dizer qualquer coisa com aquilo, apesar de nós não percebermos propriamente o que estão a dizer mas já devem estar a querer dizer alguma coisa (...)*”. Assume com esta afirmação que os bebés, enquanto estão na barriga da mãe (dentro), são capazes de se expressar, manifestam-se, tem a capacidade de perceber estados da mãe, todavia, quando nascem (fora) precisam de ser formatados, é-lhes retirado a possibilidade de expressão livre e criadora (temos que ser todos iguais).

Percepcionando-se esta confusão do dentro e do fora, tentou-se clarificar o significado atribuído aos pontapés do bebé, a Ana diz “(...) *nós não choramos porque sim, nós não estamos tristes porque sim, há sempre uma razão. A não ser que estejamos mal da cabeça. Não acredito que um bebé esteja mal da cabeça logo à nascença. Por isso eu acho que deve ser a única forma de ele se conseguir expressar... não sei se há estudos sobre isso, eu acredito que seja alguma forma de ele tentar dizer: eu estou aqui! (...)* é provável que tenha dores ou uma coisa assim, ou fome, ou mesmo fome... não sei, não sei mesmo porque é (...)”. O interior do corpo(materno) surge como mais libertador, onde é possível o movimento (pontapés), a expressão (de dor, desconforto), mas também surge como desconhecido, causando até alguma angústia, talvez pelo confronto com estas questões metaforicamente ligadas à feminilidade, que surge associada à presença inquietante do interior.

Retoma-se na narrativa algo já mencionado anteriormente, sobre o sentir das grávidas de ter algo a crescer dentro de si, a Ana diz “(...) *deve ser uma coisa no início se calhar estranha porque não é hábito nós termos uma coisa assim a crescer dentro de nós... mas eu acho que dia para dia é um crescimento nosso também... eu acho que nós estamos a evoluir de dia para dia ao ver também o crescimento da barriga, do próprio feto (...) deve ser uma experiência extraordinária (...)*”, fala-nos da estranheza associada à ideia de um corpo habitado, de um crescimento/evolução em conjunto (mãe e bebé), uma experiência extraordinária. Descreve de seguida o que diz ser um momento memorável em que “(...) *cada gravidez é diferente (...), (...) eu acho que cada bebé tem uma novidade própria, tem uma característica própria durante a gravidez (...)*”, esta ideia de que cada gravidez é única, não coincide com a ideia transmitida por si anteriormente quando nos dizia que, “(...) *o que nós esperamos de um filho é uma reencarnação nossa (...)*”. Ora, mais uma vez, a Ana atribui significados diferentes ao dentro e ao fora, isto é, à gravidez em si (dentro do corpo materno) são associadas uma série de características que nos remetem para um lugar onde é possível expressar uma forma de ser única, onde de alguma forma se parece possuir um conhecimento que possibilita essa expressão, conhecimento que parece perder-se cá fora, onde existimos para cumprir uma expectativa de outrem, lugar de repetição.

Como foi acontecendo ao longo da entrevista, a Ana vai balanceando entre lugares de novidade, criatividade, do diferente e lugares do igual, formatado e repetido. Estes lugares parecem surgir de forma alternada no seu discurso, no qual se notava agora alguma atrapalhão quando se referia à gravidez na adolescência em concreto, volta a referir “(...) *gravidez na adolescência também já é um bocado banal mas para mim é chocante na mesma, a mim é uma coisa que faz-me mesmo muita confusão. Eu não me imaginava a ter uma criança (...)*”. Questiona-se o que lhe provoca mais confusão e a Ana refere o risco, fala-nos agora de um risco associado ao corpo, descrito ainda como um corpo infantil, pouco preparado, como que negando (estranhando) o seu corpo agora sexuado, uma vivência do corpo sexuado como possível objecto de agressão “(...) *faz-me confusão as pessoas não terem cuidado. E também me faz confusão os riscos que nós corremos, porque é assim, durante a gravidez durante a adolescência eu acredito que, as pessoas não tenham a barriga suficientemente desenvolvida para ter uma criança, se não nós nascíamos... quer dizer eu estava a nascer na barriga da minha mãe e já tinha uma criança (...)*”. Com esta afirmação parece dizer-nos que não pode engravidar porque nesse caso tinha que ser a mãe. Há de facto um afastamento em relação ao materno, feito pela Ana, mas depois no retorno atrapalha-se. Ou seja, o materno é identificado como separado do eu, no sentido da primeira relação objectal que permite o sentimento da Identidade Subjectiva, mas não é suficientemente introjetado,

no sentido de adquirir uma autonomia própria, neste processo de diferenciação (no sentido da aquisição completa da Identidade Sexuada).

Deixa de lado a lógica do corpo como argumento impeditivo de uma gravidez e fala agora na responsabilidade, diz “(...) *não temos assim muita responsabilidade é a realidade, podemos dizer que temos responsabilidade, podemos dizer que fazemos os trabalhos de casa na escola, que temos boas notas e não sei que. Mas não temos capacidade para ter uma criança (...)*”. Continua a descrever a adolescência como período em que não existe disponibilidade de nenhuma ordem para que se possa ter uma criança, “(...) *nós estamos ainda na escola, queremos é ir sair com os amigos, queremos divertir, e acabamos por ter uma coisa a prender-nos, literalmente (...)*”. Segue num crescendo entre a indignação e o desenhar de um cenário catastrófico “(...) *a criança não vai ter estabilidade porque a maior parte das adolescentes quando engravidam ou não sabem quem é o pai, ou não dizem, ou no dia seguinte já não namoram, nunca vai ter um pai presente e uma mãe... tirando aquelas que vão para instituições, ou mesmo aquelas que acabam por morrer porque abortam*”. Sente-se de facto uma forte reactividade ao simbolismo materno, que todavia parece ser bloqueado através de mecanismos de defesa. A emergência pulsional característica do processo adolescente, parece assim condicionar as capacidades de integração, favorecendo os processos de clivagem e divisão.

A Ana aqui, como no início da entrevista, faz questão de firmar a sua posição sobre o aborto, e num discurso até um pouco confuso e desorganizado refere, “(...) *é muito mau uma pessoa abortar, não me interessa se tem três ou quatro semanas, é um feto que está dentro dele, já está a crescer. Porque nós éramos incapazes de matar um filho que nós já temos aqui ao nosso lado para deixar crescer o da barriga... e na realidade ele já está vivo, a partir do momento em que está na nossa barriga... eu não concordo com o aborto nem em caso de violações (...)*”. Percebe-se que o discurso da Ana é pautado por posições morais muito rígidas, que em simultâneo com a carga pulsional emergente neste período, e as defesas já naturalmente mobilizadas para as neutralizar, dificultam ainda mais os processos de integração e transformação.

O peso atribuído às questões morais (princípios católicos) parecem por vezes conduzir a Ana a formular ideias um pouco infantis, pouco adaptadas à idade que tem, por exemplo quando se refere a questões relacionadas com o seu conhecimento sobre o corpo, construindo falsas crenças (quem faz um aborto morre), ou fantasias pouco adaptadas à idade (não temos a barriga desenvolvida).

A Ana tenta explicar que a gravidez nunca foi um tema no qual pensasse muito, no entanto acaba por se contradizer, “(...) *por acaso nunca foi um tema que pensasse. Não é um tema muito abordado na sociedade adolescente... é claro que falamos: ah adorava ter não sei quantos filhos. Adorava dar-lhes este nome.*

Adorava ensinar-lhes isto que eu sei (...)”. A gravidez é abordada, de forma defendida, ou seja, parece que a forma que usam para ir elaborando e integrando esta nova possibilidade que o corpo agora sexuado oferece, é através deste brincar aos pais/mães projectado no futuro, evitando o contacto com esta realidade no presente. Neste sentido a Ana refere, “(...) *porque nós não... eu acho que um adolescente pensa no futuro mas não é um futuro... pensa num futuro mais próximo. Por exemplo no meu grupo de amigos, todos pensam mais ou menos da mesma forma. Todos querem tirar um curso, todos são católicos, ou seja, perder a virgindade, supostamente, é depois do casamento. Logo aí traz uma distância e não nos leva a pensar tanto no assunto*”.

Análise dos grandes temas - Maria

Corpo

A Maria começa a narrativa a falar de possibilidades e não possibilidades, num balanceamento que acaba por pautar toda a narrativa. Inicialmente este jogo de (im) possibilidades parece relacionar-se com um corpo que, agora, graças ao desenvolvimento pubertário, torna possível a realização sexual e abre portas a um tempo de desarmonia, pela ruptura com equilíbrios que anteriormente existiam, dada a emergência da pulsão sexual, que vai obrigar a reencontrar o sentimento de unidade do corpo, obrigando também à unificação do corpo infantil ao novo corpo sexual (Marques, 2001).

É precisamente esta perda do equilíbrio do corpo de outrora, que faz a Maria afastar de si esta possibilidade (gravidez), tornando-a uma impossibilidade, pelo transtorno, pelo imprevisto, pelo dano, dizendo “(...) *cada vez menos as pessoas pensam em engravidar (...)* cada vez dá mais trabalho ficar grávida. *Pode ser um trabalho muito moroso, pode despende muito tempo, muito dinheiro(...)*”. A gravidez é assim, inicialmente tomada por si como desorganizante, talvez por remeter de forma tão abrupta/directa para a sexualidade e para uma feminilidade, ainda, em transformação/aquisição neste novo corpo.

É a partir da sua vivência neste novo corpo – lugar de novos impulsos, novos afectos e novas representações – que se vai identificando e construindo a sua identidade, é com efeito a partir do novo corpo, também, que a sua narrativa sobre a gravidez foi sendo construída, num jogo de avanços (possibilidade) e recuos (impossibilidade). Assim, quando nos fala das alterações no corpo de uma mulher na gravidez, diz “(...) *ao início sentimos enjoos, sentimos muitas dores de cabeça (...)* a barriga *vai aumentando, o nosso corpo vai sentindo diferente e mais tarde... o corpo não volta a ser como era antes (...)*”,

deixa-nos intuir que há um paralelo/correspondência com as alterações igualmente violentas que acontecem no corpo pubertário.

Fala-nos também a certa altura, de uma outra idade, outro tempo (outro corpo) em que pensava quando era mais nova, “(...) *vou ter imensos filhos, vou ter uma família enorme, vou gostar muito e tal(...)*”, referindo-se a um corpo infantil que, pela imaturidade lhe permitia o desejo, a fantasia. Diz ainda “(...) *Agora penso de outra maneira (...)*”, confirmando que este novo tempo (novo corpo) não lhe permite esta fantasia.

Dimensões do feminino-materno

Ainda dentro desta lógica do jogo de (im)possibilidades, que acompanhou a narrativa da Maria, podemos agora destacar outra hipótese (uma e outra hipótese coexistem,) que nos foi surgindo ao longo da entrevista como possível explicação para o facto da gravidez surgir mais como não possibilidade do que como possibilidade.

O aborto (não possibilidade) foi surgindo na narrativa da Maria, desde o início da entrevista, mesmo que nem sempre de uma forma explícita, a ideia emergia na narrativa, ficando como pano de fundo, como podemos verificar quando afirmava sobre a gravidez, “(...) *podemos esperar ou não esperar, às vezes fazemos um plano, não conseguimos, outras vezes podemos conseguir, outras não conseguir engravidar(...)*”. Há uma incerteza no discurso que acompanha a ideia de gravidez.

Estes momentos foram-se repetindo ao longo da entrevista, deixando sempre presente a incerteza, a ideia de gravidez que nunca tem lugar, que parecia nunca acontecer em pleno, diz, quando se referia a uma gravidez não planeada, “(...) *se acontecer algumas pessoas preferem não avançar com a gravidez, preferem abortar. Outras pessoas tentam lidar com a situação e depois mais tarde engravidam*”. Ora aqui se percebe como esta ideia de não gravidez (aborto) surge colada à ideia de gravidez. Aqui a Maria não deixa espaço para que a gravidez aconteça, uma vez que nas duas situações descritas por si a gravidez nunca acontece em pleno.

O tema – aborto ia emergindo no discurso, de forma intermitente, mesmo quando a conversa parecia não (levar à) ser propícia à introdução do tema, a Maria acabava por conseguir introduzir o tema, neste momento refere, “(...) *por exemplo familiares que tiveram filhos gostaram, pronto, gostaram de ter um filho, criá-lo, essa sensação, mas depois há pessoas que acabam por não gostar e abortam (...)*”. O tema surgia desta forma, sob uma urgência do dizer, que fazia pensar que, embora nunca surgisse de forma explícita e explicada, por si, denunciava algo que não conseguia compreender ou integrar, e que agora surgia colado ao tema da gravidez.

Perante a “insistência” da Maria em introduzir o tema, mesmo que desta forma dissimulada, tentou perceber-se de onde vinha esta ideia tão viva (de aborto) que se colava à gravidez. A Maria conta então, que a mãe antes do irmão e ela nascerem tinha abortado, fala de como essa experiência foi dolorosa para a mãe mas que apesar disso, “(...) *ela queria continuar... continuou a querer engravidar apesar de ter ficado muito triste e depois engravidou mais duas vezes*”.

A experiência da mãe da Maria com esta gravidez/aborto surgia deste modo, como marcante, (tanto para a mãe como para a filha) parecendo, de facto, firmar-se sobre a sua ideia de gravidez. Há uma identificação da Maria com a mãe, que a faz construir este discurso em que associado a uma gravidez está sempre uma não possibilidade, a não concretude, um anúncio de que algo mau pode acontecer, como se vê nesta afirmação em que fala do que pode sentir uma grávida, “(...) *começa a planear o que poderá acontecer, o que poderá correr mal (...)*”.

É neste jogo entre a identificação com o discurso/vivência da mãe e a sua procura de se diferenciar, de construir uma identidade feminina que vai elaborando a sua representação de feminino e dos vários lugares que este ocupa (também o materno).

Dimensões do masculino-paterno

A adolescência, como tempo de construção de uma identidade de corpo, de um corpo que se vai tornando cada vez mais sexualmente identificável, através de um duplo processo de identificação e projecção, o que implica o jogo “ser eu sendo outro, ser outro não sendo eu” (Marques, 2001, p. 269).

As identificações são parte integrante do processo de formação da identidade – o olhar para o outro como uma possibilidade de olhar para si, como possibilidade de se projectar no futuro. São vários os momentos ao longo da narrativa em que a Maria, utiliza os outros – os estranhos, os familiares ou a mãe, como espelho onde vai experimentando ver-se ou onde se projecta e identifica.

Por vezes utiliza os outros para falar de coisas que, pela intensidade fantasmática que transportam, neste caso em torno das questões do corpo feminino sexuado e em torno do corpo materno, não consegue falar na sua pessoa, pôr-se nesse lugar (de mulher/mãe), como nesta afirmação “(...) *acho que é... eu não sei bem como vai ser... se alguma vez eu engravidar... vai ser super... uma sensação diferente porque do que oiço as outras pessoas dizerem, dizem que é uma sensação maravilhosa estar grávida (...)*” ou neste outro excerto “(...) *por exemplo familiares que tiveram filhos gostaram, pronto gostaram de ter um filho (...)* mas depois há pessoas que acabam por não gostar e abortam (...)”. Parece existir uma procura do seu lugar tentando identificar-se com o que os outros pensam e desejam.

A identificação com a mãe/vivência da mãe, que acaba por dominar grande parte da narrativa, em torno da gravidez como não possibilidade, “(...) *podemos esperar ou não esperar, às vezes fazemos um plano, não conseguimos, outras vezes podemos conseguir, outras não conseguir engravidar (...)*”.

Os familiares, as pessoas próximas do seu mundo intra-familiar (ao qual ainda parece estar muito colada), são usados para pensar sobre as questões da gravidez, onde vai experimentando ser sem de facto ser, “(...) *já houve muitas vezes que eu pensei, se calhar é melhor não ter um filho porque... por exemplo há familiares meus que decidiram não ter filhos. Pronto, porque gostavam mais de viver... dessa maneira de viver, de não ter tantas preocupações, viver mais sozinhos... pronto (...)*”.

A realidade dos outros vai sendo implicada na construção da sua própria realidade/identidade, através dos outros a Maria vai experimentando “ser eu sendo outro, ser outro não sendo eu” sem todavia deixar a possibilidade de pensar sobre o assunto por si própria, procurando um caminho novo “(...) *vou pensando o que é que será que... porque é que as pessoas pensam isso? Vou pensando se calhar é melhor ter um filho, se calhar é melhor não ter... o que é que pode ser bom o que é que pode ser mau? O que quero para a minha vida no futuro?*”.

Análise dos grandes temas - Joana

Corpo

A Joana começa a sua narrativa demarcando tempos. Tempos diferentes, um tempo passado e um tempo actual (novo), a que podemos associar também *diferentes corpos* - um corpo antigo (pré-pubertário) e um corpo *novo* (sexuado), dizendo “(...) *eu ultimamente mudei completamente a minha ideia acerca da gravidez. Eu era daquelas meninas que estava coiso de ser mãe, adorava ser mãe, aos 20 anos... nova (...)* e agora começo a perceber que talvez não possa ser mãe tão nova como queria (...)”. Estava assim demarcada a diferença entre dois tempos, dois corpos, um antes (que permitia a fantasia) e um depois (que traz consigo o *perigo* da realização sexual).

Este corpo sendo o mesmo, é sentido agora como misterioso e desconhecido, um corpo sexualmente em maturação que é vivenciado com estranheza. Parece ser dessa estranheza que nos fala quando diz “(...) *uma sensação que deve ser uma coisa estrondosa saber que está ali qualquer coisa, que o nosso corpo vai mudar completamente (...)* é um bocado curioso pensar nesse sentido da gravidez, na parte física(...)”. A estranheza associada à mudança, às transformações sofridas no corpo (da grávida e da adolescente), que nos relata com perplexidade “(...) *quando eu estiver grávida ou... qualquer outra pessoa estiver grávida se calhar vai mudar tudo em termos de corpo físico e de feições, de barriga (...)* acho que toda a gente

tem medo de mudar o corpo, como é que vai ficar a seguir, de olhar no espelho e não ser aquela pessoa que era antigamente(...)”. A estranheza de não nos reconhecermos no nosso corpo, a estranheza que sente perante um corpo em transformação, edificação e sexuação.

É desta vivência de *estranheza* que continua a falar no decorrer da entrevista, e se até aqui se referia ao impacto das alterações exteriores, agora refere-se as alterações interiores do corpo (da grávida) que remetem para um corpo sexuado, por oposição ao corpo infantil. Um corpo que percepciona como vulnerável, tornando-se objecto passível de agressão “*(...) na parte em que chegamos ao bebé e percebemos o que acontecia dentro e ver lá bebés e ver como eles eram naquela altura, e o feto e tudo isso, acho que faz... a mim faz-me muita confusão pensar nisso (...) quando estamos na aula de ciências e a stora diz: ah.. porque o útero e não sei qué e alarga... faz-me imensa confusão pensar nisso tudo (...) e todas as alterações que o nosso corpo faz por dentro, desde aparecer leite na mama (...)*”. Os elementos anatómicos referidos (feto, o útero que alarga, leite na mama, o interior do corpo) que remetem para o corpo feminino (agora também reprodutor) e para a presença sentida como inquietante do interior (pouco inteiro).

Para além das alterações sofridas (no interior e exterior do corpo) serem percepcionadas como agressivas (um corpo objecto de agressão), a agressividade também é sentida pela forma como são impostas estas alterações, assim com também nas alterações pubertárias “*(...) é um fenómeno engraçado e que não nos compete a nós, não é (...) não nos compete a nós as mudanças que há por dentro, a questão de se criar ali o bebé e do útero ficar maior ou de o leite aparecer na mama. Não nos compete a nós (...) acho isso inacreditável. Não fazemos nada para isso mudar (...) isso muda e ponto final, não podemos fazer nada... é estranho pensar que não somos nós que mandamos nisso (...)*”. As transformações corporais que inauguram este novo tempo, parecem de facto, ser sentidas pela Joana como agressivas, pelo desequilíbrio que provocam e o esforço que requerem para a elaboração e integração, um esforço de unificação do antigo e do novo.

As alterações sofridas no corpo adolescente são também mencionadas por si, comparando-as com as alterações no corpo de uma grávida, referindo “*(...) acho que eu com 15 anos e com as mudanças que começam a aparecer no corpo, acho que ponho isso muito em em questão, de pensar agora já me sinto mal com as mudanças, se já me sinto constrangida ou se já não sei o que hei-de fazer quanto mais um dia mais tarde quando estiver grávida não é (...)*”. A estranheza provocada por um corpo que se transforma é identificada como semelhante ao corpo de uma grávida.

Dimensões do Feminino-Materno

É no confronto com a realidade do *outro* que a Joana vai constituindo a sua própria realidade, num exercício de experimentar ver-se, experimentar *ser* não sendo. Conta com perplexidade e choque a história de uma colega da escola, com a sua idade, que engravida e com a qual se identifica pela proximidade do contexto (idade, andarem na mesma escola), e a partir desse reflexo formula o que será a gravidez para si “(...) *agora tenho que fazer a minha vida, tenho que primeiro arranjar... acabar um curso, arranjar um emprego, e depois pensar em ser mãe (...)* obviamente eu adorava e acho que a gravidez não é assim uma coisa tão simples quanto estar com um namorado, arranjar um namorado, um rapaz aí à balda, depois ser mãe nove meses depois e ficar com um filho assim no meio do nada (...)”. O choque com que a história é contada reflecte o medo e a perplexidade face ao confronto com a possibilidade agora real para si. O seu medo projectado na colega, com a qual se identifica, fazendo com que afaste esta possibilidade de si, através do caos que causaria e pela definição de pressupostos que enuncia como necessários para uma gravidez.

É também na identificação com a mãe, que re-elabora o que será a gravidez para si, “(...) *a minha mãe explicou-me: olha filha não é bem assim... estás ali nove meses a levar com o bebé, estás ali nove meses com a barriga a crescer, com vómitos, com dor de cabeça, com má disposição, a ter que ir ao médico(...)* pode acontecer qualquer coisa, um aborto (...)”. A mãe refreia-lhe a fantasia/desejo confrontando-a com a (sua) realidade, deste modo a Joana altera a sua percepção do que é a gravidez e de quando esta deverá ocorrer. É neste equacionar da realidade implicando a realidade dos outros, que a Joana vai construindo e afirmando a sua identidade feminina.

Ao longo da entrevista, a Joana vai-nos mostrando, as várias realidades que foram sendo implicadas, na construção da sua narrativa sobre a gravidez, fala-nos de uma prima com a qual é muito próxima, e que engravidou aos vinte e um anos, diz-nos “(...) *sentí aquela coisa de, será que te vou perder porque agora estás grávida? Será que isso vai mudar? Mas não mudou nada, agora a bebé tem quatro ou cinco meses e não mudou nada, continuo a ir ter com ela, ela continuou a jogar futebol, retomou os estudos e isso fez-me pensar que se calhar pode-se ser mãe e continuar a ter aquelas prioridades (...)*”. Neste caso, foi perante à experiência da prima que se confrontou com a possibilidade da gravidez não ser uma catástrofe, não comportando, necessariamente, uma mudança radical.

Maternidade divina

A narrativa da Joana sobre a maternidade e gravidez é sempre adjectivada de uma forma, que nos faz pensar em algo com características quase divinas “(...) *um sentimento enorme (...), uma responsabilidade gigante (...)* acima do que nós somos capazes (...) *uma coisa estrondosa (...)*”. Para além da dor e das alterações físicas que menciona ao longo da entrevista, fala de algo *gigante, acima do que nós (humanos) somos capazes*. A maternidade (feminino) é assim colocada num outro patamar (superior), numa posição quase divina, de mudança, mais do que nós humanos somos capazes. A Joana coloca-se numa posição infantil (inferior) face à mãe (poderosa) e à maternidade, que é aqui representada de forma excessiva, intensa.

Quando fala das alterações físicas que ficam inscritas no corpo com a gravidez, do dano causado “(...) *vai mudar tudo em termos de corpo físico e de feições, de barriga (...)* acho que toda a gente tem medo de mudar o corpo (...) *já não vamos ter aqueles abdominais todos definidos, vamos ter a barriga mais flácida... se calhar não vamos conseguir dormir todas as noites e isso vai-nos fazer ficar com olheiras e isso assusta um bocado, mas acho que depois compensa. Acho que toda a gente acha que compensa, depois...*”, fala de um dano causado num corpo que se transforma para aceder a algo superior, algo *estrondoso* como a maternidade. Todavia, ao dizer que o dano físico compensa o *ser mãe*, reforça a ideia de maternidade como algo divino, superior, conferindo a mulher – mãe – um poder quase sobre-humano (alguém que suporta o dano, o sofrimento).

Esta ideia de maternidade é também percebida quando nos descreve a maternidade, “(...) *olhar para o bebé e sentir que é nosso, que fomos nós que fizemos, é nosso, pertence-me (...)* sentir que aquilo não nos larga de certeza porque eu sou mãe, porque eu vou mandar portanto, não o vou perder. E acho que isso é bom, é uma sensação de segurança (...) *que podemos educar da nossa forma, podemos defender os nossos princípios(...)* acho que é a parte mais feliz da coisa”. Fala-nos de algo que nos remete para a onipotência, para algo que tem mais poder e me possui, me controla, uma mãe toda poderosa.

Há outros momentos em que se sente no discurso da Joana a representação de uma mãe poderosa (temível), da qual ainda se sente dependente, “(...) *quando for com a gravidez* acho que é uma coisa completamente diferente... *eu vou ter que chegar à minha mãe e dizer: mãe, olha tive relações com um rapaz, se calhar há a possibilidade de eu estar grávida (...)* acho que isso é uma coisa que não estou pronta para falar com a minha mãe sobre isso (...)”. Faz-nos pensar numa dependência ainda perante a mãe, na

ambivalência sentida entre a dependência e a autonomia. A mãe toda poderosa (com a qual ainda não consegue competir) que a coloca num lugar infantil.

Dimensões Masculino-Paterno

Na narrativa da Joana o masculino é poucas vezes mencionado, e quando é, surge pouco diferenciado, as relações com o masculino parecem indeterminadas, vagas, com um carácter neutro, “(...) obviamente eu adorava e acho que a gravidez não é assim uma coisa tão simples quanto estar com um namorado, arranjar um namorado, um rapaz aí a balda (...)”. Ou então surge como representando uma ameaça, um perigo “(...) tem que se prevenir algumas coisas, não é. E tem que se ter cuidado com a idade, com o tipo de rapaz que se escolhe (...)”. Os rapazes (masculino) parecem surgir descaracterizados, desvalorizados, não se constituindo como *outro* com o qual estabeleço uma relação de complementaridade, que pode acrescentar e construir algo comigo, mas como ameaça, perigo (reflectem o perigo que o corpo sexuado representa agora).

Fala-se da gravidez como um projecto, algo que pode ser pensado e decidido, e a Joana refere “(...) e podemos até começar a falar antes sobre isso. Olha eu gostava um dia de ser mãe. Estou a pensar nisso. Acho que é muito melhor do que aconteceu e agora o que é que eu faço? (...)”, todavia quando se tenta perceber quem poderia ser o interlocutor desta conversa, o *outro* deste projecto, a Joana diz “(...) não sei... cada pessoa tem assim um confidente que conta tudo e mais alguma coisa (...) pode ser uma amiga, pode ser a avó, pode ser um padre no meio da missa, pode ser só uma psicóloga, pode ser qualquer coisa (...)”. Torna-se perceptível que o *outro* pode tomar várias formas, essencialmente neste caso a forma de *interditor*. Mas não de *outro* complementar, diferente, um outro que seria um aliado e não um espelho. Ainda nesta sequência a Joana acrescenta, “(...) acho que a outra pessoa... acho que isso é a parte mais fácil. Acho que isso acontece. Se se gosta da outra pessoa, diz-se assim, olha eu gostava, não gostavas de ter este projecto?... acho que isso é a parte mais fácil, depois contar às outras pessoas é que vai ser difícil (...)”.

Análise dos grandes temas - Ana

Corpo e impositivos morais

Há ao longo da narrativa da Ana uma rigidez no discurso, que se sente não só na forma como diz, como também no conteúdo do que é dito. Esta rigidez traduz-se, logo no início da entrevista, numa espécie de statement em que declara “(...) sou completamente contra o aborto! Isso eu sou completamente contra (...)”, que depois mais tarde, no decorrer na entrevista, volta a repetir, ainda com

mais veemência, “(...) eu não concordo com aborto nem em caso de violações (...)”. Nota-se uma preocupação em mostrar uma posição moral/ideológica sobre as questões que envolvem a gravidez, o aborto e a sexualidade. Sobre a gravidez na adolescência refere “(...) na adolescência eu acho completamente ridículo (...) eu pelo menos penso assim, para mim na adolescência é completamente absurdo”.

Mostra muitas vezes um pensamento formatado e uma necessidade de organização, “(...) temos que ter várias fases na vida e servem para alguma coisa. Nós agora temos que aproveitar a adolescência. E cada fase da vida nós temos que saber organiza-la bem (...)”, o que nos leva a pensar que esta organização pode servir um propósito, o de apaziguar impulsos sexuais e conflito interno motivado precisamente por um corpo adolescente (com novas potencialidades) em transformação e pela sexualidade emergente (que desequilibra).

No seu dizer, a gravidez toma a forma quase de um contrato social “(...) a partir do momento que nós temos estabilidade tanto social como familiar, económica, tudo, acho que faz sentido engravidar, se é uma coisa que nós queremos, porque não podemos obrigar ninguém a fazê-lo. Mas eu acho que é importante para... não só para o país, para o próprio país como também para nós (...)”. Ter um filho como um dever, para conosco, para com a sociedade e para com o país (sentido de missão).

Há a necessidade de enformar para que não perca o controlo, como um guia de procedimentos definidos, que não deixam muito espaço para (re)criar novas formas de pensar e sentir, boicotando de certo modo o jogo (que caracteriza este tempo) do ser não sendo. A sua narrativa sobre a gravidez ia sendo dominada pelas responsabilidades, pelos custos elevados “(...) um filho traz-nos despesas para o resto da vida, é como se fosse uma renda de casa infinita (...) tem imensos custos, tem imensas responsabilidades, temos que saber criá-lo, temos que saber dar ordens (...)”.

Para além dos procedimentos rígidos para se engravidar, explicita também os procedimentos para os educar (formatar), “(...) é como se fosse, não é bem uma construção, é uma educação que nós temos que dar, mas é uma coisa que vem dentro de nós, que fomos nós próprios que criámos... e temos que ensiná-lo... educá-lo para ser o que nós queremos (...) o que nós esperamos de um filho é uma reencarnação nossa, supostamente, ou seja, queremos dar-lhe tudo do melhor, dar-lhe uma educação boa para que possa seguir os nossos passos (...)”. Estas afirmações remetem-nos novamente para uma lógica de repetição, formatação, replicando qualquer coisa, seguir os nossos passos fazendo o mesmo caminho, ainda muito virada para o meio familiar, para a continuidade (para dentro).

Em todas estas posições extremadas, formatadas sente-se o peso de princípios morais que conduzem a um fechamento e introduzem sempre o *deve ser*, deve ser com a pessoa certa, deve ser depois do casamento. Para além de cristalizar a forma de pensar, determinadas questões, este

impositivo moral parece por vezes conduzir a Ana a formular ideias um pouco infantis, pouco adaptadas à sua idade, em questões, por exemplo, relacionadas com o conhecimento que tem sobre o (seu) corpo, construindo falsas crenças (p.e. quem faz um aborto morre), ou fantasias/ideias com pouca ligação à realidade, como quando refere “(...) *E também me faz confusão os riscos que nós corremos, porque é assim, durante a gravidez durante a adolescência eu acredito que, as pessoas não tenham a barriga suficientemente desenvolvida para ter uma criança(...)*”. Esta afirmação permite-nos pensar que a Ana se refere a uma barriga que não é contentora, que não é ainda capaz de conter um bebé. Fala de si, da sua capacidade de ser continente (no sentido de Bion). Estes impositivos morais, parecem travar o desejo e a necessidade de afirmar e experienciar este corpo, que devia agora tornar-se mais conhecido, mais dominado e controlado por si.

Assim se parece constituir um Ideal do Eu, com imagens pouco variadas e atributos muito rígidos, que a Ana (Ego) procura perseguir, chocando com as pulsões sexuais que nesta altura emergem, fazendo-a refugiar-se num mundo mais conhecido (corpo mais infantil) negando aparentemente um mundo novo (corpo sexuado), através de impositivos morais que servem para camuflar a proximidade e a possibilidade da realização sexual.

Dimensões do feminino-materno (dentro/fora)

Podemos encontrar na narrativa da Ana, sobre a gravidez, uma oscilação entre lugares – o dentro e o fora – a cada um destes lugares a Ana atribui significados diferentes.

Quando nos descreve a gravidez e o que pensa da experiência de ter um filho, como algo que vem de nós, fala de uma experiência incrível “(...) *vê-lo a crescer dentro de nós (...) estar a ser alimentado por nós, nós conseguimos senti-lo, não o conseguimos ver propriamente mas conseguimos transmitir-lhe algumas coisas interiores... e acho que logo aí ele apanha, durante aqueles nove meses, um bocado de nós próprios (...)*”. Parecia referir-se a algo do domínio da relação, a uma troca, uma partilha mãe-bebé. Num outro momento volta a referir o bebé dentro da barriga da mãe, diz “(...) *mas eu acho que ele percebe logo quando a mãe está mal, quando está com dores... tanto que eles às vezes dão pontapés, eu acho que isso não é uma coisa em vão... devem já estar a dizer qualquer coisa com aquilo, apesar de nós não percebermos propriamente o que estão a dizer mas já devem estar a querer dizer alguma coisa (...)*”. Continuamos a vislumbrar algo no domínio da troca, da comunicação (nós transmitimos-lhe coisas e ele consegue perceber estados (de espírito) da mãe e comunicar através do movimento), embora a mãe cá fora, já não consiga perceber/descodificar o que o bebé está a sentir lá dentro “(...) *é provável que tenha dores ou uma coisa assim, ou fome... ou mesmo fome... não sei, não sei mesmo porque (...)*”. Deste modo, já se ia percebendo que o dentro se constituía como lugar onde é possível mais conhecimento, entendimento (o bebé consegue perceber

emocionalmente a mãe), lugar de mais liberdade onde é possível o movimento (pontapés) e a expressão (de dor, desconforto). O fora como lugar de menos entendimento (pensar).

Ao retomar a descrição sobre o sentir das grávidas de ter algo a crescer dentro de si, a Ana fala-nos da estranheza “(...) *porque não é hábito nós termos uma coisa assim a crescer dentro de nós... mas eu acho que de dia para dia é um crescimento nosso também... eu acho que nós estamos a evoluir de dia para dia ao ver também o crescimento da barriga, do próprio feto (...)*”, fala da estranheza associada a um corpo habitado (por dentro), de um crescimento/evolução em conjunto (mãe e bebé), mas ainda assim, um crescimento da mãe possibilitado pelo bebé no seu interior. A Ana continua ainda a falar de um momento memorável em que “(...) *cada gravidez é diferente (...)* acho que cada bebé tem uma novidade própria, tem uma característica própria durante a gravidez (...)”. A novidade, o singular, o único parece só ser possível enquanto se está dentro (durante a gravidez), uma vez que cá fora queremos que seja igual a nós (que siga os nossos passos), deixa de haver lugar para a expressão criativa.

Retomando a ideia exposta no início, da oscilação entre dois lugares – o dentro e o fora, assumem de facto significados diferentes para a Ana. Pelo que, não só podemos falar de um dentro como lugar de liberdade, onde é possível a expressão livre e criativa como também é lugar de entendimento, onde as coisas são pensadas. E o fora como lugar mais primário, onde não há possibilidade de expressão singular, onde somos todos iguais e o entendimento/compreensão é mais difícil. Assim como também, este modo de ver o dentro e o fora nos remete para o modelo do continente – conteúdo de Bion (1962/1991), no qual refere ser através da identificação projectiva que um conteúdo (elementos β) é projectado para dentro de um continente que acolhe, contém e transforma através da função rêverie, e o devolve sob a forma de elementos α , tornando-se assim, possível de ser pensado. Todavia aqui os papéis estão invertidos, sendo neste caso o bebé (dentro) continente, com capacidade de elaborar e transformar os elementos β de fora, e a mãe (fora) como possuindo conteúdos que não consegue integrar, pensar.

Dimensões masculino-paterno

Um dos requisitos que a Ana vê como fundamentais para que uma gravidez possa acontecer, é se “(...) *for uma coisa planeada e pensada a dois (...)*”, o que nos permite pensar que o outro se constitui, desta forma, para si, como um objecto fundamental, a investir. Esta ideia de algo pensado a dois, lembra-nos a ideia de casal, de um outro complementar (parceiro), lembra-nos uma relação de colaboração mútua e genital. Refere ainda sobre esta ideia, “(...) *e sim, se nós estivermos com uma pessoa que realmente nós gostamos, que achamos que é uma pessoa para ser o pai dos nossos filhos (...)*”. É

possível identificar-se, nestas afirmações a expressão da complementaridade na relação com o diferente, ainda que este, possa ainda não ser completamente bem definido, representável.

Ao longo da narrativa vão surgindo outros momentos em que a Ana afirma a importância do outro (masculino), sempre num tom um pouco idealizado e dentro dos pressupostos católicos, diz acerca do outro e da relação *“(...) no ver se calhar um bocado restrito por ser católica (...) tem de ser com quem nós podemos usar a palavra amar. Por isso eu acho que é um momento especial e único, supostamente na visão dos católicos tem que ser depois do casamento, ou seja, nós estamos a guardar para aquela pessoa (...) é um passo importante, eu acho que a gravidez é um passo bastante importante (...)”*.

Esta ideia de algo que é pensado e decidido a dois, é ainda mais aprofundada por si, quando reconhece a certo ponto da entrevista a importância do outro (masculino/pai) na educação e estabilidade da criança *“(...) onde é que está o pai daquela criança para ajudar? Onde é que vai estar a estabilidade, porque se é feito pelo pai e pela mãe é porque é preciso os dois, para a educação da criança e para tudo o que a criança precisa. Se falta um... (...)”*.

Mais à frente, enquanto explicava como entendia a adolescência como um período em que não existia disponibilidade de nenhuma ordem para se ter um filho, *“(...) queremos é ir sair com os amigos, queremos divertir, e acabamos por ter uma coisa a prender-nos, literalmente (...)”*, nota-se o peso que o outro (extra-familiar) tem. O outro, do mesmo sexo e do sexo oposto, é agora tido como objecto a investir, há efectivamente o reconhecimento e procura do outro.

Na narrativa da Ana, se o outro (extra-familiar) existe e é reconhecido como importante, ele também parece surgir como continuidade do meio familiar, ou seja, parece não oferecer novas realidades, diferentes do seu meio familiar, *“(...) por exemplo no meu grupo de amigos, todos pensam mais ou menos da mesma forma. Todos querem tirar um curso, todos são católicos, ou seja, perder a virgindade, supostamente, é depois do casamento. Logo aí traz uma distância e não nos leva a pensar tanto no assunto”*. O grupo de amigos (pares) apresenta-se assim como um lugar de identificação ao igual, cuja função principal é a regulação das condutas sexuais, que exige o confronto, aparecendo a uniformidade como força (Deutch cit por Marques 2001).

Discussão

Na sequência do levantamento dos conteúdos que emergiram da análise de cada uma das narrativas, procede-se agora a uma análise conjunta, assinalando o que de comum surgiu nas três narrativas, sobre a gravidez, na expectativa de realizar uma análise compreensiva que capte as nuances do processo adolescente, expressas pelas transformações que ocorrem essencialmente ao nível do corpo e na relação com o Outro, outro também materno-feminino e paterno-masculino.

A gravidez como tema (estímulo), na realização das entrevistas, surge como *transporte* para um corpo potencial, como também o é o corpo adolescente, remetendo-nos para o feminino, e para a relação do feminino com o masculino. Um corpo também ele em transformação, que contém a possibilidade de acesso ao materno.

Deste modo, pretende-se descrever um processo – processo adolescente – através da leitura das transformações, que ocorrem ao nível do corpo e da relação com o Outro, que emergiram ao longo das três narrativas.

As três narrativas possibilitam-nos contar uma história, conduzem-nos pela adolescência, através das vivências/representações (das três adolescentes), dando-nos conta do que pode ser um *início*, um *meio* e um *fim*, de um processo com dois tempos, que embora progressivos e integrativos, podem ser vistos como duas expressões diferentes: a puberdade e a adolescência propriamente dita.

A puberdade, limitada no tempo, onde se impõe as transformações corporais que inauguram o acesso à genitalidade, transformações espontâneas que vêm do interior, dada a ruptura com os equilíbrios anteriores através da emergência da pulsão sexual. Os problemas fundamentais deste tempo (de desarmonia) ordenam-se à volta do corpo, obrigando à unificação do corpo infantil ao novo corpo sexual, fazendo surgir questões ligadas à identidade subjectiva, à delimitação, à separação e diferenciação (Marques, 2001).

A adolescência propriamente dita, tem uma duração variável, em função das características dos sujeitos e do meio onde se inserem, agora os problemas essenciais colocam-se ao nível do Outro, na possibilidade de representar o sexo oposto numa lógica diferente – complementaridade de sexos.

Na adolescência propriamente dita, como o novo corpo se tornou mais conhecido, mais integrado, não é sentido com tanta estranheza, agora surge a necessidade de afirmar e experienciar esse corpo. Tornando-se o Outro, do mesmo sexo e do sexo oposto (extrafamiliar) como objecto a investir, mas também como objecto que investe o sujeito, num jogo de espelhos e de reflexos recíprocos, permitindo a construção e criação da identidade, assim como estabilizar o sentimento de integridade (Marques, 2001).

Desta forma, olhando para as narrativas da Maria, da Joana e da Ana, e para os conteúdos que marcam os seus discursos, podemos dizer que nas três emergem temas semelhantes – o corpo e a relação com o Outro (materno-feminino; paterno-masculino) – todavia com intensidades diferentes, onde as prioridades de umas e outras deixam perceber a marca da maturação progressiva, da crescente identificação do corpo na conquista pela identidade subjectiva.

Cada uma das três, face ao que é a sua vivência do processo adolescente e às transformações que dele decorrem, recorre a soluções diferentes, no sentido de adiar uma possibilidade que a cada momento se torna mais real e realizável, num corpo sexuado.

Assim, na narrativa da Maria, é visível a vivência do desequilíbrio provocado por um novo corpo, que anuncia uma nova possibilidade (a realização sexual), deixando para trás um corpo infantil, que representava equilíbrio e protecção. É da perda do equilíbrio do corpo de outrora, que nos fala, afastando de si esta nova possibilidade (da realização sexual, da gravidez), tornando-a muitas vezes ao longo do seu discurso uma impossibilidade, pelo transtorno, pelo imprevisto, pelo dano.

O dano causado no corpo da mulher grávida que se pode transpor para o dano causado no corpo pubertário, um corpo em transformação, em identificação e em sexuação (Birraux, 1990), um corpo vulnerável, enfraquecido, corpo com a marca do medo de ser atacado e agredido, mas corpo com a marca do desejo e da necessidade de crescer, de se transformar (Marques, 1996).

As razões que a Joana convoca, ao longo da sua narrativa, para adiar esta possibilidade, expressão-se através da vivência de uma *inquietante estranheza* (Cahn, 1991 cit por Marques, 2001) associadas às novas potencialidades do corpo adolescente, referindo também estranheza e mesmo perplexidade, quando menciona as alterações ao interior do corpo (da grávida) que remetem para um corpo sexuado (feminino/materno), interior que reflecte as potencialidades do materno (*leite*

que aparece na mama, útero que alarga). Estas alterações do corpo (internas e externas) são sentidas pela Joana como agressivas, pela forma como são impostas, remetendo-nos, como no caso anterior da Maria, para um corpo *vulnerável, agredido*.

Contudo, pensa-se que a solução convocada pela Joana, para o afastamento desta possibilidade que agora se materializa, passa também pela idealização e transcendência associada ao materno e à maternidade. Ao longo da narrativa, encontramos expressões que nos falam da gravidez, sempre adjectivada de forma exuberante, quase divina “(...) *um sentimento enorme(...) acima do que nós somos capazes(...) uma coisa estrondosa (...)*”. A maternidade é colocada num patamar superior, que no seu dizer lhe é ainda impossível alcançar.

O dano causado no corpo da mulher grávida, é também, como já referimos anteriormente, mencionado como prova da superioridade da mulher-mãe, conferindo à mulher-mãe um poder quase sobre-humano (alguém capaz de suportar o dano, o sofrimento).

A Ana, representa talvez, o segundo momento do processo adolescente, expressando na sua narrativa preocupações de ordem diferente, das anteriores. Dado que a coesão de si, não se figura agora como prioridade, as questões centram-se mais na *procura do outro* – que embora ainda não completamente bem representável, já é investido como semelhante e diferente ao mesmo tempo (Marques, 2001).

Assim, a Ana mostra-nos uma solução ancorada em *impositivos morais*, através de um normativo mais socializado, um regulador externo. Estes impositivos morais expressam-se ao longo de toda a sua narrativa, marcando o seu discurso do início ao fim. Esta instância externa desempenha assim um papel protector face a uma possibilidade e impulso real, que agora se impõe.

Estes impositivos morais, que organizam e regulam, conduzem/motivam pensamentos ou ideias, que bloqueiam o acesso e conhecimento do seu corpo, através da não experenciação do mesmo. No seu discurso faz algumas vezes referência a um corpo (seu) que conhece pouco e logo também sentido como pouco controlado por si.

O grupo de pares é também referido pela Ana, surgindo assim como continuidade e espelho, como um lugar de identificação ao igual, cuja função principal é a regulação das condutas sexuais, que exige o confronto, aparecendo a uniformidade como força (Deutch, 1967/1979 cit por Marques, 2001).

Segundo Braconnier (2000), o grupo representa também a oportunidade de expressão da originalidade e origem identificatória, sendo que ao mesmo tempo é a partir do grupo que o sujeito encontra novos modelos de identificação.

Desta forma, face à possibilidade agora existente, uma possibilidade que aumenta, tornando-se mais real e mais próxima, com a crescente maturação, e evolução do processo adolescente, cada uma das três adolescentes, mostra uma solução diferente, que adia esta possibilidade, mas que se posiciona em consonância com a sua vivência, de um processo de transformação, numa lógica de balanceamento entre o desejo de ser alguém e a vivência penosa, de ser alguém a transformar-se e a crescer (Marques, 2001, pg. 288)

As transformações, que estão em causa, na adolescência conduzem à modulação e reorganização do passado, obrigando a um corte com o que seriam as antigas gratificações e vínculos, tornando este período marcado pela descontinuidade e ruptura. Há que integrar e reelaborar as experiências antigas para que este novo corpo faça sentido, e possa ser representado inteiro.

No decorrer deste trabalho de restauração do sentimento de identidade, caminha-se para o estabelecimento de uma identidade sexual coerente, que reactivará as identificações primárias, a relação ao objecto-primário-mãe. Abrindo-se a necessidade de elaborar e integrar, de novo, os objectos secundários: materno-paterno e feminino-masculino (Marques, 2001).

No processo adolescente, joga-se, assim, a integração fantasmática do *casal parental combinado* (no sentido de Klein), ou como formulado por Winnicott (1971/1975) com a introdução das noções *elementos femininos e masculinos em estado puro* (que reenviam respectivamente ao *ser* e ao *realizar*) (Marques, 1996), significando que estes, que já haviam sido ligados e separados, serão de novo sujeitos a um trabalho de integração, de substituição, pelas novas qualidades que adquiriram (Marques, 2001).

Se o corpo, na sua dimensão de organizador (interno/externo), surge como tema comum nas três narrativas, também as dimensões do materno-feminino e paterno-masculino, surgem commumente nos discursos das três adolescentes.

Assim, encontramos nos diferentes discursos o corpo (adolescente) como simbolizando o feminino e/ou o materno. O feminino enquanto conceito, encerra em si, uma vasta variedade de

significados, sendo atravessado por vários eixos simbólicos, podendo ser associado a pelo menos três níveis: alimentador, continente, fértil, fecundo e onipotente; sedutor, erotizado e erotizante e aterrorizador, destrutivo (Marques, 1996). Não se podendo, todavia deixar de sublinhar a estreita relação deste conceito com o conceito de materno e com os conceitos de masculino e paterno.

Pelo que, na narrativa da Maria, podemos encontrar referências ao feminino-materno associado à incerteza, impossibilidade, a algo disruptivo causador de ruptura e dano. Sendo neste jogo entre a identificação ao discurso/vivência da mãe (aborto) e a sua procura de se diferenciar através de outras referências, que vai elaborando a sua representação de feminino e materno, entre a impossibilidade e o dano, mas também como o que daria mais sentido à vida, chegando a referir “(...) *se não tiver um filho, eu penso... o que é que será que vou fazer? Trabalhar, casa, trabalhar... se tiver um filho se calhar vai ser diferente (...)*”.

No que respeita ao masculino-paterno, este parece não ter muita expressão ao longo da narrativa da Maria, sendo pouco ou nada referido. Encontramos referências a *outros* (familiares, pais), o masculino surge assim diluído, pouco diferenciado, aglutinado em referências breves de casal, onde se pode, ainda assim, vislumbrar uma referência à ideia de casal, quando refere “(...) *familiares meus que decidiram não ter filhos (...)* gostavam mais dessa maneira de viver, de não ter tantas preocupações, viver mais sozinhos pronto (...)”.

No caso da Joana, o feminino-materno, emerge sob uma forma de representação excessiva, intensa e muito viva. O feminino-materno tem uma dimensão muito idealizada e transcendente, com referências a uma mulher-mãe poderosa (onipotente), que suporta a dor, o sofrimento. Com características sempre hiper-adjectivadas, dando conta de uma representação de maternidade quase divina, colocada num lugar transcendente (*coisa do outro mundo*), à qual a Joana (sente) ainda não lhe ser permitido aceder.

O masculino, não é muito referido na sua narrativa, quando surge, é pouco diferenciado, descaracterizado (*um rapaz aí à balda*), mesmo quando nos fala da gravidez como um projecto, que é pensado e decidido com um outro, este outro não é parte de um casal, o *outro* deste projecto é uma amiga, um familiar ou uma outra pessoa com características de *interditor* e não um outro companheiro, complementar.

O masculino surge ainda como símbolo de perigo, representando muitas vezes uma ameaça, face à qual as raparigas se tem de proteger (*tem que se ter cuidado com o tipo de rapaz que se escolhe*).

Neste seguimento, o paterno é mencionado também vagamente no seu discurso, surge quando se refere ao seu pai, no entanto, deixa transparecer uma ideia de paterno que auxilia (concretiza os desejos da mãe), mas ao qual não é dado o mesmo poder de decisão, de influência que é descrita no materno.

Na narrativa da Ana o feminino-materno surge de uma forma *atrapalhada*, num discurso em que o corpo sexuado (símbolo do feminino-materno) é negado através de impositivos morais rígidos, que bloqueiam o acesso a este corpo com novas características e potencialidades (femininas). Esta negação do corpo, que leva a um desconhecimento sobre o corpo e o seu funcionamento, que podemos perceber pelas suas referências, com uma linguagem infantil (*as pessoas não tem barriga suficientemente desenvolvida para ter uma criança*), que usa sempre que se refere ao corpo, à anatomia, e que destoa da linguagem usada quando fala sobre outros assuntos.

As referências ao materno/maternidade, no seu discurso, têm sempre também esta marca *atrapalhada*, ou seja, a maternidade é referida com uma *experiência memorável, incrível* ou referida como experiência confusa, disruptiva, perigosa (caso seja na adolescência).

No seu discurso, quando nos fala da gravidez, deixa-nos uma ideia de materno pouco continente (no sentido de Bion), um materno incapaz de conter e elaborar/decifrar conteúdos do bebé (*...apesar de nós não percebermos propriamente o que estão a dizer mas já devem estar a querer dizer alguma coisa*). Pelo contrário, ao bebé são atribuídas capacidades de continente, ou seja, o bebé é capaz de intuir o mal estar da mãe, por exemplo (*eu acho que ele (bebê) percebe logo quando a mãe esta mal, quando esta com dores...*), ou ainda surge como possibilitador/potenciador de crescimento da mãe (*... eu acho que de dia para dia é um crescimento nosso também... nós estamos a evoluir de dia para dia ao ver também o crescimento da barriga*).

Em alguns momentos surge também a ideia de que a Ana teme confundir-se com a mãe, quando diz: *“(...)eu acredito que as pessoas não tenham a barriga suficientemente desenvolvida para ter uma criança, se não nós nascíamos... quer dizer eu estava a nascer na barriga da minha mãe e já tinha uma criança (...)”*, deste modo, deixa-nos intuir que, não pode aceder às novas potencialidades do novo corpo porque não considera ser continente suficiente, porque para tal teria que ser a sua mãe.

O masculino-paterno, é mencionado várias vezes ao longo da narrativa, surgindo sempre numa posição um pouco idealizada, a quem é atribuído um papel fundamental para garantir a estabilidade, a educação. O masculino aparece assim investido, como *príncipe encantado*, possibilitador de uma relação ideal, como quando diz “(...) *tem que ser com quem nós podemos usar a palavra amar (...) e sim, se nós estivermos com uma pessoa que realmente nós gostamos, que achamos que é uma pessoa para ser o pai dos nossos filhos (...)*”

Em conclusão, conseguimos aqui vislumbrar duas expressões do processo adolescente – puberdade e adolescência – consideradas a partir do organizador corpo, que é o corpo em transformação do púbere e o corpo em identificação do adolescente, o corpo que é também a ancoragem do psiquismo (Brusset, 1988 cit por Marques, 2001), o corpo como realidade interna, logo também representação de corpo. É também no confronto com este corpo, face à possibilidade que este encerra, que percebemos, o que cada uma das três adolescentes, faz face a esta possibilidade, e como se propõe adotá-la.

A adolescência apresenta assim, também, uma forte inscrição relacional, pelo que é na e pela relação que o sujeito se experimenta na relação consigo e com o outro, através do amadurecimento (Braconnier, 2000).

Sendo, neste caminho, marcado pela crescente maturação, que a necessidade de diferenciação se vai impondo, sem que para ela deixe de ser necessário um percurso que vai do afastamento à aproximação (face ao materno), impondo a passagem da atracção do espelho de Dionísio, o que dispersa, descentra, pulveriza e dissolve, à atracção do espelho de Narciso, o que deslumbra e cativa (Marques, 2001).

Conclusão

Tendo em conta o que inicialmente nos propusemos realizar com este trabalho, captar as transformações no processo adolescente, através das representações de gravidez na narrativa de três adolescentes, chega-se agora ao fim do trabalho, com a ideia de que foi possível testemunhar, a partir daquelas três narrativas, o que no início se anunciou: a adolescência pode ser considerada a partir do organizador corpo (como principal objecto de transformação), o corpo em transformação da púbere e o corpo em identificação da adolescente, marcando assim dois tempos na adolescência. Pudemos assim aceder às nuances do processo adolescente, através da vivência e representação de um corpo feminino, em maturação, e em relação com as dimensões de materno e de paterno-masculino.

Este processo de transformação emerge da relação consigo e com o outro, ao qual o próprio se identifica e do qual ao mesmo tempo se diferencia, revelando-se assim na relação com esse mesmo outro.

O objectivo deste trabalho consistiu assim na identificação e caracterização das referidas transformações no processo adolescente, através do convite à livre expressão individual, possibilitada pelo método da Entrevista Narrativa em Associação Livre.

Este método, solicitando e encorajando a livre expressão, dá-nos acesso a material menos contaminado pelas referências e expectativas do entrevistador, que pela sua diminuta participação e introdução de conteúdos no decorrer da entrevista, reduz também as tentativas do entrevistado se enquadrar e adaptar às expectativas do entrevistador. Assim este exercício de compreensão do sujeito, nasce do encontro de intersubjectividades, em que se procura captar o que de meu e do outro ecoa em mim, nesse encontro.

Foi também na tentativa de decifrar e atribuir significado emocional, aos elementos do discurso do sujeito, nas ligações entre uma ideia e outra, que emergiram os conteúdos e a compreensão do sujeito. Todavia, tem-se consciência que a compreensão do sujeito alcançada, será ainda assim incompleta, não nos deixando ainda assim insatisfeitos com o resultado, que acreditamos que de alguma forma poderá ter servido um propósito que se enquadra no âmbito da Psicologia Clínica, contribuindo para alargar a compreensão das transformações no processo adolescente, através da representação de corpo e gravidez.

A análise das narrativas, expressa nos resultados, permite-nos perceber e identificar a existência de dois tempos, que apesar de progressivos e integrativos, podem constituir-se como duas expressões diferentes do processo adolescente: a puberdade e a adolescência propriamente dita. Nestes dois momentos, identificam-se problemáticas/dificuldades diferentes, que devem ser entendidas como expressões inerentes, inevitáveis e estruturantes do processo adolescente (Marques, 1996), um processo de conquista de uma identidade sexual, que trará novas características ao nível do corpo e da relação consigo e com o outro.

Cada uma das três narrativas e as três em conjunto, possibilitam-nos uma visão sobre o processo adolescente, onde é possível observar e compreender os fenómenos que caracterizam este processo, num continuum de amadurecimento do/pelo corpo e da/pela relação.

A gravidez como estímulo inicial, à livre expressão das suas representações, e remetendo para um corpo potencial, permitindo um paralelo com o corpo adolescente, possibilitou-nos explorar as dimensões de feminino-materno, e a relação do feminino com o masculino.

Outro aspecto que emergiu dos resultados, prende-se com as razões que, cada uma das três adolescentes, convocou para adiar uma possibilidade que se torna mais real e realizável, num corpo em amadurecimento. A solução encontrada face a um processo de amadurecimento crescente, que se vive de dentro e em relação com o fora, é comum, no entanto cada uma convoca razões diferentes em consonância com a sua vivência, com a sua subjectividade, revelando faces diferentes de uma mesma solução.

Confirmou-se assim, como aliás já se acreditava, a *magia* de se estudar, compreender e conhecer uma pessoa através da sua história, da sua singularidade e especificidade, como forma mais credível de investigação em psicologia.

Deste modo, e para investigações futuras, propõe-se o uso deste mesmo método, para estudo e compreensão do processo adolescente e representações de gravidez, em adolescentes de outras culturas, possibilitando um paralelo inter-cultural sobre representações de gravidez e um conhecimento mais abrangente do processo adolescente.

Referências

- Bégoïn-Guignard, F. (1984). «Adolescence de la féminité. » *Adolescence*, 2 (2), 253-260.
- Bion, W. R. (1991). *As transformações. A mudança do aprender para o crescer*. Rio de Janeiro: Imago Editora (Obra publicada em 1965).
- Birraux, A. (1990). *L'adolescent face à son corps*. Paris: Emergences Ed. Univ.
- Blos, P. (1985). *Adolescência. Uma interpretação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra Publicada em 1962).
- Blum, H. (1982). *Psicologia Feminina – Uma visão psicanalítica contemporânea*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braconnier, A., Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Brun, D. (1990). *La Maternité et le féminin*. Paris: Denoel.
- Erikson, E. (1968). *Identity Youth and Crisis*. New York. Norton & Company.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia*. Porto: Afrontamento.
- Gonzalez-Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Thompson.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing Qualitative Research Differently: Free Association, Narrative and Interview Method*. London: Sage Publications.
- Hollway, W. (2003). Psychoanalytic Methods. In A. E. Bryman, A. Bryman, & T. F. Lião, *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 879-880). London: Sage Publications.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. Em L. Given, *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 296-315). Califórnia: Sage Publications.
- Le Guen, A. (1984). «Envie du bebe et la connaissance du vagine». *Adolescence*, 2 (2), 253-260.
- Marques, M. E. (1996b). «Feminino, fecundo e finito. Expressões nos Rorschach de adolescentes». *Análise Psicológica*, 14 (I), 45-52.
- Marques, M. E. (2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Climepsi Editores.
- Matos, A. C. (2012). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, A. C. (1982-83). A adolescente: Príncipe Édipo e Rei Narciso. *António Coimbra de Matos*, 10, 48 – 57.
- Matos, A. C. (2002). *O Desespero*. Lisboa: Climepsi Editores.

Winnicott, D. (1975). *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda (Obra publicada em 1971).

Yin, R. (2001). *Estudos de Caso. Planejamento e métodos* (2 Ed.). Porto Alegre: Bookman.

Anexo A – Entrevista Maria

Eu: podes falar-me do que pensas sobre a gravidez. Se me podes contar um pouco.

Maria: gravidez... ah... é algo que nós podemos esperar ou não esperar, às vezes fazemos um plano, não conseguimos outras vezes podemos conseguir, outras não conseguir engravidar. Pode ser... ah... a maioria das pessoas agora... cada vez menos há pessoas a querer engravidar porque pensam que cada vez dá mais trabalho ficar grávidas... ah... pode ser um trabalho muito moroso, pode despende muito tempo, muito dinheiro.

Eu: quando dizes muito trabalho? Muito moroso? Dá trabalho ter um filho é isso?

Maria: sim. São muitos anos.

Eu: podes explicar um bocadinho melhor? São muitos anos...?

Maria: são muitos anos para poder dar uma vida decente ao nosso filho. Temos que perder muito tempo... ah...

Eu: hum. Hum. É mesmo para sempre.

Maria: sim.

Eu: ok. Então disseste que é uma coisa que se pode planejar, e que até cada vez menos pessoas pensam nisso pelo trabalho que dá. É isso que faz as pessoas adiar essa, esse plano?

Maria: sim, sim... (silêncio)

Eu: ok. E que mais?...

Maria: (silêncio) assim de repente não me vem nada à ideia...

Eu: até aqui falaste-me da gravidez como algo planeado. Mas pode acontecer...

Maria: se acontecer... temos que... algumas pessoas preferem não avançar com a gravidez, preferem abortar. Outras pessoas tentam lidar com a situação e, depois mais tarde engravidam.

Eu: e pensando no processo em si. Até aqui estivemos a falar como se saltássemos aquela etapa toda, da gravidez em si (os 9 meses). Pensando mesmo no processo em si.

Maria: ah... acho que é preciso ter bastantes cuidados. Há pessoas que não têm, vão fazendo a sua vida normalmente e não vão alterando hábitos que deviam ser alterados durante a gravidez.

Eu: achas que se deve ter mais cuidado?

Maria: sim...

Eu: isso é o que tu achas em relação às outras pessoas. Agora tenta lá pensar, tu enquanto adolescente, com a idade que tens, como achas que é? Como imaginas que seja?

Maria: acho que é... eu, não sei bem como vai ser... se alguma vez eu engravidar... vai ser super... uma sensação diferente porque... do que eu oiço as outras pessoas dizerem, dizem que é uma sensação maravilhosa, estar grávida, ter um filho e estar a carregar um filho...

Eu: maravilhoso? Porque será que dizem que é maravilhoso?

Maria: ah... não sei... é uma sensação diferente. Faz sentir que se vai ter uma responsabilidade diferente, que a vida vai mudar...

Eu: a vida mudar é o que torna uma coisa muito boa?

Maria: sim. (silêncio)

Eu: ok. Sem tentares arrumar muito as ideias, o que achas que podes dizer mais sobre gravidez. O que te vem à cabeça?

(silêncio)

falaste numa coisa muito boa?...

Maria: sim... umas pessoas acham que sim outras pessoas talvez não achem.

Eu: tu conheces alguém que tenha achado uma coisa muito boa?

Maria: por exemplo... familiares que tiveram filhos gostaram. Pronto, gostaram de ter um filho, criá-lo, essa sensação, mas depois há pessoas que acabam por não gostar e abortam.

Eu: conheceste alguém que esteve nessa situação?

Maria: não.

Eu: mas já conviveste com alguma grávida ou conhecestes alguém?

Maria: não, acho que não.

Eu: não sei... família ou amigos?

Maria: não, vejo pessoas na rua mas assim pessoas mais chegadas não.

Eu: és filha única?

Maria: não. Tenho um irmão mais velho.

Eu: às vezes em casa acabamos por ouvir histórias.

Maria: a minha mãe quando... antes de ter a mim e ao meu irmão, ela teve um filho também, só que teve um aborto espontâneo. E acho que isso foi muito mau, só que ela queria continuar... continuou a querer engravidar apesar de ter ficado muito triste e depois engravidou mais duas vezes.

(silêncio)

Eu: e como é que foi para ela estar grávida tens ideia?

Maria: ah... acho que foi como a maioria das pessoas pensam que foi... que é muito bom. Que é diferente.

Eu: então essa ideia que me tens estado a falar de ser uma coisa muito boa. Não é por teres conhecido alguém que te tenha dito que era assim?

Maria: não... vou ouvindo. Vai-se ouvindo algumas pessoas a dizerem isso.

Eu: ouvindo?

Maria: às vezes vejo na televisão, em programas que às vezes explicam isso, alguns familiares que... avós e essas coisas, também dizem isso.

Eu: lembras-te de alguma história que te tenham contado, que te tenham dito e tenhas ficado a pensar?

Maria: por exemplo, familiares ou os meus pais dizem: ah, quando tiveres filhos vais perceber não sei quê... Assim coisas desse género. E eu às vezes não percebo porque ainda sou muito nova e não percebo o que eles dizem. Algumas coisas sobre esse assunto.

Eu: estas a pensar em alguma situação em concreto? Consegues lembrar-te de alguma situação em que te tenham dito isso?

Maria: às vezes quando os familiares estão muito cansados, ou trabalham muito, tem que ir levar os filhos e depois ir buscar, e ainda tratar deles... ah! Um dia quando fores mais velha vais perceber o trabalho que dá não sei quê...

(Silêncio) risos envergonhados/pouco confortável

eu: mais coisas... consegues pensar em mais alguma coisa?

Tentando pormo-nos no lugar de uma pessoa grávida o que será que muda? Que ela sente?

Maria: começa a planear o que poderá acontecer, o que poderá correr mal. Vai-se mudando os planos de vida. Vai-se tentando criar uma vida melhor para o filho. Pronto para conseguir ter uma vida mais adequada.

Eu: e a parte física? Acontece no nosso corpo não é? Até agora falaste-me em coisas que acontecem depois, já quando a criança está cá fora. E se andarmos um bocadinho para trás... a pessoa que está grávida?

Maria: há muitas alterações no corpo. Sentimo-nos... pronto, ao início sentimos enjoos, sentimos muitas dores de cabeça e essas coisas. Depois o nosso corpo vai, a barriga vai aumentando, o nosso corpo vai sentindo diferente e mais tarde... o corpo não volta a ser como era antes, fica sempre algumas marcas da gravidez.

Eu: marcas como?

Maria: ah... a barriga por exemplo, imaginando, a barriga não volta a ficar lisinha como antes podia estar, fica sempre... pronto não fica igual. Podem começar a aparecer estrias coisas assim.

Eu: e como é que a pessoa fica, sente com isso?

Maria: acho que mãe que é mãe não se vai importar, porque para ter um filho, acho que vale a pena ficar com essas marcas.

Eu: então as marcas, tanto faz, quer dizer não faz mal ficar com elas?

Maria: não. Porque vai mudar completamente a vida de uma pessoa.

Eu: como? Em que sentido?

Maria: as rotinas vão ter que ser diferentes. Temos que estar... não podemos pensar agora só em nós temos que pensar nos nossos filhos, temos que arranjar mais tempo para eles, para fazer coisas com eles. Não podemos ter, por exemplo, fins de semana livres como tínhamos antes, agora se calhar temos que ficar com eles. Não podemos fazer tantas coisas como queríamos fazer. Muda muita coisa.

(Silêncio) risos

Eu: mas ainda assim achas que o saldo é positivo?...

(silêncio)

falaste-me das marcas que ficam no corpo... e pensando novamente no que pode ser a experiência de estar grávida...

Maria: acho que a nossa mente também vai ficando mais aberta. Vemos as coisas de forma diferente, depois de engravidarmos, pensamos em coisas que pensávamos antes, passamos a pensar de forma diferente...

Eu: podes explicar um bocadinho melhor?

Maria: em relação por exemplo a este assunto, a gravidez, passamos a ter uma ideia diferente do que era antes de engravidarmos. Podemos ter uma ideia passamos a ter outra.

Eu: em relação ao que pensávamos antes...

Maria: ah... por exemplo, podíamos achar que a gravidez era uma chatice, que só dava trabalho e depois quando engravidamos podemos pensar de outra maneira, e que engravidar é uma coisa muito boa, que gostamos.

Eu: e o que é que pode ser assim a melhor coisa?

Maria: é passar mais... é passar tempo com o filho.

Eu: passar mais tempo com o filho...

E pensando num sentimento associado... melhor sentimento de estar grávida?

Maria: ah... emoção, felicidade...

Eu: que mais palavras vêm à ideia?

Maria: afecto, carinho...

Eu: e coisas menos boas?

Maria: dor, trabalho... cansaço...

(silêncio)

Eu: ok...

(silêncio)

já pensaste de outra maneira em relação a este assunto? Quando eras mais nova? Terá mudado alguma coisa?

Maria: sim, se calhar mais nova... quando era mais nova pensava: ah! Vou ter imensos filhos, vou ter uma família enorme, vou gostar muito e tal. Agora eu penso de outra maneira, penso: vou ter um, dois filhos, vou tentar dar-lhes uma vida boa mas se tiver bastantes talvez não consiga dar isso então... penso de outra forma.

Eu: lembras-te quando é que pensavas assim, que ias ter muitos filhos?

Maria: ah... talvez 7 anos mais ou menos.

Eu: e o que é que te terá feito mudar de ideias?

Maria: ah... era mais ou menos aquilo de... vai dar muito trabalho, só que acho que vai depois valer a pena, depois de todo o tempo...

Eu: ganhaste mais consciência do que era preciso...

Maria: sim...

Eu: tinhas essa ideia, ter muitos filhos... não ter filhos não...

Maria: sim também já pensei. Já pensei no lado positivo e lado negativo de ter filhos e não ter filhos.

Eu: não pensando nessa parte do trabalho que pode dar. Pensando como és agora, uma adolescente, o teu corpo diferente, já não és a mesma de quando tinhas 7 anos, já não é uma ideia que esteja tão longe (embora possa ainda faltar imenso tempo). Neste sentido, o facto de seres uma adolescente, imaginas isso de maneira diferente?

Maria: sim. Agora penso de outra maneira... vai se ouvindo muitas coisas, vai-se pensando de outras maneiras, vai... a consciência fica diferente, pensamos tudo de maneira diferente, vamos pensando os aspectos positivos, negativos ...

Eu: e o que é que fez a consciência ficar diferente?

Maria: histórias que se vão ouvindo...

Eu: histórias que se vão ouvindo... histórias que vêm de fora... mas alguma coisa mudou em ti que fizesse ter essa consciência diferente?

Maria: á medida que vamos ficando mais velhos vamos... vamos conseguindo perceber as coisas de maneira diferente. Depois vamos raciocinando e vamos pensando nisso.

(silêncio)

Eu: hum... que poderá ajudar uma adolescente a perceber a gravidez?

Maria: ah... podemos perguntar a pessoas que conhecemos, como é que e, como é que foi estar grávida, podemos procurar, pesquisar sobre isso, em livros, na televisão. Há muitos sítios onde podemos encontrar essa informação.

Eu: e não pensando tanto no que podemos ter vindo de fora. Centrando-te mais em ti, com a tua história, com a tua vivência... centrando-te em ti e no que tu sentes o que me poderias contar mais sobre a gravidez?

(aqui ela reage muito rápido)

Maria: ah... já houve muitas vezes que eu pensei: ah se calhar é melhor não ter um filho porque... por exemplo há familiares meus que decidiram não ter filhos. Pronto porque gostavam mais de viver... dessa maneira de viver, de não ter tantas preocupações, viver mais... sozinhos pronto.

Aah... e depois há outros familiares que decidem ter filhos. E eu vou pensando o que é que será que... porque é que será que as pessoas pensam isso? Vou pensando se calhar é melhor ter um filho se calhar é melhor não ter... o que é que pode ser bom ou que é que pode ser mau? O que eu quero para a minha vida no futuro?...

Eu: estamos a referir-nos ao processo todo e que chega ao fim bem e que a criança nasce e temos o filho já nos braços. E se fizermos esse mesmo exercício de pensar, partindo de nós, o estar grávida, que imagem é que vem assim a cabeça?

Maria: aah... é quase como ter um plano. Se não tiver um filho, eu penso o que é que será que eu vou fazer? Trabalhar, casa, trabalhar, casa. Se tiver um filho se calhar vai ser diferente...

Eu: então gravidez projecto de vida? É um plano. Mais do que a coisa em si...

Se tivesses que representar, num desenho por exemplo, a palavra gravidez?

Maria: desenhava talvez uma mãe a agarrar a barriga ou com o filho ao colo... é a primeira coisa que me vem à cabeça.

Eu: uma mulher a agarrar a barriga... que será que ela sente nessa situação?

Maria: deve-se sentir... deve ser uma sensação diferente porque nunca passamos por aquilo não sabemos como é que é. Ver o que pode acontecer, como é que vai se a nossa vida...

Eu: quando dizes o que vai ser a nossa vida... falas no tal projecto, no plano. E se pensarmos mais no aqui e agora?

Maria: acho que a pessoa que esta grávida vai sempre pensar no futuro. No presente está...

Eu: mas no presente também deve sentir qualquer coisa...

Maria: sim... há-de estar feliz... acho que é sempre um pouco a pensar no futuro. Esta feliz porque há-de ter um filho se tudo correr bem, acho que é sempre a pensar no que pode vir...

Eu: a gravidez remete sempre para um projecto de vida, um plano...

Maria: por isso é que quando às vezes acontecem abortos as pessoas ficam desiludidas, ficam muito tristes porque já estavam a pensar como é que iria ser a vida, o que é que ia mudar... e depois voltam a perceber que isso não vai acontecer. E...

Eu: e sobre essa ideia de um aborto, do projecto que não se concretiza...

Maria: nunca estamos à espera. Quando uma pessoa está grávida não vai pensar: ah, vai-me acontecer um aborto. Não, a pessoa pensa sempre no que é que pode vir a correr bem, no que é que a vida vai ser. Então, quando isso acontece essa pessoa sente-se estranha, sente-se mal porque já estava a planear... então é uma coisa inesperada.

(silêncio)

Acho que é sempre assim, na gravidez é sempre pensar no que é que pode vir a acontecer durante a gravidez.

Eu: e achas que ao longo da gravidez é diferente ou...

Maria: não, de início vai-se pensando... no início é a fase de choque por assim dizer, vai-se pensando tudo muito rápido. Ainda se tem a opinião que se tinha antes, à medida que o tempo vai passando, vamos percebendo o que é que vai mudar.

Eu: vai mudando ao longo do tempo...

Falaste primeiro numa fase de choque? Podes explicar um bocadinho melhor?

Maria: quando sabemos, quando recebemos a noticia que estamos grávidas pensamos em tudo. Como é que vai ser, como é que se vai chamar o meu filho, o que vai acontecer, o que eu

tenho que mudar. Pensa-se tudo de uma vez, depois à medida, as ideias vão-se pondo no lugar e vai-se mudando, pensando de outra maneira.

Eu: e é assim porquê?

Maria: a ideia vai assentando, vamos perceber melhor o que se vai passar então vamos raciocinando e vamos pôr as ideias no sitio. E vamos mudar o nosso pensamento.

Eu: e o que faz mudar o pensamento?

Maria: acho que é mesmo o tempo, o passar do tempo vai-nos fazer... vamos pensar de outra maneira.

Eu: acho que podemos terminar. Obrigada!

Anexo B – Entrevista Joana

Eu: Podes falar-me sobre o que pensas sobre a gravidez?

Joana: Eu acho que as adolescentes têm todas uma ideia diferente sobre a gravidez, não é. Há sempre adolescentes que são mães muito novas, há outras que não querem ser mães sequer, pronto.

Eu ultimamente mudei completamente a minha ideia à cerca da gravidez. Eu era daquelas meninas que estava coiso de ser mãe, adorava ser mãe, aos 20 anos, nova não sei quê. E agora começo a perceber que talvez não possa ser mãe tão nova, como queria, 20, 21.

E acho que mudei a minha opinião... e ultimamente... eu achei piada ser este o tema, porque descobri que tenho uma colega minha da escola com 16 e já está grávida de 5 meses. E achei uma coisa do outro mundo já estar grávida. E fui falar com ela e perguntei-lhe e ela disse que, gostava da ideia de ser mãe tão nova porque não ia ser daquelas mães velhas que tem 50 e que a filha só tem 20 ou 10 pronto. Mas por outro lado que achava que tinha estragado a vida dela, que não ia conseguir acabar os estudos ou ir para a faculdade ou acabar o curso. E, eu mudei um bocado a minha opinião sobre isso porque, acho que agora tenho que fazer primeiro a minha vida, tenho que primeiro arranjar... acabar um curso, arranjar um emprego, e depois pensar em ser mãe. Mas obviamente eu adorava e acho que a gravidez não é assim uma coisa tão simples quanto estar com um namorado, arranjar um namorado, um rapaz ai à balda, depois ser mãe 9 meses depois e ficar com um filho assim no meio do nada, não é.

E, acho que essa é a minha opinião sobre a gravidez, acho que não se pode fazer assim de cabeça fria, acho que tem que se ter cuidado. Que se tem que prevenir algumas coisas, não é. E tem que se ter cuidado com a idade com o tipo de rapaz que se escolhe etc. Acho isso é tudo muito importante.

Eu: Disseste que mudaste a tua opinião e o que é que mudou? Ou o que fez mudar?

Joana: Fez-me crescer um bocadinho, porque eu antigamente achava que... eu dizia: oh mãe posso ser mãe assim para os 16, 17? A minha mãe dizia: claro que não. Estas maluca! Vais ser mãe agora aos 16, 17, já estas a planear essa coisa tens 14 e já estas a planear!

Não mãe mas eu quero ser mãe nova! Agora já não, já acho que só quero ser mãe lá para os 25, 26, 27. E mudou um bocado isso, porque antigamente eu achava que era - ah! Olha estamos

grávidas, temos o filho, depois os filhos ficam com os nossos pais ou ficam em qualquer lado e depois nós vivemos a nossa vida normal, continuamos a sair, a estar com amigos. Só que se calhar não é assim. E acho que foi isso que mudou um bocado na minha opinião.

Eu: E nessa altura em que dizias à tua mãe ou pedias autorização à tua mãe para ser mãe aos 16, 17 anos, o que é que isso de ser mãe significava para ti?

(risos)

Joana: Lá está! Significava ter uma barriga grande e andar ali com o bebé, depois o bebé nascer sem dor nenhuma e pronto tá feito! E se calhar não é assim, a minha mãe também... tive uma prima minha que agora também foi mãe aos 21 e que nem sequer conseguiu acabar os estudos, mas ela está super feliz, está com uma menina, a menina é linda. Mas pronto, não é nada daquilo que nós idealizamos.

E a minha mãe explicou-me – olha filha não é bem assim! Estás ali 9 meses a levar com o bebé, estas ali 9 meses com a barriga a crescer com vómitos, com dor de cabeça, com má disposição, a ter que ir ao médico. Pode acontecer qualquer coisa, um aborto, qualquer coisa. Não é bem assim. Não é só ter ali um bebé e depois nascer assim sem mais nem menos. Obviamente que começa a aparecer aquelas dúvidas - ah será que quero ser mãe? Será que no parto dói muito? Será...

Muda tudo não é. Acho que há uma idade em que nós mudamos completamente a nossa opinião sobre a gravidez.

Eu: Então de início há uma ideia diferente da gravidez. Se quiséssemos descrever como seria?

Joana: Um bocado tipo uma novela. Encontramos um rapaz, vamos ter com o rapaz, fazemos o que se tem de fazer para ficar grávida (risos), depois está se ali 9 meses... É tipo uma telenovela, tanto estamos muito magrinhas e com o corpo muito coiso como de repente tamos com uma barriga gigante. Depois na hora do parto ninguém ouve gritos nem nada disso, vê-se o bebé de repente a nascer, esta todo limpinho a vir para o colo da mãe, e é muito feliz! E se calhar não é assim tem que se passar por muitas outras coisas.

Mesmo de mentalidade tem que se crescer imenso, para ser mãe nova. Eu pelo menos tenho certeza absoluta que agora não tenho essa capacidade para ser mãe com esta idade, não é? Nem queria. Mas mudei completamente nesse sentido. Acho que é isso que muda.

Eu: Então é mais o sentido da realidade?

Joana: É exactamente. Nós pensamos que é tudo ficção e não sei quê. E de repente quando nos mostram factos nós ficamos a perceber que aquilo não é só ficção, só beleza. Também há a parte da dor... e acho que isso pode mudar a opinião de qualquer pessoa.

E mesmo com o facto de fazer ginástica, com os estudos e não sei quê, é impensável agora eu ficar grávida e abandonar a ginástica que ando há 13 ou 14 anos. E que com 1 ano já andava ali a fazer cambalhotas e agora para ser mãe tinha que abandonar isso, tinha que abandonar os estudos, e eu não quero isso. Não é o que eu pretendo.

Eu: pensando na ideia de estar grávida, mesmo, o processo em si, o que é que? O que vem logo à cabeça?

Joana: Responsabilidade.

Vem logo uma palavra à cabeça que é responsabilidade. E estar grávida realmente é responsabilidade. E é sentir que... eu não sei esse sentimento não é, mas é o que toda a gente diz, é sentir que temos algo em nós que... cá dentro que é mesmo nosso e que nos pertence e que foi feito connosco e que vai ser nosso para o resto da vida. E é uma responsabilidade... gigante. Estar a ver a barriga a crescer e o bebé desenvolver-se e ecografias e etc., saber se é menino ou menina, acho que isso muda tudo na realidade. Ter responsabilidade acima do que nós somos capazes com esta idade. Pelo menos com esta idade.

Eu: quando é que achas que era uma idade em que a pessoa já é?

Joana: Depende de pessoa para pessoa. Mas acho que a partir de 24, 25 anos já se começa a ter ali uma maturidade que... se pode pensar, sim agora quero ser mãe, agora queres ter essa responsabilidade e podes pensar em realmente ser mãe. Se tiver a vida composta. Depois lá está é sempre os problemas de emprego, estudos, etc., etc. É sempre esse problema. Mas acho que a idade em que se pode começar a pensar nisso, que se tem maturidade para se começar a pensar nisso é aos 24, 25 por aí nunca antes disso.

Eu: Há pouco falavas de sensação mais física de ter o bebé cá dentro e saber que é nosso, algo que vem de nós... pensando mais na gravidez em si... podes descrever um bocadinho melhor o que querias dizer?

Joana: não sei... não sei explicar... é diferente, é... uma sensação que deve ser uma coisa estrondosa saber que está ali qualquer coisa que o nosso corpo vai mudar completamente, que as hormonas vão ficar todas... como as grávidas dizem, desejos e etc. E... não sei... é um bocado curioso pensar nesse sentido da gravidez, na parte física, mesmo no desenvolvimento, porque é estranho saber que um bebé está ali e vai mudar completamente o nosso físico, o nosso psicológico se calhar, o facto de as nossas hormonas se mudarem todas, de termos o desejo de comer coisas estranhíssimas ou de fazer coisas estranhíssimas e acho que é uma coisa que também temos que ter em mente, que quando eu estiver grávida ou... qualquer outra pessoa estiver grávida se calhar vai mudar tudo em termos de corpo físico e de feições, de barriga. Já não vamos ter aqueles abdominais todos definidos, vamos ter a barriga se calhar mais flácida ou... que se calhar não vamos conseguir dormir todas as noites e isso vai nos fazer ficar com olheiras e isso assusta um bocado, mas acho que depois compensa. Acho que toda a gente acha que compensa, depois...

Eu: Então se pudéssemos pensar nesse aspecto mais físico...

Joana: Se pensássemos só no físico acho que nenhuma mulher seria mãe. Acho que toda a gente tem medo de mudar o corpo, como é que vai ficar a seguir, de olhar-se ao espelho e não ser aquela pessoa que era antigamente... e mesmo hoje em dia, olhamos para as nossas mães e pensamos se calhar tens aí uma gordura que se calhar fui eu que fiz e isso é mau e agora queixaste disso, se calhar estas te a queixar de uma coisa que eu fiz... e sei lá... que ficou com estrias ou sem estrias e se calhar nós pensamos... um bocado mau se pensarmos só na parte física, é muito bonito ver a imagem de uma grávida não é, e aquelas fotografias todas bonitas que se tira, agora depois as consequências da gravidez, na parte física, acho que ninguém seria mãe... eu pelo menos não sei... pensava duas vezes antes. E por exemplo eu ando na ginástica, trabalho todos os dias para ter um físico óptimo e com abdominais e pernas bem duras e etc., e de repente de um dia para o outro ter um filho e o meu corpo mudar todo, não me agrada essa ideia. Penso duas vezes... antes disso... da parte física.

Eu: E para além dessas alterações mais físicas, mais visíveis, que se consegue olhar e identificar: as estrias, a barriga descaída... tirando essa parte que é visível de fora, o que é que achas... que é que acontecerá para além disso?

Joana: faz-me imensa confusão pensar nisso... porque mesmo nas aulas de ciências que se estuda essa parte e... por exemplo numa exposição que eu fui ver que é do corpo humano, não sei se sabe qual é que é?

Eu: sim, sim.

Joana: Pronto, fui ver. E na parte em que chegamos ao bebé e percebemos o que acontecia dentro e ver lá bebés e ver como eles eram naquela altura, e o feto e tudo isso, acho que faz... a mim faz-me imensa confusão pensar nisso. E quando estamos numa aula de ciências e a stôra diz – ah porque o útero e não sei quê e alarga e... faz-me imensa confusão pensar nisso tudo. Acho excelente e uma coisa fora do vulgar nós termos capacidade para fazer isso, capacidade para ter outra pessoa dentro de nós... e todas as alterações que o nosso corpo faz por dentro, desde aparecer leite na mama ou qualquer coisa desse género. Acho que é uma coisa do outro mundo pensarmos nisso e... não me assusta essa parte. Acho essa parte mais... é um fenómeno engraçado e que não nos compete a nós, não é. Mas acho engraçado pensar nisso, nas mudanças que o corpo da mulher faz.

Eu: quando dizes não nos compete a nós?

Joana: não nos compete a nós as mudanças que há por dentro, a questão de se criar ali o bebé e de o útero ficar maior ou de o leite aparecer na mama. Não nos compete a nós isso vai acontecer a partir do momento em que estamos grávidas, e se não acontecer é uma coisa fora do vulgar. Normal é ficarmos com... e eu acho isso inacreditável. Não fazemos nada para isso mudar... por exemplo para ficarmos com uma barriga maior ou mais pequena pode-se fazer um tal exercício ou... as mudanças físicas das estrias, como eu estava a falar há bocado, isso pode-se mudar, pode-se trabalhar para que isso desapareça, agora a parte de dentro... acho que isso é uma coisa fora do vulgar, não nos compete a nós isso mudar isso muda e ponto final não podemos fazer nada. Não vamos fazer uma operação para tirar o resto do leite da mama e etc. Acho que isso não se faz... é estranho pensar que não somos nós que mandamos nisso.

Eu: hum, hum... é um processo que... anda sozinho.

Joana: pois!

Eu: e esse facto de acontecer sem a pessoa controlar. O não ter controlo sobre uma coisa que acontece em nós. A não ser que se interrompa o processo. Mas na cabeça da mulher, à medida que isso está tudo a acontecer o que é que achas que se esta a passar?

Joana: Não sei... acho que a mulher vai desenvolvendo uma parte, talvez do cérebro que nunca tinha desenvolvido antes. O pensar que agora começo a ter leite para amamentar a criança, agora começo a ter a criança mais desenvolvida, acho que isso muda o psicológico completamente de uma mulher e... pode criar problemas no psicológico de uma mulher?... pelo menos na minha opinião, e acho que muda completamente... acho que a mulher fica a pensar de uma maneira completamente diferente. E... começa a... e sentir as mudanças que começam a acontecer deve ser estranhíssimo... (risos) deve ser uma coisa do outro mundo mesmo!

Eu: quando disseste que podia criar problemas psicológicos? O que é que querias dizer?

Joana: Não sei... em algumas mulheres pode causar arrependimento, pensar agora fiz isto e não há volta a dar, a não ser que faça um aborto, não há volta a dar, agora estou toda para aqui trocada... pode gerar arrependimento, pode gerar o sentimento de agora o que é que eu faço, e não saber o que se faz. E acho que esse é um problema que acontece mais nas pessoas que são mais novas. Acho, que por exemplo esta minha colega que ficou agora grávida, eu fui falar com ela, esta de 5 meses, já sabe que é uma menina, ela tem 16 anos e ela só dizia: eu não sei o que se está a passar aqui, eu estou... tenho 16 anos e estou grávida de 5 meses de uma menina e agora estou toda trocada, já não penso o que pensava, já não quero o que queria... mudei completamente a minha opinião sobre vários assuntos. Não tenho paciência para nada, não tenho paciência para aturar nada. E eu fiquei tipo a olhar para ela super assustada, não é! Não saJoana que isso podia ser assim... não saJoana que o psicológico da mulher podia mudar assim tanto por causa da gravidez... e isso assusta-me.

Eu: Que parte é que te assustou?...

Joana: Assusta-me o facto de... se às vezes eu já não me sinto bem no meu psicológico, por exemplo, ou quando temos um problema com amigas, ah ficar chateada, agora aquela está chateada comigo por isto ou por aquilo, ou ah o meu pai agora está chateado comigo por causa disto e daquilo, não me sinto bem com o meu psicológico... se eu estivesse grávida... eu com o meu pai

posso ir ter com ele e posso pedir desculpa, posso tentar mudar as coisas. Com uma amiga e fazer me sentir me bem comigo mesma. Agora... estar grávida... eu não sei explicar mas pensar nisso e estar mal.. é um estar mal diferente. Não se pode fazer nada para aquilo mudar. É agora vou ter que levar para o resto da minha vida com isto, e acho que isso... essa parte assusta-me, pensar que quando eu estiver grávida não vou poder voltar atrás e vou ter que... porque para mim, na minha opinião o aborto não é nem questão. Acho que a partir do momento em que acontece, acontece e ponto. Tem que se acartar com as coisa não é. E com as responsabilidades. Mas agora pensar, eu não queria isto e agora tenho isto e agora o que é que eu faço? Acho que é uma situação de desespero muitas vezes. Na parte psicológica.

Eu: pois... o não se poder alterar, andar para trás e...

Joana: pois exactamente. O mudar as coisas.

Eu: ok. E pensando, agora que tens 16 anos... 15 anos, achas que o facto de teres esta idade e estares nesta fase do teu desenvolvimento, com as mudanças que vão acontecendo no teu corpo. Esta é uma altura em que o corpo muda muito rápido não é. Achas que isso te fez pensar de maneira diferente estas questões ou?...

Joana: Fez pensar, é claro que fez pensar. Nós mudamos, se calhar começar a ficar mais altas, ou ter mais peito ou qualquer coisa desse género, nós começamos a sentir diferentes e... de alguma forma constrangidas para... que as outras pessoas... pronto, nós estarmos assim num sitio. Uma coisa é irmos à praia e estarmos na descontra e não há mal nenhum. Outra coisa é: ah será que me vai aparecer o período? Será que isto está bem se está mal? Não sei quê... e acho que estar grávida ainda se pensa mais nisso não é. Será que o bebé está numa boa posição? Será que eu estou numa boa posição para o bebé? Será isto será aquilo. Acho que muda completamente, e acho que eu com 15 anos e com as mudanças que começam a aparecer no corpo, acho que ponho isso muito em questão, de pensar agora já me sinto mal com as mudanças, se já me sinto constrangida ou se já não sei o que hei-de fazer quanto mais um dia mais tarde quando estiver grávida não é. Faz-me ter a certeza que não tinha capacidade para ser agora mãe, de todo.

Eu: quando dizes que te sentes constrangida com algumas coisas do teu corpo? Estas a falar de quê?

Joana: porque eu era uma pessoa que adorava estar na praia e estar à vontade e fazer um pino, fazer uma ponte e não ter medo que a parte de cima saía, ou não ter medo que a parte de baixo fique torta. Ou que o rapaz ali ou que a rapariga ali estejam a comentar se o meu fato de banho está pequeno ou está mal posto e hoje em dia já tenho que ter essas preocupações normais, já não me posso sentar como eu quero, já tenho que estar assim à menina, já não posso estar à vontade na praia e fazer uma roda sem ter medo que a parte de cima caía ou qualquer coisa do género. Já não posso ir para a água e saltar de algum sítio porque já tenho medo que a parte de baixo saía ou qualquer coisa do género. E algumas alturas do mês pensar, ai agora não posso ficar aqui muito tempo... ou vou ficar suja ou vou sujar a toalha de alguém. É sempre diferente pensar nessas coisas não é? E antigamente sentia-me muito mais livre quanto a esse assunto, agora não sinto tanto mas... por outro lado também é bom, sinto-me maior, mais adulta, psicologicamente, e isso é bom.

Eu: E já alguma vez tinhas pensado na gravidez, sem ser assim uma coisa referente a ti, mas o pensar na gravidez, por exemplo por ter alguém próximo, conviver com alguém que estivesse grávida?

Joana: sim, convivi. E isso fez-me pensar de maneira diferente porque eu nunca tinha posto em questão ficar grávida, nunca. E sempre pensei noutras coisas, sempre tive prioridades diferentes do que... ficar grávida agora ou com namorados nem nada. Nunca tive isso como prioridade. Sempre tive como prioridade os estudos, a família e a ginástica. Sempre foram as minhas duas prioridades. E por exemplo quando a minha prima ficou grávida e me veio contar que tava grávida, eu tipo, tu estudas, tu estas no meio de um curso, estas no 1º ou 2º ano de um curso, vais acabar assim, vais deixar assim... e jogava futebol na altura. E vais deixar de jogar futebol, tu adoras futebol como é que isso vai ser? E a família? Agora não vais estar tanto comigo? Como é que isto vai ser? Não te vou ter para te contar tudo. Porque se calhar a minha prima é uma das pessoas que eu desabafo mais em termos de tudo e mais alguma coisa. Desde fazer porcarias, ser mal educada, é com a minha prima que eu desabafo tudo. E senti aquela coisa de, será que te vou perder porque agora vais estar grávida? Será que isso vai mudar? Mas não mudou nada, agora a bebé já tem 4 ou 5 meses e não muda nada, continuo a tar com ela, ela agora continuou a jogar futebol, retomou os estudos e isso faz-me pensar que se calhar pode-se ser mãe e continuar a ter aquelas prioridades. Mas é completamente diferente... ela recusa imensas vezes um jogo de futebol, falta imensas vezes à aula porque tem que tem que estar com a menina, falta imensas vezes a tudo e isso faz-me pensar

que isso não é assim tão fácil quanto parece. E fico coiso por causa disso. Tira logo da minha cabeça a possibilidade sequer de engravidar nos próximos tempos.

Eu: E o que é que será o mais atractivo? O que acabaste de dizer será o menos atractivo, o trabalho, o ter-se que abdicar de coisas que se fazia antes. E o mais positivo?

Joana: Acho que é sempre bom, é aquela questão de olhar para o bebé e sentir que é nosso, que fomos nós que fizemos, é nosso, pertence-me. E... ter as outras pessoas que dizem, ah o teu filho é tão giro! É tão parecida contigo. Isso é qualquer coisa. Sentir que qualquer coisa é nosso, sentir que aquilo não nos larga de certeza porque eu sou mãe, porque eu vou mandar portanto, não o vou perder. E acho que isso é bom, é uma sensação de segurança, e de ter ali qualquer coisa que é nosso e que nos pertence e que muito dificilmente nos vão tirar. Acho que isso é a parte reconfortante da gravidez, o ter ali... saber que agora é nosso, somos nós que mandamos. Que podemos educar da nossa forma, podemos defender os nossos princípios, acho que isso é tudo bom não é. Acho que é a parte mais feliz da coisa.

Eu: é engraçado dizeres: agora é nosso! Se tivesses que descrever um bocadinho melhor isso como podia ser?

Joana: Não sei... é uma sensação que acho que ninguém sabe descrever... aquela sensação de olhar para o bebé e pensar tu saíste de mim, estas aqui e és meu ou és minha e ninguém me vai tirar e és a minha coisinha fofa, que eu vou educar com o máximo de cuidado, e que vou ter que acordar durante a noite para ir ter contigo e acho que nós podemos sempre pensar no lado mau das coisas, do e... não vou dormir durante não sei quanto tempo e vou ter que fazer horários e vou ter que mudar a minha rotina. Mas depois acho que vale tudo a pena, o facto de acordar e olhar e do bebé só nos querer a nós e só querer o nosso colo e muitas vezes chorar se não está connosco ou se não nos vê. Acho que isso tudo é uma sensação espectacular e obviamente eu gostava de experimentar essa sensação. E acho que tenho tempo para a experimentar. Acho que não tem que ser já agora imediatamente.

Eu: Claro.

Joana: E acho, obviamente, que eu, a sensação que tenho disso de olhar para a bebé e isso tudo, acho que é uma sensação diferente do que a mãe sente não é... a mãe sente aquilo, aquilo esta a acontecer. Nós só supomos, é igual a pensar, ah eu agora vou ter 18 anos posso tirar a carta,

posso conduzir, posso sair de casa quando eu quiser e ninguém me chateia, posso ficar sozinha e pensar sozinha, eu sozinha e comigo só. Acho que nós pensamos nisso do género, vai acontecer e é fixe! Mas depois chegamos aos 18 anos se calhar vemos aquilo de uma maneira completamente diferente e pensamos, se calhar eu gostava de ter 15 para os meus pais me dizerem não faças isto, não faças aquilo. Ou conduz desta maneira ou daquela e acho que isso também acontece quanto à gravidez.

Eu: A responsabilidade atrai e não atrai...

Joana: É isso, é exactamente isso.

(pausa) sorrisos

Eu: ok.

E... a tua mãe alguma vez te contou assim alguma história de...

Joana: A minha mãe antigamente nem sequer punha em questão eu pensar sequer na gravidez. Mas obviamente com as histórias que vão... ah, uma menina com 16 anos tá grávida ou outra que foi mãe muita cedo, a minha mãe, chegou uma altura em que se sentou comigo no sofá e disse assim: olha nós vamos ter que falar sobre isto, é assim tem que acontecer Beatriz. E eu: pronto, então fale lá mãe. A minha mãe assim: oh Beatriz tem que ter imenso cuidado e não sei quê. E eu: sim, mãe eu sei. E tens que pensar quando estas com um rapaz, quando estas com um namorado, se ele te puser a mão em qualquer lado tu tira. Dás-lhe uma chapada, faz o que quiseres mas não deixes! E eu: oh mãe eu acho que tenho mentalidade para isso.

Eu acho que a minha mãe está sempre naquela coisa do... será que ela faz alguma coisa? Será que ela está com um rapaz? Será... e eu acho que a minha mãe devia ter em parte, mais... confiança em mim porque acho que... algumas jovens que são completamente malucas e querem é saídas e noites e etc., eu acho que eu não sou bem assim. E a minha mãe, quando eu me deparei com ela a vir e querer ter uma conversa sobre isso, é que ainda por cima foi tudo no mesmo dia. Foi a conversa do tabaco, foi a conversa da bebida, foi a conversa de estar com um rapaz, foi a conversa de ser mãe, foi a conversa de tudo e mais alguma coisa. E eu quando a minha mãe teve aquela conversa comigo, pensei assim: mãe vais mesmo ter esta conversa comigo? Vais-me contar coisas que eu nunca... e a minha mãe contou-me, olha quando a mãe estava grávida de ti ou da

mana, a mãe muitas vezes sentiu que perdeu o controle, sentiu que agora vai ser completamente tudo diferente, e agora estás cá tu, está cá a mana. A mãe trabalha, o pai trabalha, tu andas na escola, a mana anda na escola. Portanto não tens que ficar com essa ânsia de... mas também tens que ter cuidado, porque a mãe por exemplo de ti ou da mana já não queria engravidar e se calhar aconteceu portanto tens que ter cuidado com essas coisas, sempre que aconteça alguma coisa ou queiras contar alguma coisa podes confiar na mãe, podes confiar no pai, podes confiar na prima, na avó e na tia, etc.

(risos)

E isso faz nos pensar que se calhar temos aquela pessoa para ir ter mas... depois quando chega a hora... neste caso não estou a falar bem da gravidez porque isso nunca me deparei com a situação de ter que ir contar à minha mãe - Mãe tive com um rapaz e aconteceu aquilo. Nunca me aconteceu ainda... ainda não aconteceu. Mas acho que quanto a outras coisas, de sair e beber uma cerveja ou sair e experimentar um cigarro... acho que é uma sensação completamente diferente e olhamos nos olhos da nossa mãe e dizemos... agora como é que eu vou dizer que experimentei dizer ou agora como é que eu vou dizer que experimentei fumar. Como é que eu vou dizer que beijei alguém. Mas... eu sempre tive a sorte de poder chegar e poder ter o à vontade de poder dizer, - mãe olha , experimentei fumar e não gostei ia-me vomitando toda, foi horrível, uma sensação nojenta. E a minha mãe dizer, pois eu avisei-te, que ia ser assim, mas ainda bem que já experimentaste, agora ao menos não queres experimentar mais. Sim, mãe. E quando eu beijei algum... pela 1ª vez um rapaz, e fui a correr ter com a minha mãe e disse – mãe, mãe, mãe eu dei um beijinho! E não sei quê... a minha mãe, a sério? Mas foi abusado? não foi? Como é que foi? E eu: não mãe não foi nada abusado, eu não deixei! (risos)

É uma sensação diferente! E acho que com a gravidez... quando for com a gravidez acho que é uma coisa completamente diferente. Eu vou ter que chegar à minha mãe e dizer: mãe olha tive relações com um rapaz, se calhar ha a possibilidade de eu estar grávida.

Ou: olha que se calhar vais ser avó! Acho que isso é uma coisa que acho que não estou pronta para falar com a minha mãe sobre isso. Nem acontecer isso, quanto mais. E mesmo o meu psicológico, eu não estou pronta para sentir que... já tive com um rapaz ou há a possibilidade de eu estar grávida. Acho que não estou pronta para isso. Acho que as mulheres antes de fazerem isso

têm que estar num estado psicológico já de: não, eu quero fazer isto. Eu quero mesmo isto. Quero mesmo estar preparada para isto e acho que eu por exemplo não estou.

Eu: Achas que tem que ser assim um projecto?

Joana: Sim... acho que sim.

Um projecto muitas vezes, não sendo um projecto, também corre bem, só que se for um projecto ainda melhor não é. Se nós já tivermos prontas: eu quero isto. Eu quero fazer isto da minha vida. Eu quero agora ser mãe. Eu acho que isso é diferente. E podemos até a começar a falar antes sobre isso. Olha eu gostava um dia de ser mãe. Estou a pensar nisso. Acho que é muito melhor do que aconteceu e agora o que é que eu faço?

Eu: Quando dizes conversar? Conversar com quem?

Joana: não sei... cada pessoa tem assim um confidente que conta tudo e mais alguma coisa. Eu muitas vezes não é com a minha mãe nem com o meu pai, porque sinto-me constrangida, e sinto que não, não vou contar à minha mãe aquilo ou não vou contar ao meu pai aquilo. Ainda por cima a minha mãe vai-me logo atirar à cara que – não. Tu és uma menina de colégio não podes fazer isso não sei quê... não pode andar aí. (imita a voz da mãe). Pronto, mas acho que isso é completamente diferente, mas por exemplo com a minha prima como eu estava a dizer há bocado, eu chego à minha prima e digo assim: olha eu preciso de falar contigo. E ele diz logo: diz lá o que é que fizeste agora? Eu digo: ai aconteceu isto e aquilo e não sei quê... ela dá-me conselhos, diz-me o que se deve passar o que não deve.

Eu quando beijei alguém fui ter com a minha mãe, na altura fui ter com a minha mãe. Mãe olha beijei alguém! Mas depois fui ter com a minha prima e disse-lhe, olha foi assim e assado, foi com aquela pessoa, foi com o outro rapaz. E a minha prima dá-me conselhos, diz: olhe nunca deixe, olhe nunca faça isto, não tens idade para isso... e acho que cada pessoa tem aquele confidente que tem que ir falar, pode ser uma amiga, pode ser a avó, pode ser um padre no meio da missa, pode ser só uma psicóloga, pode ser qualquer coisa.

Eu: Mas sendo um projecto, tem que haver a partida a outra pessoa que faz também parte.

Joana: exactamente. E acho que a outra pessoa... acho que isso é a parte mais fácil. Acho que isso acontece. Se se gosta da outra pessoa, diz-se assim, olha eu gostava, não gostavas de ter

este projecto, não gostavas de ser pai agora, ou qualquer coisa desse género. Acho que isso é a parte mais fácil, depois contar às outras pessoas é que vai ser difícil.

Eu: Porque é que achas que vai ser difícil?

Joana: Porque há muitas pessoas que julgam o facto de: Vais ser mãe? Vais ter um filho? E vais deixar o emprego ou vais mudar de emprego?

Por exemplo a minha mãe mudou de emprego quando me teve, ela era jornalista e passou a ser professora. É uma coisa completamente diferente. E a minha mãe diz: olha eu recebi muitas queixas. A tua avó não queria nada que eu saísse do jornalismo, ela dizia que eu ia perder muito a minha carreira e não sei quê, mas eu quis sair e agora sou professora e sou feliz.

E acho que falar com as outras pessoas é sempre mais difícil, porque tem-se sempre que pôr ali em questão que façam muitas coisas que não se quer ouvir. Vai-se ouvir bocas, vai-se ouvir muitas pessoas a julgar, - não faças isto, não faças aquilo. E acaba também por estragar um bocado a nossa ideia porque... isso é como qualquer outra coisa, se nós dissermos, quero comprar umas calças vermelhas. Toda a gente vem e diz não compres calças vermelhas, isso é nojento, ninguém usa calças vermelhas. E se calhar acabamos por não comprar as calças vermelhas porque toda a gente e mais alguma tinha dito para não fazer. E acho que com a gravidez é um bocado isso, com a gravidez e não só, nós dizemos quero ter uma filha toda a gente e mais alguma vem ter connosco, tu és maluca, vais ser mãe agora! Vais fazer isso?

Claro que há pessoas que apoiam só que a maior parte não vai apoiar e acho que isso pode mudar a opinião de uma pessoa.

Eu: há bocado quando estavas a dar o exemplo da tua mãe, achas que ela não... se sentiu muito apoiada. Foi muito criticada...

Joana: Não... a minha mãe acabou por ser apoiada só que toda a gente quando a minha mãe disse, quero ter uma filha agora, acabei mesmo agora o jornalismo, sou jornalista, consegui um emprego óptimo, mas quero mudar isto, isto não é o que eu quero para mim, não quero ser uma jornalista que vai para aqui e para acolá e faz grandes reportagens. Não, eu quero ser uma coisa mais simples, se calhar uma professora, se calhar como estive a estudar em Oxford quero ser professora de inglês e quero... e quero ter uma filha agora e quero ser isso. E... acho que obviamente

toda a gente disse um bocado: vais ser agora isso? Acabaste um curso com uma das melhores notas, vais ser agora mãe? Vais mudar isso tudo? Vais mudar a vida?

E acho que a minha mãe obviamente pensou duas vezes quanto a isso não é?... mas toda a gente a apoiou quando ela disse – não, quero mesmo fazer isto. E toda a gente disse, então calma, se quiser mesmo fazer isto então nos vamos todos apoiar para seres mãe, e vamos estar aqui para apoiar e não sei quê. E eu quero que aconteça o mesmo comigo quando eu decida quero ser mãe. Obviamente que eu estou pronta para toda a gente me dizer: és maluca! Vais ser agora mãe? Com um rapaz? Agora... vais viver, vais casar, vais ter filhos? Queres mesmo isso?

Obviamente que se eu disser quero fazer isso e quero ter filhos, quero que toda a gente me apoie, e fique lá ansiosa para saber se é menino ou menina, ansiosa por saber se nasceu bem ou nasceu mal ou... eu quero isso para mim e tenho pena das pessoas que não o têm.

Eu: percebi há bocado que tinhas uma irmã mais nova. E lembraste da tua mãe estar grávida?

Joana: Perfeitamente. É das coisas que melhor me lembro.

Eu: Tinhas... (acho que ia perguntar que idade ela tinha)

Joana: tinha imensos ciúmes.

Eu: tinhas muitos ciúmes?

Joana: imensos, imensos. A minha mãe chegou a casa e disse assim: olha vais ter uma mana. E eu: vou ter uma mana? Mas a mãe está maluca, está-se a passar? Vou ter agora uma mana?

Sim vais ter uma mana, filha. Vai chegar. A mãe soube hoje que está grávida. E depois foi-me mostrar as ecografias todas e o teste e não sei quê. E eu só pensava, não vais nada que eu não quero. Não quero ter uma irmã cá em casa pelo amor de deus. E lembro-me que nos primeiros tempos sentia muito que... aquela era a minha irmã mas que eu não saJoana o que havia de fazer com ela. E que imensas vezes os meus pais me avisam, olha que... porque eu e a minha irmã às vezes temos aquelas disputas, temos 6 ou 7 anos de diferença. A minha irmã diz: eu quero brincar com as bonecas e eu digo: não, não vais brincar com as bonecas que eu não quero. Não vens para aqui agora brincar para a sala que eu estou aqui a ver televisão, ou estou aqui com amigas. E acho

que isso foi uma das coisas que... eu lembro-me perfeitamente de... e os meus pais estão me sempre a avisar: olha que a mana... não discutas, não faças isso, que a mana vai ser a única pessoa que tu vais ter um dia mais tarde, depois eu e a mãe vamos embora, e tu ficas com a mana sozinha. São as únicas pessoas de sangue. E eu normalmente ponho sempre esse assunto para o lado, digo: ai pai, não digas isso! Mas obviamente eu tenho a consciência disso, e antigamente tina ciúmes e não gostava nada de ter uma irmã – não, não quero ter uma irmã, não quero que ela venha para aqui, que chata não sei quê... mas obviamente que eu tenho a noção que um dia mais tarde vou ter que me apoiar na minha irmã e a minha irmã em mim. Acho que isso é obvio.

Eu: e ainda de quando a tua mãe estava grávida. Como é que tu olhavas para a tua mãe?

Joana: eu lembro-me perfeitamente que a minha mãe estava sempre maldispоста, a minha mãe estava sempre a vomitar-se toda, super maldispоста com dores de cabeça e dizia sempre: não me chateiem que eu estou grávida e não sei quê. (risos)

E eu lembro-me bué bem que ia sempre lá ter com a minha mãe, a dizer: mãe, quer um chá? Eu vou fazer um chá. Eu com 7 anos. Venha cá que eu faço um chá, umas torradas, não sei quê. O meu pai: ah não que eu faço.

Mas eu lembro-me perfeitamente que a minha mãe estava sempre maldispоста e eu estava sempre a pensar: ah agora ainda por cima ficou grávida e está sempre maldispоста. E agora vou ter uma irmã e tenho a minha mãe maldispоста e agora já não vou ser a menina pequenina da família e mimada e coisas desse género.

E lembro-me que a minha mãe grávida estava sempre maldispоста, sempre a vomitar-se toda, sempre cheia de dores de cabeça, sempre a chatear-se comigo e a dizer: ah agora apetece-me Santini! E o meu pai ia e comprava Santini. Agora apetece-me *MAC*! E o meu pai ia e comprava *MAC*. Agora apetece-me não sei quê do aeroporto! E o meu pai ia até ao aeroporto comprar aquilo. E eu ficava... sentia-me um bocado... à parte, porque o meu pai estava a dar muita atenção à minha mãe. E a minha mãe estava a dar muita atenção à gravidez, e eu sentia-me um bocado ali... não sei, sentia-me com o pé atrás – agora vou ter uma irmã como é que é como é que não é? A minha mãe está aqui e eu não sei o que é que hei-de fazer, e pronto, sentia-me assim com a minha irmã.

Eu: a tua mãe foi a grávida com que conviveste mais próximo? E a tua prima talvez.

Joana: Sim foi as duas pessoas que eu tive mais próximas.

Eu: E há alguma semelhança entre as duas?...

Joana: O facto de estarem sempre maldispostas e a vomitarem-se todas (risos). Mas de resto de feitio e da parte psicológica, a minha mãe estava sempre preocupada – ah será que o bebé está bem? Será que não. A minha prima não. Ia jogar futebol, ia fazer isto, ia fazer aquilo, ia andar de avião e fazer exercício. E nós: Catarina estas grávida não podes fazer isso! Tens uma bebé na barriga, por amor de deus tem juízo! Ah! Não faz mal que o bebé tem que se habituar que quando ele nascer também vai ser assim, vamos andar sempre a ir para o shopping e... e é verdade, a minha prima com a bebé de 4 meses, a minha prima vai a todo lado e mais algum com a bebé. E se tiver que levar a bebé para uma viagem leva, e se tiver que deixar a bebé com a minha tia deixa, e não tem problema nenhum.

A minha mãe não. A minha mãe é muito mais mãe galinha e preocupada com aquilo – será que o bebé agora está bem? Será que tem água? Será que o bebé está a comer bem? Será que eu Estou a fazer uma alimentação boa? A minha prima não. Era: como o que me apetecer e o bebé que se safe! Se não se safar não se safou. Era sempre assim. E agora o bebé está bem. E nasceu ótima. Sim foi engraçado.

E a parte do momento mesmo antes do bebé nascer, eu fui ter com a minha mãe, antes da minha irmã nascer, e a minha mãe estava supre nervosa – será que isto vai correr bem? Será que a tua irmã vai sair bem? Será que isto vai correr tudo bem? Estava super preocupada.

Quando fui ter com a minha prima, antes dela ter o bebé, estava já no hospital, já tinham rebentado as águas, ela estava lá na boa a beber água, ver televisão – ah olha está-me a rebentar as águas. Será que é agora? Vai ser agora não vai? Vai, vai ser agora. Ah então dêem-me lá a epidural para eu ser mãe. Pronto foi mais descontraído! E eu quando for mãe acho que quero ser como a minha prima. Estar ali descontraída, sem dores.

Eu: Porque será que a tua mãe estava assim tão?...

Joana: não sei... porque a minha mãe talvez fosse mais velha. A minha mãe tinha 35, 36 quando a minha irmã nasceu. A minha prima tinha 21, portanto, é uma diferença completamente diferente. A minha prima estava muito mais descontraída, estava... não quero saber. Não é não

quero saber porque ela preocupa-se imenso com a bebé mas era do género, estás me a chatear muito vê lá. A minha mãe não, era muito mais protectora, era... a minha mãe tinha se calhar a noção que aquela ia ser a última bebé que ela ia ter, não tinha ideias de ter mais filhos não é. E estava com aquela preocupação de, isto tem que correr tudo bem para eu ter duas filhas e está tudo bem. A minha prima não, esta é a primeira e ela quer ter pr' ai mais cinco filhos. Sem preocupação nenhuma.

Eu: Tinhas 7 anos quando a tua mãe estava grávida. Falaste-me dos ciúmes que tinhas. Mas... quando nos dizem olha vais ter uma mana, se calhar nem se percebe muito bem o que isso significa, é um bocado abstracto, ainda por cima quando se olha para a outra pessoa e não se vê nada. Depois para além dos ciúmes e de pensar que aquilo depois com outra ali no meio pode não correr muito bem e depois qual é que vai ser o meu lugar aqui no meio disto tudo. Tirando essa parte, quando olhavas para a tua mãe o que é que pensavas que estava ali a acontecer?

Joana: Eu olhava para a minha mãe, e pensava – mãe, está tudo bem? A mãe está aí um bocado maldisposta. Está tudo bem com a mãe? Quer alguma coisa? Passa-se alguma coisa? Mas eu pensava sempre será que isto está a ir tudo bem? Será que a minha mãe está a fazer tudo bem? Será que a minha irmã vai nascer? Tinha sempre aquela preocupação, obviamente tinha os ciúmes, tinha a parte dos ciúmes de não querer ter uma irmã, e qual é que vai ser o meu lugar a seguir a isto tudo aqui no meio. Só que tinha sempre aquele pensamento de que, não vai ter sair tudo bem para depois ter uma irmãzinha para eu brincar, havia sempre aquela parte de, e será que a minha mãe, que está tudo bem com ela? Será que a minha mãe precisa de alguma coisa? Estava sempre com essa preocupação com a minha mãe.

Eu: Isso era mais a preocupação com a tua mãe...

Joana: Sim, sim era mais pela minha mãe.

Eu: Mas não questionavas o que estava a acontecer? Ela estava a ficar diferente? Se calhar era a primeira vez que estavas a pensar: ok isto é uma grávida. Isto é ter um bebé, isto acontece assim... aos 7 anos.

Joana: Por acaso foi nessa altura que a minha mãe teve... teve a bebé, e eu foi logo ai que eu pensei... vi a minha irmã e pensei, eu quero ser mãe! Quero ser mãe agora! Tinha 7 anos ou 8 anos. E eu: quero ser mãe agora. Mãe, posso ser mãe agora? A bebé é tão querida, a bebé é tão não

sei quê... depois quando a minha irmã começava a chorar eu pensava – cala-te! Já não te posso ouvir! Por amor de deus!

Mas eu reparava nas mudanças da minha mãe, via a minha mãe a mudar completamente, a ficar maldisposta, tanto estava bem disposta como maldisposta e tanto estava muita feliz como estava muita triste e a chorar. E depois perguntávamos: mas porque é que está a chorar mãe? Ah! não sei, porque estou grávida e apetece-me chorar, deixe-me chorar. Pronto chorava. Depois ria-se à gargalhada, depois um bocado bipolar. Foi uma gravidez um bocado bipolar, mas lembro-me de pensar – a minha mãe está completamente mal, parece que está bêbeda. (risos) parecia que a minha mãe estava completamente bêbada, ou que se tinha drogado ou qualquer coisa do género. Tanto estava bem como estava mal, e eu pensava – isto é uma grávida? Não sei se quero ser grávida. Mas depois quando a minha irmã nasceu, quero ser! Quero ser mãe!

Mas agora mudei outra vez de opinião.

Eu: Já falamos de imensas coisas...

Joana: Sim o tempo nem passa aqui.

Eu: ah... pensa lá comigo para ver se há mais alguma coisa que possas acrescentar, que seja importante referir.

Joana: Não sei... eu nem sequer estava pronta para vir para aqui, portanto estava completamente... não é a primeira vez que participo em estudos mas... e ainda por cima sobre a gravidez...

Eu: mas ainda sobre a gravidez da tua mãe. E pelo que contaste, foi assim um momento em que a pessoa fica um bocado... em termos físicos é uma mudança...

Joana: É, é. E ver a barriga a crescer – mãe a barriga está maior que ontem. Não está nada. Está, está maior que ontem. E depois no dia a seguir: mãe, a barriga hoje está maior que ontem, a mana hoje já está mais crescida. E no entanto agora eu olho para trás e penso eu era mesmo muito, muito parva mesmo. Então a barriga estava maior de um dia para o outro?! Mas é sempre aquela ansiedade de – e hoje o bebé está maior, e hoje o bebé não sei quê, e está a dar pontapés aqui e sente ali. E pronto é sempre muito bom, mas depois também pensamos é o pontapé que se calhar é muito engraçado sentido de fora mas se calhar de dentro dói que é uma coisa doida. A minha

mãe estava sempre a dizer: ai o bebé está aqui numa posição, está-me a doer. E eu ficava do género: está a doer mas está onde? E a minha mãe: está aqui debaixo da costela. E eu: mãe, por favor não diga isso debaixo da costela... o bebé? Está tudo bem?

E acho que é esse sentimento que também sinto mais... gostava de sentir. Mas não era para depois ter o filho era só para sentir essa sensação e depois acabou e já não estou grávida.

Eu: O que é que era bom de sentir?

Joana: Sensação de dar o pontapé e estou aqui a sentir o pé e estou aqui a sentir a cabeça, e estou aqui a sentir que agora está lá o alto, e coisas desse género. Deve ser uma coisa... assim o interior. Devemos pensar assim uma coisa completamente fora do vulgar. Está a dar a volta o bebé, ou está a dar um pontapé, ou está-se a sentir aqui a cabeça dele, ou quando se está a ser mãe o medico dizer: está a sair! E nós estarmos a pensar – ok, é só mais um bocado. Deve ser uma sensação... mas depois a responsabilidade que vinha a seguir não...

Eu: Essa parte física que estavas a descrever que era assim o que te atraía mais de sentir, podes explicar um bocadinho melhor. Porque é que querias sentir essa parte?

Joana: Porque gostava de sentir qual é a sensação de estarmos assim no meio de um café ou qualquer coisa do género e de repente o bebé dar um pontapé e sentir-se ali o pé dele, e sentir que a cabeça dele está aqui mal posta e como é que eu vou tirar isto daqui, pronto... eu gostava de sentir isso. Gostava de sentir que tenho qualquer coisa dentro de mim que vai nascer e que agora me está a dar um pontapé aqui na barriga e coisas desse género. Gostava de sentir essa sensação.

Eu: Sentir que tinhas alguém dentro de ti. Porque é que isso era bom?

Joana: Não sei... talvez o sentir, aquilo que eu estava a falar há bocado, do sentir que é nosso, só nosso e que ninguém vai poder tirar isso e que quando o meu filho me chatear eu posso dizer: cala-te e vai para o quarto! E chega!

E pronto, e é também a parte de quando sentimos isso, sentimo-nos mais velhos, sentimo-nos mais maduros. Agora isto é meu. Agora eu tenho que tomar conta disto e isto não vai desaparecer assim de um momento para o outro, se deus quiser né. E acho que isso é uma sensação de pôr as outras pessoas à frente de nós, porque até lá nós pensamos muito, será que eu hoje estou gira? Será que eu hoje estou bem? Será que a minha barriga está já tonificada para o verão? E acho

que quando nós temos um filho nós passamos a pensar completamente ao contrário – será que o meu filho está bem? Será que precisa de alguma coisa? Será que precisa de leite? E pomos tudo à nossa frente, e acho que isso é completamente diferente, essa sensação de saber que agora vou ter que pôr o meu filho à minha frente, e poder sentir, acho que é uma coisa espectacular. Eu gostava de sentir isso. É essa parte que eu gostava de sentir.

Eu: É um privilégio que só nós mulheres podemos ter...

Joana: Exactamente.

Eu: Como é que será que os rapazes pensam sobre isto?

Joana: Eu tenho uma opinião muito diferente nisso. Acho que os rapazes, simplesmente vamos ser pais, agora tenho relações sexuais contigo, depois tu és grávida, estás grávida, és mãe e acabou. Pronto. Ponto final parágrafo.

Eu: achas que não...

Joana: Acho que a parte sentimental, o bebé está mais ligado à mãe do que está ao pai mas... por exemplo, a minha mãe está sempre a dizer que eu imensamente ingrata porque eu sou a menina do papá, e eu adoro estar com o meu pai e adoro ir para todo o lado com o meu pai e fazer tudo com o meu pai. E a minha mãe está sempre a dizer – és uma ingrata, estive contigo nove meses na barriga, e agora nem sequer me dás valor e não sei quê. Obviamente que é a brincar mas... não sei acho que as mulheres têm sempre aquela... obviamente eu tenho sempre aquela ligação com a minha mãe. É a minha mãe ponto final parágrafo. Ninguém ma tira! O meu pai, obviamente é o meu pai e eu sou a menina do papá mas é uma relação mais de amizade. É um amigo e eu posso contar com ele e desabafar tudo, mas... a minha mãe é aquela pessoa donde eu nasci, é por causa dela que eu existo, é por causa dela que eu estou cá fora, é por causa do esforço dela. Dela ter levado nove meses comigo na barriga e acho que a mãe tem uma ligação completamente diferente com o bebé do que o pai. Apesar do pai também sentir – é o meu filho. É meu. Fui eu que o fiz. Mas é diferente.

Eu: É uma participação diferente...

Joana: É, é uma participação diferente. Apesar de... pelo menos o meu pai e a minha mãe têm uma participação igual para mim. Tanto o meu pai se zanga como a minha mãe se zanga. Tanto

o meu pai dá carinho como a minha mãe dá carinho. Se calhar a minha mãe está mais em cima das notas – e tens que ter boas notas. Tens que ser boa aluna e não sei quê. O meu pai está mais do género – eu sei que tens capacidade para isso, tu fazes sozinha e eu confio em ti, mas têm uma participação igual.

Eu: E achas que o que tu pensas à cerca disto tudo que tivemos aqui a falar, da gravidez e tudo mais, achas que está muito relacionado com o que a tua mãe pensa e que de alguma forma ela te transmitiu isso ou achas que não?

Joana: Sim, sim claro. O que eu defendo é o que a minha mãe defendia. Ser mãe quando eu já tiver a vida feita, ser mãe quando eu já tiver maturidade para isso, nunca ser mãe antes. Ter cuidado com tudo o que possa ser relação sexual com qualquer pessoa. Obviamente que a minha mãe me passou isso mas... apesar disso eu tenho pensamentos muito diferentes da minha mãe. A minha mãe acha uma coisa que eu acho outra completamente diferente.

Eu: Por exemplo assim...

Joana: Em relação a tudo. Desde a minha mãe achar que é muito importante ter-se boas notas às 12 disciplinas e tem de se estar no quadro de mérito e tem de se aprender! Eu se calhar sou mais defensora de que, obviamente temos que ser boas alunas, só que temos que nos dedicar mesmo é aquilo que nós gostamos, e àquelas disciplinas que nós gostamos é que nos dedicamos. E a minha mãe acha que não é nada importante o exercício físico e que não é nada importante ter-se um desporto... eu acho que o desporto é muitas vezes onde eu descarrego todas as minhas energias boas e más. E quando eu estou chateada é para a ginástica que eu quero ir, e quando eu estou chateada é um mortal que eu quero fazer e mostro. Quando eu estou chateada é quando eu faço melhor as coisas, porque eu estou chateada e quero mostrar às pessoas que eu sou capaz. E a minha mãe não acha tanto isso, acha que quando se está chateada ou qualquer coisa do género tem que se estar ali quietinho e pensar para nós e... eu não sou nada assim. Nada mesmo.

Eu: E quem é que te inscreveu na ginástica?

Joana: Foram os meus pais, em conjunto. Mas eu só fui porque a treinadora é nossa prima em segundo grau senão nunca tinha ido. Eu fui porque a minha mãe achava sempre – ah chegas da escola e vais ver televisão o dia todo e isso faz te mal, vais passar a ser uma agarradinha ao telemóvel e não sei quê. E a minha mãe disse não, tens que fazer um desporto. E o meu pai disse:

ah olha aproveitamos, está ali a Tita, é nossa prima em segundo grau, estás completamente em casa. E a minha mãe ao início aquilo era uma ideia para eu ficar um mês ou dois, depois eu ia entrar no... porque eu entrei na ginástica tinha dois anos, era mesmo uma pequenina. Pronto e a minha mãe achava – não, quando fores para o primeiro ano vais começar a estudar depois vais ter mais trabalhos de casa, vais ter isto, vais ter aqueloutro e depois saís da ginástica. E hoje em dia tenho 15 anos e é impensável eu pensar sair da ginástica. Não vai acontecer mesmo. Passou a ser um estilo de vida que eu não me imagino a chegar a casa e a dizer: agora não tenho nada para fazer!... e agora não tenho treino. Não. Eu todos os dias chego a casa e penso – agora vou para o treino. Agora tenho treino. Depois saio do treino às 20h30 e depois vou fazer os trabalhos, depois vou tomar banho, depois vou jantar, depois durmo. No dia seguir acordo – se calhar vou para a ginástica! Vou fazer ginástica.

E eu agradeço aos meus pais por causa disso. Porque eu hoje em dia sou uma pessoa completamente diferente por ter aquele desporto se não provavelmente era uma agarradinha ao computador, e a jogos e etc.

Eu: Não sei se queres acrescentar mais alguma coisa?...

Joana: Não... eu acho que não.

E espero que tenha sido útil.

Eu: Sim. Claro que foi.

Muito obrigada!

Só por curiosidade porque também perguntei à Patrícia, que palavras ou que sentimentos é que ela associava à gravidez, coisas positivas, negativas.

Joana: Eu até apostava que a Maria tinha respondido qualquer coisa do género, amor, sentimentos. Coisas desse género.

Eu não, acho que associaria a responsabilidade, uma coisa que na gravidez é fundamental, acho que associaria sim o amor e a experiência, porque é uma experiência que... e maturidade, porque é preciso uma maturidade muito diferente para se ser mãe. E acho que isso também descreve bem a gravidez.

Eu: Muito obrigada!

Joana: Só faltou o que dizem os teus olhos. (risos)

Anexo C – Entrevista Ana

Eu: Gostava de te ouvir um bocadinho sobre o que pensas sobre a gravidez?

Ana: É assim, eu acho que é uma coisa para pensar no futuro. Porque eu acho, por exemplo na adolescência eu acho completamente ridículo. Temos que ter várias fases na vida e servem para alguma coisa. Nós agora temos que aproveitar a adolescência. E cada fase da vida nós temos que saber organizá-la bem. Mas sim, acho que sim, claro que é uma fase importante da vida, mas tem que ser uma fase em que estejamos estáveis. Com trabalho, com vida para poder sustentar um filho, com condições minimamente aceitáveis, porque é uma criança tem imensos custos... eu pelo menos penso assim. Eu pelo menos penso assim, para mim na adolescência é completamente absurdo.

Sou completamente contra o aborto! Isso eu sou completamente contra. Acho que sim... se for uma coisa planeada e pensada a dois, eu concordo. Acho que as pessoas tem que ter minimamente noção do que estão a fazer... porque não é uma coisa que nós possamos pagar de um dia para o outro, não, é... um filho traz-nos despesas para o resto da vida, é como se fosse uma renda de casa infinita. Tem imensos custos, tem imensas responsabilidades, temos que saber criá-lo, temos que saber dar ordens... acho que primeiro temos que crescer nós e depois dar educação a outros, neste caso a um filho. É o que eu penso mais ou menos sobre a gravidez.

Eu: Falaste me mais na gravidez na adolescência e pensando mais na gravidez em abstracto, ou seja, não remetendo tanto para uma adolescente grávida. Sendo que tu és uma adolescente, estas a falar enquanto adolescente mas tentando falar mais em abstracto. Não sei se me fiz entender?

Ana: Sim... sim, eu percebi. Mas com que exemplo...

Eu: Disseste que a gravidez na adolescência não fazia muito sentido. Disseste: temos primeiro que crescer para poder depois educar outros. Portanto referias-te especificamente a uma gravidez adolescente.

Ana: sim, mas o que eu penso... eu acho que na adolescência ainda estamos a crescer até aos 23, 24, até acabarmos o curso. Porque nós aí vamos querer sair, estar com os amigos, nunca vamos ter tempo. Basicamente nós não paramos em casa, até aos 25 anos ninguém pára em casa. Claro que há aquelas pessoas que não gostam tanto de sair, gostam de querer começar família e não sei quê... eu não discordo. Desde que se tenha, que pensem, que agora é para formar família e encerramos o tempo das saídas, já não vai ser tanta loucura por assim dizer. E sim, se nós estivermos com uma pessoa de que realmente nós gostamos, que achamos que é uma pessoa para

ser o pai dos nossos filhos e que podemos ter uma boa qualidade de vida a 3, a 4 ou a 5. Sim eu acho que faz sentido e acho que não há uma idade própria para se engravidar. Tirando a idade da adolescência. A partir do momento que nós temos estabilidade tanto social como familiar, económica, tudo, acho que faz sentido engravidar, se é uma coisa que nós queremos porque não podemos obrigar ninguém a fazê-lo. Mas eu acho que é importante para, não só para... o país, para o próprio país como também para nós... porque é uma coisa, há quem diga, é assim por exemplo, os meus pais dizem que é a melhor coisa, que foi a melhor coisa que lhes aconteceu, foi nós nascermos, por isso eu acredito que seja, deve ser uma sensação incrível nós podermos ensinar e educar uma criança que veio de dentro de nós, isso eu acho incrível. Tem é que se ter noção das coisas. É o que eu mais ou menos acho sobre...

Eu: Disseste que deve ser uma coisa incrível, pelo menos pelo que te apercebes dos outros. Será que podes explicar melhor o que querias dizer? Porque será incrível?

Ana: (silêncio)

Primeiro foi uma coisa que nós criamos, é como quando nós somos pequeninos, adoramos criar aqueles puzzles todos, construir tudo. Aquilo é como se fosse, não bem uma construção, é uma educação que nós temos que dar, mas é uma coisa que vem dentro de nós, que fomos nós próprios que criámos... e temos que ensiná-lo... educá-lo para ser o que nós queremos, basicamente... porque quando nós temos um filho nós educamo-lo, a educação que nós damos é a que nós queremos que ele tenha. Normalmente acontece, caso outras excepções, mas... o que nós esperamos de um filho é uma reencarnação nossa, supostamente, ou seja, queremos dar-lhe tudo do melhor, dar-lhe uma educação boa para que ele possa seguir os nossos passos. Todas as actividades que os pais fazem com os filhos, todos os momentos... eu acho que deve ser uma experiência incrível ter uma criança nas mãos sabendo que é nossa.

Eu: Falas-te numa reencarnação nossa... o que queria dizer?

Ana: por exemplo, nós quando criamos um filho, pelo menos é o que eu penso sobre isso, quando criamos um filho... queremos que ele tenha mais ou menos a nossa educação, a educação que nós temos sendo boa ou má... nós sabemos que existem crianças que têm outra educação mas isso tem a ver com o meio onde elas vivem, os pais se calhar querem que elas tenham essa educação. Mas eu por exemplo, se eu tivesse um filho eu queria que ele tivesse a educação que eu tive. O

facto de ser bem educado, o facto de ser católico, o facto de tirar um curso, todas essas coisas e passar por todos os momentos... eu acho que nós queremos que os nossos filhos tenham um bocado de nós. Não só fisicamente como também psicologicamente. Todas as características que nós temos também queremos que os filhos tenham algo de cada um de nós, daí haver aquelas comparações do género, ah é igual à mãe, é igual ao pai... ah mas é orgulhoso como a mãe, ah mas é isto como o pai. Nós queremos sempre que, por mais que digamos que: ah não devia ser tão orgulhoso não sei quê... no fundo nós gostamos que seja assim porque quer dizer que é nosso que... que nos identificamos. Não é só identificar, vem do nosso sangue, nós temos alguma coisa em comum...

Mesmo que seja uma coisa não tão positiva é óptimo porque as pessoas... é mais para as pessoas saberem: ok é orgulhoso como a mãe. Mesmo que não seja assim tão positivo, é mesmo igual à mãe. As pessoas adoram isso mesmo que digam que não.

Eu: É o reconhecimento de que é meu filho, não podia ser de outra pessoa.

Ana: É exactamente... não dá para confundir...

Eu: há pouco falavas de algo que vem de nós. O que é que isso pode significar? Quando disseste isso o que é que te veio á cabeça?

Ana: é assim... quando nós temos relações com uma pessoa por exemplo no ver se calhar um bocado restrito por ser católica, eu acho que tem que ser com uma pessoa importante, com quem nós podemos usar a palavra amar... por isso eu acho que é um momento especial e único, supostamente na visão dos católicos tem que ser depois do casamento, ou seja, nós estamo-nos a guardar para aquela pessoa... e quando fazemos, claro que não tem que ser a primeira vez que engravidamos, porque existem imensos métodos para não o ser, mas... como é uma coisa que pode ser pensada, como é um passo importante, que eu acho que a gravidez é um passo bastante importante... eu acho que deve ser uma experiência incrível conseguirmos ver... primeiro vemo-lo a crescer dentro de nós, está a ser alimentado por nós... está a crescer mesmo dentro de nós, nós conseguimos senti-lo, não o conseguimos ver propriamente mas conseguimos transmitir-lhe algumas coisas interiores... e acho que logo aí ele apanha todo, durante aqueles 9 meses, um bocado de nós próprios. Podem dizer que não mas é impossível uma criança ou um feto mesmo estar a nascer e não ter, não conseguir guardar algumas coisas... claro que não pensa, não estou a dizer que

ele está já a pensar mas guardar algumas coisas do sangue... guardar alguns... não sei como é que se diz...

Eu: informação...

Ana: sim informação, deve guarda-la... e logo aí está a crescer, somos nós que o estamos a ensinar a crescer. Logo no processo da gravidez ele come o que nós comemos, logo aí a alimentação conta, claro que não vamos pôr um bebé de dieta logo quando está a crescer. As grávidas conseguem... mas eu acho que ele percebe logo quando a mãe está mal, quando está com dores, quando... tanto que eles às vezes dão pontapés, eu acho que isso não é uma coisa em vão. Deve ser por algum motivo, devem já estar a quer dizer qualquer coisa com aquilo, apesar de nós não percebermos propriamente o que estão a dizer mas já devem estar a querer dizer alguma coisa. Uma forma de expressar.

Eu: Achas que os pontapés do bebé é o bebé a comunicar...

Ana: eu acho que sim. Ninguém faz nada... nós não choramos porque sim, nós não estamos tristes porque sim, há sempre uma razão. A não ser que estejamos mal da cabeça. Não acredito que um bebé esteja mal da cabeça logo à nascença. Por isso eu acho que deve ser a única forma de ele se conseguir expressar, deve ser a única forma, não sei se já há estudos sobre isso, eu acredito que seja alguma forma de ele tentar dizer: eu estou aqui! Eu não sei... se já se sente alguma coisa dentro da barriga não faço ideia, nunca li nada sobre isso. Mas é provável que tenha dores ou uma coisa assim, ou fome, ou mesmo fome... não sei, não sei mesmo porque é... mas ele já se está a alimentar é a realidade por isso, eu não sei o porquê de ele estar ali aos pontapés mas deve ter algum significado de certeza.

Eu: mas estavas a falar-me da questão do alguma coisa que vem de nós, o que a pessoa deve sentir... o ter algo a crescer dentro de si.

Ana : é assim eu... deve ser uma coisa no início se calhar estranha porque não é habito nós termos uma coisa assim a crescer dentro de nós... mas eu acho que dia para dia é um crescimento nosso também... eu acho que nós estamos a evoluir de dia para dia ao ver também o crescimento da barriga, do próprio feto, eu acho que deve ser bastante... deve ser uma experiência extraordinária porque nós estamos... por exemplo na primeira vez deve ser incrível, ver uma criança crescer dentro de nós, algo que nós vimos sempre nos outros... e nos outros nós não temos percepção, ok

podemos ver que aos 3 meses tem uma barriguinha, nos 7 tem uma barriga grande... mas ali nós vemos de dia para dia o crescimento, nós estamos a acompanhar aquilo tudo, nós sabemos exactamente... quando é que temos dores, o que é que estamos a sentir, se temos desejos de alguma coisa, estamos a ver a barriga a crescer propriamente. E todo o processo até lá deve ter sensações incríveis, o facto de quando nós vamos ao médico a primeira vez descobrir que é criança... que é... um ser masculino ou feminino, como é que ele é? Se tem mãozinhas, se tem aquilo. E agora já evoluiu imenso e já podemos saber uma data de coisas. Eu acho que isso deve ser um momento memorável, e cada gravidez é diferente. Eu tenho quase a certeza que a minha primeira gravidez não vai ser igual à segunda, nem a segunda igual à terceira imaginemos. Deve ser... cada uma tem um... apesar de dizerem aquela não custou tanto, aquela não sei quê... se calhar na segunda não ligamos tanto porque não é uma coisa já nova. Não é uma novidade... mas eu acho que cada bebé tem uma novidade própria, tem uma característica própria durante a gravidez, e não só durante a gravidez, mas durante a gravidez cada bebé deve ter uma característica própria.

Eu: hum, hum... é um ser único.

E já tinhas pensado antes sobre isto?

Ana: não... é assim, nós falamos imensas vezes sobre a gravidez na adolescência, porque já acompanhamos, eu pelo menos já acompanhei alguns casos, só sobre a gravidez na adolescência e não sobre a gravidez, porque isso é uma coisa mais banal. Já não é uma coisa tão... é assim agora a gravidez na adolescência também já é um bocado banal mas para mim é chocante na mesma, a mim é uma coisa que faz-me mesmo muita confusão. E eu não me imaginaria a ter uma criança.

Eu: faz-te imensa confusão. O que é que te faz mais confusão?

Ana: A mim faz-me confusão as pessoas não terem cuidado. E também me faz confusão os riscos que nós corremos, porque é assim, durante a gravidez durante a adolescência eu acredito que, as pessoas não tenham a barriga suficientemente desenvolvida para ter uma criança, se não nós nascíamos... quer dizer eu estava a nascer na barriga da minha mãe e já tinha uma criança... acho que cada fase tem... nós estamos a desenvolver o nosso corpo, acho que não é a altura de todo para ter uma criança. não temos assim muita responsabilidade é a realidade, podemos dizer que temos responsabilidade, podemos dizer que fazemos os trabalhos de casa na escola, que temos boas notas e não sei quê. Mas não temos capacidade para ter uma criança, isso até acho que até

certos adultos não tem quanto mais os adolescentes. Não temos forma para sustentá-la, nem qualidade de vida, porque nós queremos é... nós estamos ainda na escola, queremos é ir sair com os amigos, queremos divertir, e acabamos por ter uma coisa a prender-nos. Que muitas vezes é tratado como um fardo a prender-nos, literalmente. Se os nossos pais não tiver condições sociais ou não aceitarem a criança, a criança não vai ter estabilidade porque a maior parte das adolescentes quando engravidam ou não sabem quem é o pai, ou não dizem, ou no dia seguinte já não namoram, nunca vai ter um pai presente e uma mãe... tirando aquelas que vão para instituições, ou mesmo aquelas que acabam por morrer porque abortam.

Eu: Isso num cenário em que corre mal... o pior dos cenários...

Ana: Mas há imensa gente que faz abortos por isso...

Eu: Claro haverá... mas o morrer é o pior dos cenários. Acontecer uma rapariga morrer é...

Ana: Mas eu acho que acontece mesmo porque é um risco que corre. Mas eu acho que também é muito mau uma pessoa abortar, não me interessa não me interessa se tem 3, 4 semanas, é um feto que está dentro dele, já está a crescer. Porque nós éramos incapazes de matar um filho que nós já temos aqui ao nosso lado para deixar crescer o da barriga... e na realidade ele já está vivo, a partir do momento em que está na nossa barriga...

Eu não concordo mesmo com o aborto nem em caso de violações. Existem inúmeras instituições, que podem dar qualidade à criança, e acho que... uma morte... o não dar... quer dizer fazê-la e depois não dar oportunidade para ela descobrir o que é o mundo, acho que é a mesma coisa, não acho que é pior ainda, do que uma pessoa nascer cega, nunca vai descobrir a forma visual do mundo. Mas sim é pior porque estamos a tirar a vida a uma criança.

Eu: há pouco disseste que já tinhas pensado nesta questão. Mas falaste só no caso da gravidez adolescente, porque já tinhas acompanhado algumas?...

Ana: Sim, conheci já duas ou três pessoas que tiveram uma criança.

Eu: da tua escola?

Ana: uma delas é uma irmã de uma amiga minha, que teve... eu acho que foi aos 16 anos. Ela agora tem 18, a Carlota já morreu há 2 anos... (disse meio a pensar alto). Teve aos 16 anos e

conheço outra que engravidou aos 13... e depois conheço aqueles casos que têm aqui aquela coisa para não engravidar...

Eu: sim... sim estou a ver. Um implante...

Ana: sim exacto.

Eu: E enquanto presenciaste esses casos, de pessoas mais próximas o que é que isso te fazia pensar? O que é que pensavas ou sentias na altura?

Ana: O caso da Carlota, foi o que eu... da minha amiga Carlota, da irmã dela, foi o que eu... quer dizer me fez mais impressão. É assim... elas são 6 irmãs, ok agora são 5 porque a Carlota morreu, mas são 6 irmãs, e aquilo é como se fosse mais uma irmã. A Concha tem 3 anos, e a irmã mais pequena tem 5 ou 6, por isso elas tratam-na como se ela fosse mais uma irmã. Mas no fundo é filha da segunda irmã mais velha. Ok, a Sara já trabalha, está a acabar o curso, meteu a menina num colégio. Lá está os pais tem possibilidade para ajudar também. Mas ela conseguiu fazer tudo, esta num colégio, consegue dar apoio à filha, a filha tem tudo, literalmente. É assim nestes casos, não deixa de ser uma prisão porque... ela ainda vive com a mãe, a mãe ia ter que estar a tomar conta das outras filhas, por isso não há assim tanta diferença... ela consegue ir sair à noite, tem liberdade. Também já tem 18 ou 19 anos. E também tinha ajuda, por exemplo a Carlota ajudava imenso com a sobrinha e com as irmãs. Mas acho que agora a Sara é que leva a filha à escola e trata dela e tudo. Mas todas as irmãs ajudam mais ou menos. Só que algumas pequeninas não percebem... é como se fosse mais uma irmã, basicamente. Nem sei se tem consciência que é sobrinha. Nem sei se sabem o que é isso.

Eu: pois não percebem grau de parentesco.

Ana: exacto.

Eu: ok, isto de algum modo foi a forma como ela se organizou. Mas quando soubeste o que é que pensaste?

Ana: Pensei, a Sara vai deixar de ter vida. Não vai ter vida nenhuma social. Deve acabar a escola por ali. Porque é assim, quando nós temos uma criança temos que a amamentar. É impossível a pessoa fazer escola, casa, escola, casa, amamentar a criança e quem é que vai ficar com a criança...ou seja, vai perder pelo menos um ano. Naquele caso não se pôs tanto mas noutros

casos, já pensei... se não têm dinheiro para sustentar a eles próprios como é que vão sustentar mais uma criança. como é que vão dar qualidade de vida aquela criança? onde é que está o pai daquela criança para ajudar? Onde é que vai estar a estabilidade, porque se é feito pelo pai e pela mãe é porque é preciso os dois, para a educação da criança e para tudo o que a criança precisa. Se falta um... eu tenho imensos casos de amigos meus, que não tem um pai ou uma mãe e eu sei que eles tem alguma perturbação. Podem dizer que não lhes faz falta, por exemplo se o pai os abandonou – ah! Não me faz falta sempre vivi com a minha mãe e não sei quê. Mas eu sei que há sempre aquele lado que faz. No caso dos pais que morreram ainda faz mais falta porque cresceram com ele. E isso acontece... tem acontecido ultimamente imenso. Por acaso no meu grupo de amigos.

Perderem pais e irmãos.

Eu: falaste da importância da presença do pai, não sei se é o caso dessa tua amiga...

Ana: sim, quer dizer não vivem juntos. Mas eu por acaso tenho outro caso, também decidiram ter a criança, tinham 18 acho eu e já namoravam há 4 anos, continuam juntos, não vivem juntos porque tem família e não sei quê... mas acho que a criança de 3 anos, está durante o dia com os pais deles e depois uma semana a dormir em casa da mãe e outra em casa do pai. O que não traz estabilidade à criança, mas ao menos está com os dois. A educação é conjunta. Mas eu acho que isto também tem a ver com o poder económico da família, por exemplo se a Sara não tivesse poder económico, nunca podia ter aquela criança... nunca a poderia estar a dar aquela estabilidade, nunca podia pôr a criança num colégio, vestida como deve ser, fazer as actividades que faz com ela, é tudo um factor importantíssimo para a educação e crescimento duma criança. tanto como para a mãe grávida.

Eu: para a mãe grávida em que sentido?

Ana: é importante que a mãe tenha uma boa condição social para ter o acompanhamento que precisa. Porque às vezes por exemplo, com os hospitais portugueses, os públicos são um bocado... pode dar como não, para ser acompanhada devidamente. Eu acho que toda a gente tem direito de engravidar, concordo, mas eu acho que quem tem possibilidade talvez fosse para um hospital que tivesse melhores condições. É o que eu acho. Claro que toda a gente tem que ter direito ao... como se chama?...

Eu: Serviço Nacional de saúde.

Ana: Sim, eu acho que toda a gente tem que ter direito aquilo, por algum motivo somos todos portugueses. Mas por exemplo no meu caso eu prefiro ir para um hospital privado do que um público, não me sinto de todo confortável num hospital público, não pelos médicos que lá há, atenção, mas sim pelas condições que apresentam e pelas pessoas que o frequentam.

Eu: já tiveste alguma má experiência nos hospitais públicos?

Ana: já! Chegar ao hospital e ter 20 ciganos à porta e não perceber o que se estava a passar e afinal era só um que se tinha cortado. E estavam lá 20 à porta. Ou as pessoas que vão despejar os filhos à porta para não ter que me chatear. Isto acontece frequentemente. Ou mesmo aquelas pessoas que vão para o hospital porque não lhes apetece estar sozinhas em casa. Eu acho que devia haver uma punição para isso porque estamos a tirar lugar a outras pessoas que precisam se calhar mais do que aquelas que vão lá passear-se. Acho que só devemos ir ao médico não é por uma dor de cabeça é quando temos alguma coisa que se justifique, porque não é de todo bom ir para um hospital, a quantidade de doenças que se apanha. É uma coisa um bocado desnecessária.

Eu: ainda voltando à gravidez... dizias há pouco que nunca foi um tema que pensasses, mesmo que não se tratasse de tu engravidares.

Ana: Não por acaso nunca foi um tema que pensasse. Nem é um tema muito abordado na sociedade adolescente... é claro que falamos: ah adorava ter não sei quantos filhos. Adorava dar-lhes este nome. Adorava ensinar-lhes isto que eu sei. Mas não propriamente, como é estar grávida com aquela idade, que experiências isso deve trazer. Isso não. Abordamos é muito a gravidez na adolescência, o aborto.

Eu: quando dizes abordamos é entre vocês grupo de amigos?

Ana: é grupo de amigos e mesmo na escola. Falamos muito sobre isso.

Eu: em contexto de aula?

Ana: sim, sim temos várias palestras. E fazemos imensos trabalhos em filosofia, neste caso, sobre o aborto, sobre os métodos contraceptivos, as doenças.

Eu: e no grupo de amigos?

Ana: sobre a gravidez na adolescência. Porque nós não... eu acho que um adolescente pensa no futuro mas não é um futuro... pensa num futuro mais próximo. Por exemplo eu no meu grupo de amigos, todos pensam mais ou menos da mesma forma. Todos querem tirar um curso, todos são católicos, ou seja, perder a virgindade, supostamente, é depois do casamento. Logo ai traz uma distância e não nos leva a pensar tanto no assunto.

Eu: mas ainda há bocado quando dizias que às vezes falamos de quantos filhos quero ter ou os nomes...

Ana: Isso sim... às vezes é uma brincadeira e também pensamos por exemplo... como é que eu vou ensinar o meu filho, discutimos imensas vezes sobre isso. Se o devemos meter num colégio, em que escolas é que o devemos meter, qual será a melhor educação, que regras é que devemos impor... se o devemos tornar católico. Por exemplo, ao falar da religião é uma coisa que nós abordamos imenso sobre os filhos. Se nós queremos que os nossos filhos sejam católicos, se nós os vamos baptizar ou se deixamos isso para uma decisão deles. Coisas assim do género, não abordamos propriamente a gravidez ou a sensação que seria.

Eu: sim, sim. Isso será só uma parte, uma perspectiva do tema. Não quer dizer que estejam a falar do presente. É uma maneira de se expressarem sobre isso. Pelo que disseste não achas que seja uma coisa que os adolescentes pensem ou que queiram?

Ana: ironicamente sim. Do género: adorava agora ter um bebé para... para estar com ele. Acho que é mais... se calhar não tinha que ser nosso. Era um irmão pequenino. Porque quem gosta de crianças... nós na realidade, adoramos as criancinhas pequeninas porque são queridas, porque não nos fazem dores de cabeça. E há imensa gente que diz: ah quem me dera ter um irmão pequenino agora. Sim, isso sim, mas propriamente um filho não. Nunca ouvi.

Eu: As conversas do grupo de amigos sobre isto surge assim em que contexto, em que situações?

Ana: assim por exemplo, no outro dia alguém disse assim: gosto imenso do nome Salvador. E eu disse: ah sim eu adoro nomes grandes para rapazes. E houve alguém que disse: eu quero ter um filho chamado Sebastião. Coisas assim do género. Mais assim por piada, po futuro.

Eu: E tu no futuro como projectas que seja?

Ana: Eu adorava ter 4 filhos. Se eu tiver condições sociais eu quero ter 4 filhos. Mas não vou ter... se eu tiver estabilidade e condições sociais eu tenho 4 filhos mas se não tiver não tenho de todo. Prefiro dar a um, tudo o que posso, tudo do melhor do que dar a 3 ou 4 e ter que dividir.

Eu: E porquê 4? Essa ideia de ter 4?

Ana: Porque eu adoro criancinhas e acho que... acho que aprendemos imenso. É assim não é só com os filhos mas, eu falo em relação à minha irmã, eu aprendo imenso com a minha irmã e ela aprende imenso comigo. Eu acho que 4 é só porque sim, porque eu quero ter 2 rapazes e 2 raparigas. E acho que 4 é um numero bom para quem tem condições sociais.

Eu: Falaste da tua irmã? É mais nova ou...?

Ana: É mais nova. 2 anos e meio mais nova.

Eu: E lembraste da tua mãe estar grávida da tua irmã?

Ana: Nada. Nada. Zero.

Eu: E a tua mãe refere assim alguma historia de quando estava grávida?

Ana: Mais de mim do que da minha irmã. Sim isso refere às vezes mas... por exemplo, tu eras muito mais pesada, tu eras muito mais irrequieta, a Ana era dormia e comia era um descanso, a mariana já não era assim.

Eu: Comparando as duas. E mais até características de depois de nascerem.

Ana: Sim durante a gravidez não me lembro.

Eu: Mais alguma coisa que te ocorra, que queiras dizer sobre o tema?

Ana: Não... porque também nunca foi uma coisa que eu pensasse assim muito. E acho que só quando nós passamos pelas coisas é que pensamos sobre isso.

Eu: e assim de repente quando pensas em gravidez se tivesses que representar numa imagem que imagem é que?

Ana: é assim vêm me duas coisas literalmente à cabeça, a básica que é uma mulher com uma barriga ou então uma mulher com cabelos brancos, literalmente. Porque eu acho que deve ser difícil criar uma criança, e a forma de representar o desgaste e isso, eu acho que é com cabelos brancos ou com rugas na cara ou assim. Eu acho que é o desgaste, desgaste que é como se fosse um pagamento bom, normalmente nós não gostamos de pagar as coisas, é sempre chato estar a pagar isto ou aquilo, mas eu acho que uma criança é um pagamento bom, eu acho que nós estamos a sofrer... para depois ser uma coisa boa. Como trabalhar por exemplo, não tem muito a ver mas, nós trabalhamos e achamos oh que seca, mas no final do mês olhamos para a conta e dizemos: que bom! Tenho agora este dinheiro, posso fazer o que eu quiser.

Eu: Falaste nos cabelos brancos, do esforço que se tem que fazer. E achas que é a única maneira? Tem mesmo que passar por aí?

Ana: Não... eu acho que para termos uma boa educação temos que sofrer um bocado, não só nós crianças como os pais ao dá-la. Porque...a realidade é que deve ser duro ensinar alguém. Por entre aspas regras, dizer agora faz isto, isto e isto porque eu quero. Quando nos mandam fazer alguma coisa nós pensamos, mas porquê que eu tenho que fazer isto? As crianças não sabem o porquê dessas coisas. Se a minha mãe me disser agora: hoje não sais. Eu se calhar sei porquê de não sair. Mas enquanto criança não, então a maior parte das vezes fazem o que elas querem. Por isso é que eu acho que é difícil educar uma criança.